



INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE

Dissertação

Curso de Segundo Ciclo de Estudos em
Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura

2014/2015

OS ESTUDOS DE GÉNERO E OS *MEDIA* – UMA
ANÁLISE À PERCEÇÃO DAS JORNALISTAS
SOBRE O JORNALISMO DESPORTIVO EM
PORTUGAL

Mestranda

Liliana Pêgo

Orientador

Professor Doutor Luís Bonixe

Co-Orientador

Professora Doutora Adriana Mello Guimarães

Portalegre

2015



INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE

Dissertação

Curso de Segundo Ciclo de Estudos em
Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura

2014/2015

OS ESTUDOS DE GÉNERO E OS *MEDIA* – UMA
ANÁLISE À PERCEÇÃO DAS JORNALISTAS
SOBRE O JORNALISMO DESPORTIVO EM
PORTUGAL

Mestranda

Liliana Pêgo

Orientador

Professor Doutor Luís Bonixe

Co-Orientador

Professora Doutora Adriana Mello Guimarães

Portalegre

2015

DEDICATÓRIA

À Augustinha, a flor do meu jardim.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Isabel e Acácio.

Aos meus companheiros de todas as horas, o Bruno e a Ska.

A todos os meus amigos.

Aos colegas fantásticos desta turma de Mestrado, em particular ao Gaspar Garção.

Às jornalistas entrevistadas, pela disponibilidade.

A todos, mesmo todos, aqueles que directa, ou indirectamente contribuíram para que este trabalho fosse possível.

Aos meus orientadores Luís Bonixe e Adriana Mello, pelo apoio, orientação e por aturarem os meus devaneios paranoicos.

RESUMO

Historicamente, o desporto e o jornalismo têm sido mundos dominados por homens. Se juntarmos estes dois parâmetros e falarmos de jornalismo desportivo, esta situação ainda se torna mais evidente.

As estatísticas mostram-nos que as mulheres estão em maioria nos cursos de jornalismo em Portugal, embora estejam em número muito reduzido nas redações direccionadas para o desporto.

Com este estudo, pretende-se saber porque é que essa situação se verifica, questionando se há, nos dias de hoje, algum tipo de discriminação nestas redações desportivas que impeça as mulheres de se imporem, ou se, por outro lado, as mulheres não se interessam em trabalhar na área do jornalismo desportivo, por terem sido tradicionalmente afastadas da prática desportiva.

Foram entrevistadas várias mulheres jornalistas nesta área, dos mais variados meios de comunicação, para falarem da sua experiência, e perspectiva sobre o tema, ajudando dessa forma a responder às questões de partida desta investigação.

Palavras-Chave: Mulher, Desporto, Jornalismo, Portugal.

ABSTRACT

Historically, sports and journalism have been worlds dominated by men. If we add sports journalism to these two worlds, this situation becomes even more evident.

Statistics show us that women are the majority in terms of frequency of journalism courses, in Portugal, but are nevertheless in a very small number in sports newsrooms.

With this study, the goal is to understand why this situation happens, and if nowadays, any kind of discrimination is committed against women, that forbid them to work, or if, in the contrary, women are not interested to work in the field of sports journalism, because they usually don't practice sports.

Several women journalists were interviewed, in the sports area, from different *media*, to talk about their experience, and to give their perspective about this subject, helping in that way in replying to the main questions of this investigation.

Key-words: Women, Sport, Journalism, Portugal.

Índice

1. Introdução.....	8
2. O papel da mulher na sociedade portuguesa nos séculos XIX, XX e XXI	13
2.1. Mulheres: A luta pela afirmação na sociedade	13
2.2. Década de 70: Ponto de viragem	17
2.3. A situação das mulheres jornalistas em Portugal	20
3. Breves notas sobre o jornalismo desportivo em Portugal – do final do século XIX aos dias de hoje	26
3.1. Do jornalismo ao jornalismo especializado	26
3.2. O jornalismo desportivo em Portugal e a dependência do futebol	29
3.3. A imprensa desportiva em Portugal: dos primeiros periódicos aos três diários	35
3.4. A rádio e a aposta no desporto	40
3.5. Televisão: A cores ou a preto e branco, desporto é (quase) só futebol	44
3.6. E tudo o <i>online</i> mudou	50
3.7. Jornalismo desportivo: As mulheres ‘invadem o campo’	55
4. Metodologia	60
4.1. Pressupostos de investigação	60
4.2. Objetivos	60
4.3. Questão de partida	60
4.4. Hipóteses de estudo	61
4.5. Metodologias adotadas	61
4.6. Caracterização do <i>corpus</i>	66
5. Análise e discussão de dados	70
5.1. Do ensino à experiência profissional	70
5.2. Funções desempenhadas e integração na redação	71
5.3. A informação desportiva em Portugal: análise geral	75
5.4. A questão do género no jornalismo desportivo: o domínio dos homens na redação	80
5.5. Discriminação positiva, negativa ou ambas, dentro ou fora das redações	88
6. Conclusão	92
Bibliografia	97
Anexos	104

1. INTRODUÇÃO

O estudo apresentado nesta dissertação tem como objetivo conhecer o ponto de vista das mulheres jornalistas da área do desporto em Portugal, sobre a questão do género no jornalismo desportivo no nosso país, sabendo-se de antemão que as mulheres continuam em maioria nos cursos superiores de jornalismo ou similares, mas em minoria nas secções de desporto dos *media* portugueses.

Para esta investigação, entrevistámos 11 mulheres jornalistas de desporto, para entender porque continuam em menor número e partimos de vários pressupostos: cada vez há mais mulheres a concluir a formação superior em cursos de jornalismo; os estudos de género mostram que, historicamente, o acesso às profissões nos *media* é desigual entre homens e mulheres; ao longo dos anos tem-se verificado uma maior paridade nesse acesso; apesar desta evolução, as mulheres estão ainda pouco representadas em cargos de chefia; as mulheres eram anteriormente afastadas da prática desportiva; e, o jornalismo desportivo é, tradicionalmente, um território de e para homens.

Nesta dissertação, iremos fazer uma breve viagem pelos séculos XIX, XX e XXI, para ficar a conhecer o papel da mulher portuguesa e a luta pela sua afirmação na sociedade, tentando por fim à discriminação sexual, com o surgimento de diversos movimentos para reclamar o direito ao voto, ao trabalho, remuneração equitativa e igualdade de direitos e deveres, reivindicações que atravessaram a Monarquia para a República. Na década de 30 do século passado, estas exigências foram ignoradas pelo regime salazarista, em que eram oferecidas compensações de maternidade e matrimónio, “apresentados como as únicas saídas dignas (e naturais) para as mulheres” (Ventura, 2009)

A persistência levou a algumas conquistas. Na década de 70 do século XX, reconhecida a importância da consagração da igualdade entre mulheres e homens, começou a estudar-se a questão do género em todo o mundo. Em Portugal, o 25 de abril de 1974 trouxe muitas alterações sociais para as mulheres, e 1975 foi estabelecido pelas Nações Unidas como o Ano Internacional da Mulher, ano que marcou também a instituição do Dia Internacional da Mulher pela ONU. Em Portugal, na década de 80 foi estabelecido o Decreto-Lei que previa igualdade de oportunidades no trabalho e no emprego, tendo na década de 90 sido instituídas algumas alterações à lei, para for fim às discriminações (Pimentel & Melo, 2015).

Para este estudo, interessa também perceber a situação das mulheres jornalistas em Portugal até aos dias de hoje. Em 1960, a percentagem de mulheres sindicalizadas no Sindicato dos Jornalistas era de 2%, aumentando 8% nas duas décadas seguintes. (Ventura, 2007) Esse crescimento deveu-se à “chegada feminina em massa de certas profissões” (Subtil, 2000), e depois de décadas em que o analfabetismo era comum entre as mulheres. No final de 2013, foi publicado em Portugal o V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e não discriminação (PNI), para o período de 2014-2017, com vista à promoção da igualdade entre mulheres e homens em diferentes áreas estratégicas, entre elas em termos salariais, com disparidades descritas no “Relatório sobre as diferenciações salariais por ramos de atividade”, de junho de 2014.

Para além das questões de género, apresentamos nesta dissertação breves notas sobre o jornalismo desportivo em Portugal, do século XIX até aos dias de hoje. O desenvolvimento do jornalismo especializado surgiu da segmentação do mercado “como uma estratégia de atingir os grupos que se encontram tão dissociados entre si” (Abiahy, 2000), e que acaba por ser a resposta à “formação de audiências específicas” (idem), dentro de cada sector dos *media* como a imprensa, o *online*, a rádio e a televisão.

O jornalismo desportivo e a dependência do futebol mostram que esta é a modalidade que mais se desenvolveu em termos de cobertura jornalística, de há várias décadas para cá, em Portugal, apesar da popularização do desporto no geral. Isto ocorreu devido à emoção e fanatismo associado à modalidade, “em consequência do envolvimento emocional relevante da identificação com uma equipa” (Tiesler & Coelho, 2006). Os *media* perceberam que o desporto é uma aposta ganhadora, seja na imprensa, rádio, TV ou *online* na internet, aposta feita também pelos principais clubes no país, com a criação dos seus próprios canais de televisão, e publicações impressas.

A imprensa desportiva em Portugal passou por diversas fases, com projetos mais ou menos consolidados, desde os primeiros periódicos dedicados ao desporto no século XIX. Apesar de inicialmente haver um desinteresse generalizado por desporto no país, nos dias que correm são três os jornais desportivos diários.

Na rádio, desde a década de 40 que foi dado destaque ao desporto, com a transmissão de relatos de futebol na Emissora Nacional, arrancando nessa década a produção de conteúdos ligados às diversas modalidades desportivas para rádio. Mais recentemente, foi elaborado um estudo sobre “os valores-notícia, rotinas, temáticas e protagonistas da informação radiofónica portuguesa” na TSF, Renascença e Antena 1

(Bonixe 2012), e que revela que o desporto é um dos temas mais abordados nos blocos informativos.

Também a televisão apostou no desporto desde cedo. “Na sua primeira emissão experimental, em 4 de setembro de 1956, a RTP apostou desde logo no desporto, inserindo a rubrica «Revista Desportiva» no programa inaugural, transmitido às 21h30”. (Pinheiro, 2009), e continua a acompanhar os principais eventos desportivos com antevisões, transmissão com comentários e análise, reações dos principais intervenientes aos resultados obtidos, conferências de imprensa, opiniões dos adeptos, conferências de imprensa e programas de debate em estúdio, não esquecendo a informação desportiva nos noticiários generalistas. A aposta foi também levada a cabo pelos principais clubes desportivos em Portugal, e com a criação de canais temáticos como a SportTV ou A Bola TV.

O *online* veio alterar a forma de comunicar. Com a possibilidade da partilha de texto, fotografia, vídeo e som, percebe-se que a “Internet pode ser rádio, TV, jornal, revista, tudo ao mesmo tempo” (Alves, 2006), meios que também migraram para o *online*, chegando assim a mais pessoas. No entanto, esta ferramenta pode trazer contrapartidas, já que a imperatividade de ser o primeiro a divulgar uma informação potencia falhas.

Após contextualizar o jornalismo desportivo nos diferentes meios de comunicação, será feita uma análise à presença das mulheres no jornalismo desportivo. Em pleno século XXI, continua a ser “visto como algo curioso uma mulher que parece entender de esportes” (Coelho, 2003) e isso parece dever-se à distanciação das mulheres face ao desporto, anteriormente imposta devido a uma alegada incapacidade física para a prática desportiva, uma vez que muitos ainda acreditam que se as mulheres não dominam no desporto, também não farão um bom trabalho como jornalistas.

Nesta dissertação, teremos duas áreas distintas, com subdivisões. A primeira parte é constituída pelo enquadramento teórico e a segunda pela componente prática.

O enquadramento teórico é composto por dois pontos principais: o papel da mulher na sociedade portuguesa nos séculos XIX, XX e XXI, no capítulo 2; e breves notas sobre o jornalismo desportivo em Portugal entre o final do século XIX e os dias de hoje, no capítulo 3. O 2º capítulo está dividido em três subcapítulos: Mulheres: a luta pela afirmação na sociedade; Década de 70: o ponto de viragem; e a situação das mulheres jornalistas em Portugal; enquanto o 3º ponto está subdividido em sete partes: Do jornalismo ao jornalismo especializado; o jornalismo desportivo em Portugal e a

dependência do futebol; a imprensa desportiva em Portugal: dos primeiros periódicos aos três diários; a rádio e a aposta no desporto; Televisão: a cores ou preto e branco, desporto é (quase) só futebol; E tudo o *online* mudou; e Jornalismo desportivo: as mulheres ‘invadem o campo’.

Na componente prática, são dois os capítulos: a metodologia, que integra os pressupostos da investigação, os objetivos, questão de partida, hipóteses de estudo, metodologias adotadas e caracterização do *corpus*; e a análise e discussão de dados, em que faremos um retrato do grau de ensino das entrevistadas, o gosto pelo desporto e experiência profissional. Seguidamente, faremos uma análise ao trabalho desenvolvido na atualidade, e a sua opinião sobre as questões de género que estão na base desta dissertação.

No final, a conclusão terá um cruzamento da informação obtida através deste estudo.

Tendo como objetivo perceber porque é que as mulheres continuam em inferioridade nas redações, a questão de partida para esta dissertação é: qual a perceção que as jornalistas na área do desporto têm face ao jornalismo desportivo em Portugal?

Assim, e com base nas entrevistas realizadas, iremos analisar a perceção das profissionais nesta área, tendo por base as seguintes hipóteses de estudo: o jornalismo desportivo em Portugal é, na segunda década do século XXI, um território de, e para os homens; as mulheres veem o acesso às redações/seções de desporto condicionado por questões de género; chegadas a estas redações, integram facilmente a equipa e adaptam-se nas rotinas e modos de produção; as mulheres lidam com todo o tipo de informação nas redações, independentemente da modalidade desportiva; e as jornalistas são discriminadas no exercício de funções.

Para tal, foram escolhidas onze jornalistas que trabalham na secção de desporto em imprensa, *online*, rádio e televisão e que representam o nosso *corpus*: Ana Carolina Sequeira (A Bola TV), Cátia Colaço (A Bola), Cláudia Lopes (TVI24), Cláudia Marques (Record), Cláudia Martins (Antena 1 e Zero Zero), Filipa Santos Sousa (A Bola), Inês Mota Antunes (Record), Inês Gonçalves (RTP), Mariana Cabral (Expresso), Neuza Campino Padrão (Correio da Manhã, CMTV e Desporto na Hora) e Sara Marques (Mais Futebol).

De forma a responder à nossa questão de partida, foi realizada uma pesquisa qualitativa com estudo de caso. Entre as formas de obtenção de dados, foi escolhida a entrevista, por nos permitir escutar os pontos de vista das intervenientes, tendo as

entrevistas sido realizadas por telefone, devido ao facto de esta ser a forma mais prática de obtenção de dados, face às agendas preenchidas destas jornalistas. As entrevistas decorreram de forma não formal, e apesar de terem por base algumas questões-chave, não eram rígidas, ou seja, eram semiestruturadas.

2. O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE PORTUGUESA NOS SÉCULOS XIX, XX E XXI

2.1. MULHERES: A LUTA PELA AFIRMAÇÃO NA SOCIEDADE

Os estudos de género são cada vez mais frequentes e têm permitido compreender um pouco melhor a desigualdade entre sexos.

As primeiras vozes a insurgirem-se contra os padrões socialmente aceites e que passavam por seguir determinadas profissões e/ou desempenhar apenas as funções de dona de casa, decidiram rumar contra a maré e lutar contra a discriminação sexual. Esta revolução levada a cabo por algumas mulheres precursoras do feminismo, trouxe grandes alterações na sociedade, insurgindo-se contra os padrões moral e socialmente aceites.

Desde o final do século XIX que há relatos de manifestações por parte de grupos de mulheres, para exigir a consagração do direito ao voto, e a melhoria de condições de vida e de trabalho.

A própria Constituição Portuguesa, em vigor até à data da implementação da República, em 5 de outubro de 1910, era clara: liberdade e leis iguais para todos, mas as mulheres não poderiam votar nem exercer cargos políticos.

Criada no pós-regicídio em Portugal, a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas tinha em vista “sensibilizar as mulheres para o regime republicano” (Pimentel & Melo, 2015:127-130), mas com a chegada do primeiro Governo Provisório da República Portuguesa, levou o seu ponto de vista mais além, e apresentou uma lista de medidas a tomar para que a situação da mulher na sociedade portuguesa fosse alterada.

Com a constituição do primeiro Governo Provisório Português, este grupo de mulheres pretendia também que os artigos mais discriminatórios da legislação fossem eliminados, pedindo ainda a consagração do direito às mulheres dos seus próprios bens e o direito ao voto, e ainda à eleição para cargos públicos (*idem*), o que não veio a acontecer. Ainda assim, uma ambiguidade nos termos da lei permitiu a Carolina Beatriz Ângelo ser a primeira mulher portuguesa a exercer o direito de voto, em 1911. A legislação só veio a conceder o direito ao voto a algumas mulheres pelo Decreto nº 19 694, de 5 de maio de 1931, e em eleições para as juntas de freguesia.

A criação no início do século XX de diversas organizações feministas, ainda durante a I República, mostrou que as mulheres queriam verdadeiramente mudar o que lhes era imposto e que, na maioria das vezes, as discriminava. A isso, juntou-se a publicação de textos de muitas feministas na imprensa existente na altura, reclamando o direito ao voto, ao trabalho e a remuneração equitativa, promovendo a igualdade de direitos e deveres.

Estes movimentos surgiram dentro das classes mais altas, republicanas, e tinham, grande parte delas, cursos superiores. Assim, também o analfabetismo era uma preocupação:

“Lembre-se que entre 1890 e 1930, e até depois, o analfabetismo feminino atingiu a maioria das portuguesas. Além do mais, a sua diminuição verificar-se-ia de forma muito lenta: 85,4% das mulheres eram analfabetas, em 1890; 81,2%, em 1911; 76,8%, em 1920; e 74,3%, em 1930.”

(Silva, 1982: 906-907)

Precisamente na década de 30 do século XX, o Chefe do Governo, António de Oliveira Salazar, ignorava todas as reivindicações feministas e regulamentava que o lugar das mulheres era em casa, a desempenhar o papel de mãe, mulher e dona de casa, tudo a bem dos valores da família, como defendia, e onde “são oferecidas as compensações da maternidade e do matrimónio e onde estes são apresentados como as únicas saídas dignas (e naturais) para as mulheres”. (Ventura, 2009: 48)

Na década seguinte, e após a II Guerra Mundial, eram ainda poucas as diferenças na vida das mulheres, havendo no entanto alterações no ensino, já que em 1940, “a taxa de feminização no ensino liceal era já de 33% e, no ensino técnico-profissional, de 18%”. (Baptista, 1999: 153-157, *in* Pimentel & Melo, 2015: 301)

Por ocasião das eleições presidenciais de 1949, foram muitas as mulheres que apoiaram Norton de Matos, candidato da oposição.

Apesar de Salazar ter muitas apoiantes em todo o país, o certo é que do lado do seu opositor estavam muitas mulheres, que para além de opositoras ao regime, mostraram claramente a ambição de que a mulher tivesse um papel diferente na sociedade, participando ativamente na campanha, algo nunca visto até ali, mas que não foi suficiente para garantir a vitória a Norton de Matos.

Em 1950, Maria Lamas relatou as condições de vida de muitas mulheres um pouco por todo o país, num livro que retratava a condição feminina portuguesa da altura.

“Mulheres do meu país” é o resultado de uma investigação feita ao longo de três anos, que descreveu pormenorizadamente e com recurso a fotografias, o suplício do dia-a-dia de cada uma delas, de acordo com as suas ocupações e região do país:

“Quando foi publicado o livro de Maria Lamas, em 1950, as mulheres constituíam 22,7% da população activa. Na indústria, a presença feminina foi sempre maioritária nos têxteis e no tabaco, onde a percentagem de mulheres quase duplicou entre 1930 e 1950, ano em que representavam 80% do pessoal desse sector”.

(Pimentel & Melo, 2015: 296)

No ensino, eram também evidentes as diferenças, com o regime de separação de sexos, com escolas ou turmas separadas. Algumas disciplinas eram igualmente distintas, como as de Educação Física, em que os rapazes tinham um treino mais físico e as raparigas treino de respiração e sem grandes movimentos.

Na década de 50, as maiores alterações surgiram com a uniformização do ensino em 1958, tendo em vista a preparação do alargamento da escolaridade obrigatória para os seis anos.

Já na década de 60, a frequência do ensino primário era semelhante entre meninos e meninas, contrariando o que se verificava nos anos 30, vincada também pelos bons resultados obtidos pelo sexo feminino nos exames dos diversos graus de ensino. O ensino superior era ainda tendencialmente masculino, havendo um maior número de mulheres na área das Letras.

No final dos anos 60, a taxa de feminização no ensino superior em Portugal e em busca de outras áreas que não as tradicionalmente associadas às mulheres, aumentou:

“A situação em Portugal já era nitidamente outra. Por exemplo, a própria revista *Menina & Moça*, da Mocidade Portuguesa Feminina, tentava acompanhar o sinal dos tempos, como era revelador um artigo de 1966, no qual as raparigas, contrariamente ao que acontecia no passado, eram aconselhadas a escolher uma profissão segundo a sua vocação e aptidão”.

(Pimentel & Melo, 2015: 352)

Um maior número de alunos na universidade, e mais atentos ao que se passava na sociedade, levou a que se reclamassem alterações sociais:

“Primeiro em Lisboa, com os incidentes da Crise Académica de 1962; sete anos depois, em Coimbra, os estudantes universitários arriscam e contestam publicamente o regime. A acompanhar a exigência de liberdade e de igualdade, sucedem-se reflexões sobre as relações entre homens e mulheres, nomeadamente rapazes e raparigas universitários”.

(Ventura, 2009:63-64)

‘As mulheres comportadas raramente fazem história’, terá dito um dia Marilyn Monroe, e foram precisamente as mulheres ‘mal comportadas’ que escolheram um caminho diferente do que era tido como normal, que mudaram o rumo dos acontecimentos.

Em 1972, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho Costa, denominadas de ‘Três Marias’, lançaram as “*Novas Cartas Portuguesas*”. Esta publicação revelou algumas situações discriminatórias em Portugal e, entre outros temas, denunciou a situação das mulheres e abordou assuntos como a sexualidade, casamento, maternidade, confrontando a sociedade com temas tabu para a época.

O livro acabou por ser proibido pela censura, e foi aberto um processo contra as autoras, que viriam posteriormente a ser absolvidas apenas após o 25 de abril de 1974, com a ajuda da Revolução dos Cravos, e o apoio de movimentos feministas internacionais.

2.2. DÉCADA DE 70: O PONTO DE VIRAGEM

A década de 70 do século XX marcou um ponto de viragem no que diz respeito aos estudos e direitos das mulheres, já que apenas nessa altura se começou a estudar a questão do género em todo o mundo, e Portugal não foi exceção.

Percebendo a importância generalizada da consagração da igualdade entre mulheres e homens, e o fim da discriminação do sexo feminino, foi estabelecido pelas Nações Unidas em 1975 o Ano Internacional da Mulher, ano que marcou também a instituição do Dia Internacional da Mulher pela ONU.

1975 marcou também o início de uma década dedicada às mulheres, que incluiu a primeira Conferência Mundial das Nações Unidas sobre as Mulheres, na Cidade do México, tendo sido criada ainda em 1979 a Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres.

Na década de 70, “passámos a ver as mulheres como um certo tipo de construção: a que os *mass media* fazem das identidades de género, e das relações entre homens e mulheres” (Silveirinha, 2004: 5). De acordo com a autora, não só os *media* mas também “a escola, a religião e a família eram assim instrumentos fundamentais à obtenção de consentimento público” (*idem*). Estas eram as imagens que se faziam passar das mulheres, e que deveriam ser “aceites como normais” (*ibidem*).

Estes desníveis sociais entre homens e mulheres eram sustentados pelos *media* que através da imprensa, rádio, publicidade e posteriormente a televisão, promoviam o “aniquilamento simbólico” da mulher pelos *mass media*. (Tuchman, 2004: 8)

Estes meios tinham tanta influência na forma como a mulher era vista na sociedade, que a autora defendia que as mulheres deveriam ocupar “posições de influência e poder nos meios de comunicação para que estes mudassem de conteúdos, o que seria uma forma de gerar mudanças a nível social” (*idem*).

Apesar de este processo ainda hoje estar a decorrer, é perceptível que esta incursão das mulheres nos *media* trouxe alterações sociais e de mentalidade.

Os estudos de género são cada vez mais frequentes para uma análise sociológica, que ao longo dos tempos tem mostrado diferenças entre os homens e as mulheres. Depois de serem indicadas como certas para profissões como enfermagem ou docência, havia também aqueles que ‘escolhiam’ as profissões que não seriam próprias para as mulheres.

De acordo com Pierre Bourdieu, pais, professores e orientadores escolares desviavam as mulheres “para bem delas”, de certas carreiras consideradas masculinas e “isso é tremendamente humilhante”. (Bourdieu, 1998: 115)

A mesma opinião é partilhada por Maria João Silveirinha:

“Os *media*, juntamente com outras instituições como a escola, a religião e a família, eram assim instrumentos fundamentais à obtenção de consentimento público. Mais do que espelharem ou reflectirem a «realidade» das mulheres e das relações entre sexos, construíram definições hegemónicas que deveriam ser aceites como normais”

(Silveirinha, 2004:7)

Em Portugal, o 25 de abril de 1974 trouxe muitas alterações sociais para as mulheres. A maior delas, podemos assumir que terá sido a nomeação de Maria de Lurdes Pintassilgo para o cargo de primeiro-ministro, em 1979.

Outra grande alteração, já na década de 80 e no domínio do acesso ao mercado laboral em Portugal, foi a publicação do “Decreto-Lei nº 426/88, de 18 de novembro, [que] alargou à Administração Pública o regime legal, estabelecido pelo Decreto-Lei nº 382/79, de 20 de setembro, de igualdade de oportunidades no trabalho e no emprego”. (Pimentel & Melo, 2015: 390)

Nos anos 90, muitas alterações à lei em Portugal tiveram como objetivo terminar com as discriminações a que as mulheres estavam sujeitas. “Em 1993 (...), o direito das mulheres à igualdade de oportunidades já era amplamente reconhecido a nível jurídico e institucional, bem como parte integrante dos direitos humanos”. (*idem*, 391)

Vinte anos depois da instituição do Dia Internacional da Mulher (assinalado a 8 de março), realizou-se a IV Conferência Mundial da ONU sobre as Mulheres, que teve lugar em Pequim, na China. Nessa altura, foi adotada a declaração e a plataforma de ação, que tinha em vista uma maior integração das mulheres não só nos *media*, como em cargos de chefia.

Ao longo das décadas seguintes e apesar dos esforços das instituições internacionais, pouco mudou em termos de direitos das mulheres na prática.

Enquanto umas se insurgem, outras há que continuam a viver sob a denominada “violência simbólica”. (Bourdieu, 2013: 49)

“As injunções constantes, silenciosas e invisíveis que o mundo sexualmente hierarquizado em que as mulheres são lançadas lhes dirige preparam-nas pelo menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, para aceitar como evidentes, naturais e óbvias, prescrições e proscricções arbitrárias que, estando inscritas na ordem das coisas, se imprimem insensivelmente na ordem dos corpos.”

(idem, 73)

Bourdieu considera que as instituições como a família, a Igreja, a Escola e o Estado são as responsáveis por esta violência invisível e que leva as mulheres a aceitar como normal esta superioridade do homem face ao seu estatuto enquanto mulher, o que significa que “a dominação masculina reúne assim todas as condições para o seu pleno exercício”. (idem: 49)

2.3. A SITUAÇÃO DAS MULHERES JORNALISTAS EM PORTUGAL

Em Portugal em 1960 “havia mulheres jornalistas sindicalizadas, algumas delas desempenhando apenas funções de apoio. As mulheres que chegavam às redações estavam confinadas à secção de sociedade, às páginas culturais, aos suplementos juvenis”. (Alves, *in* Ventura, 2009: 2012)

Virgínia Quaresma e Manuela Azevedo são dois nomes incontornáveis do jornalismo no feminino em Portugal. A primeira, nascida em 1882, foi a pioneira no desempenho de funções na área do jornalismo, já Manuela Azevedo nascida em 1911, foi a primeira mulher jornalista com o título profissional no país.

As duas desafiaram um universo altamente masculinizado e foram bem sucedidas:

“Em 2005, o Sindicato dos Jornalistas recebeu a inscrição de 156 novos associados, dos quais, 90 eram mulheres. Em 1960 – início do período aqui analisado – a percentagem de mulheres sindicalizadas era de 2%, correspondendo este número a dez jornalistas do sexo feminino. Destas, algumas poderiam desempenhar funções de apoio à redação. De dez mulheres sindicalizadas no início da década de 60, passamos a 102 em 1980, o que corresponde a um aumento de 8% em vinte anos”.

(Ventura, 2007:6)

Nas décadas de 1960 e 1970 a incursão das mulheres na imprensa acontecia mediante alguns condicionalismos:

“Percebemos que dentro das redações, as mulheres estavam, com frequência, separadas fisicamente dos seus colegas – à semelhança do que acontecia nas escolas do Estado. Esta separação era justificada pela alegada necessidade de proteger as próprias mulheres”

(*idem*, 2009: 43)

Numa altura em que as mulheres que trabalhavam fora de casa desempenhavam funções ligadas ao ensino e saúde, “por que razão elas escolheram a carreira jornalística

(à época tão pouco afamada e hostil às mulheres) em detrimento da docência, da enfermagem ou outras, consideradas mais apropriadas ao sexo fraco?” (*idem*, 48)

As investigações feitas sugeriam que a mulher deveria desempenhar funções atribuídas ao denominado sexo fraco. A docência e enfermagem eram alguns dos caminhos que o sexo feminino poderia seguir, devendo no entanto fugir a percursos maioritariamente eram atribuídos aos homens como o comércio e o jornalismo:

“O surgimento da nova geração de mulheres no jornalismo acontece em simultâneo com a chegada feminina em massa a certas profissões liberais como a advocacia, a magistratura ou a medicina, tendência que se tem vindo a acentuar desde os finais dos anos 70. Até então, a sua presença acontecia de forma excepcional, acompanhando a dinâmica generalizada de escassa participação das mulheres num mundo laboral protagonizado pelos homens.”

(Subtil, 2000: 1-2)

Em Portugal, a diminuta taxa de mulheres nas redações tinha ainda por base a elevada taxa de analfabetismo, particularmente por parte das mulheres, o que as impedia de seguir carreira na área. Recorde-se que na década de 40, mais de 50% das mulheres no país não sabia ler nem escrever.

De acordo com Filipa Subtil, “as mudanças na distribuição sexual dos jornalistas é um dos aspetos do processo mais vasto de recomposição social do conjunto dos profissionais desse campo”. (Subtil, *in* Garcia, 2009: 97)

No final do ano de 2013, quase quatro décadas depois de se assinalar o Ano Internacional da Mulher, foi publicado em *Diário da República* o V Plano Nacional para a Igualdade de género, cidadania e não discriminação (PNI), para o período de 2014-2017.

Este Plano pretende a integração da perspetiva da igualdade de género na administração pública central e local, e a promoção da igualdade entre mulheres e homens nas políticas públicas, em diferentes áreas estratégicas. São elas a Educação, Ciência e Cultura, Saúde, Juventude e Desporto, Inclusão Social e Envelhecimento, Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, Independência Económica, Mercado de Trabalho e Organização da Vida Profissional, Familiar e Pessoal, Orientação Sexual

e Igualdade de Género, Organizações Não-Governamentais, Comunicação Social e Cooperação.

No documento, são descritas inúmeras situações onde são encontradas desigualdades:

“Os estudos socioeconómicos apresentam, invariavelmente, as mulheres na base da pirâmide social e em situação múltiplas, como seja o caso das mulheres em situação de pobreza, as mulheres rurais, das mulheres imigrantes, das mulheres idosas, das mulheres com deficiência e das mulheres sós com descendentes a cargo.”

(*Diário da República*, 1.^a série — N.º 253 — 31 de dezembro de 2013: 7041)

Uma das áreas estratégicas do PNI é a Comunicação Social, mostrando a sua importância na construção e influência de comportamentos.

De acordo com o Plano, os objetivos das medidas propostas passam pela sensibilização dos profissionais e estudantes de ciências da comunicação, identificação de mensagens sexistas e estereotipadas nos conteúdos jornalísticos e publicitários, e até a criação de um programa televisivo sobre a igualdade de género e não-discriminação.

No entanto, as soluções apresentadas apenas têm como objetivos estratégicos a produção de conteúdos e não a realidade no seio das próprias organizações.

Dados da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, entre 2006 e 2009 (Rebelo *et al*, 2011: 89-96), indicavam que a feminização da profissão se materializava unicamente na categoria de redatores repórteres, sendo que nas restantes categorias profissionais se mantinha uma clara prevalência do género masculino.

A supremacia do sexo feminino, de acordo com esta publicação, verificava-se no grupo etário entre os 20 aos 34 anos. No entanto, a partir daí, a taxa de feminização começa a descer, para atingir valores mínimos entre os 60 e os 69 anos de idade. (Rebelo *et al*, 2011: 45-50)

Tal situação poderá dever-se ao facto de o sexo feminino estar ao longo das últimas décadas em maioria, no que diz respeito à conclusão do ensino superior, e também nas salas de aula.

De acordo com dados da Direção Geral de Estatísticas de Educação e Ciência, no final do ano letivo de 2010/2011, havia em Portugal um total de 87.129 diplomados, nos diferentes ciclos de ensino superior, sendo que 60,4% eram mulheres.

No caso concreto dos cursos de variantes de Jornalismo e Comunicação Social, em 1995, a percentagem de mulheres era já de 73,8% na Universidade Nova, 61% na Universidade Católica e 69,3% na Universidade Autónoma, todas elas em Lisboa. (Garcia, 2009: 94)

A área metropolitana de Lisboa é também a região do país que regista uma taxa de feminização, claramente superior às restantes áreas metropolitanas (43,6% em Lisboa; 33,2% no Porto e 38,7% no resto do país).

Apesar de entre 1987 e 2009, a distância entre a percentagem de homens e mulheres nas redações ter vindo a diminuir, a 31 de dezembro de 2009, dos 6.917 jornalistas habilitados, 59% eram homens.

As mulheres vão ocupando cada vez mais as redações, mas estão ainda longe de uma representação proporcional nos gabinetes de chefia. “Tal desproporção poderá revelar alguma segregação, por género, na escolha de titulares de cargos de chefia”. (Rebelo *et al*, 2011:95)

O mesmo é referido no estudo do *Global Media Monitoring Project* (GMMP), realizado em Portugal entre 2009 e 2010. Segundo este órgão de investigação sobre géneros nos *media*, a presença de mulheres na rotina diária de uma redação cresceu comparativamente a 2005, mas apenas 3%.

Também a balança entre a visibilidade de homens e mulheres não é equilibrada, seja qual for o tema. De acordo com os dados globais, os homens dominam em todos os temas e assuntos:

“In the national case, women (39%) come closer to men in visibility only in Science and Health, but have not yet achieved parity on this topic either. (...) Although women currently dominate in some professions in Portuguese society, they were still not shown equally in most professions and continue to be quite under-represented as newsmakers in key professional categories.”

(GMMP: 2010: 2)

Em termos salariais, foram também encontradas disparidades, descritas no “Relatório sobre as diferenciações salariais por ramos de atividade”¹, de junho de 2014. Os dados utilizados tiveram por base “os apuramentos estatísticos dos quadros de pessoal referentes a 2011 (os últimos disponíveis à data da elaboração do Relatório)”, e analisam a remuneração média mensal e ganho médio mensal, tendo por base “as seguintes variáveis: sexo, idade, nível de habilitação literária e nível de qualificação”².

No total foram analisadas 84 CAE (Classificação Portuguesa de Atividades Económicas) neste relatório, e conclui-se que “em 68 os homens auferem remunerações médias mensais de base superiores às das mulheres, e em 71 os ganhos médios mensais dos homens também são superiores”³. (Relatório sobre as diferenciações salariais por ramos de atividade, 2014: 15)

No ramo de atividade pertencente à secção J – Actividades de Informação e Comunicação, intitulado de Actividades de Rádio e Televisão, os homens estão em maioria em termos efetivos (58,46%). O mesmo acontece em termos salariais: “a remuneração e o ganho dos homens são superiores aos das mulheres em praticamente todos os grupos etários, níveis de habilitações literárias ou nível de qualificação” (idem: 178)

Ainda assim, e apesar de as mulheres ganharem menos 13,10% em termos de remuneração média, e 16,71% em termos de ganho médio mensal nesta área, esta disparidade é inferior à média nacional.

Apesar de aparentemente estar ultrapassada, o certo é que continua a existir discriminação por género, sendo a maior parte das vezes os *media* os veículos propulsores desta realidade.

De acordo com um estudo realizado em Portugal:

¹ Este estudo, desenvolvido pelo Gabinete da Secretaria de Estado de Assuntos Parlamentares e da Igualdade, Gabinete do Secretário de Estado do Emprego, da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), e da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE), conta com a colaboração do Gabinete de Estratégia e estudos do Gabinete do Ministério da Economia (GEE/ME).

² Relatório sobre as diferenciações salariais por ramos de atividade, 2014: 3.

³ Inclui componentes como o trabalho complementar, prémios e outros benefícios.

“A sociedade portuguesa identifica formas de discriminação étnica e de género através da relevância atribuída pelos *media* a estas questões. (...) Discriminação é, por conseguinte, entendida aqui como o conjunto de formas de tratamento diferenciado presente nas diversas instâncias da sociedade, considerando-se que há vários sectores onde se exerce discriminação é, normalmente perceptível quem como um conjunto de emoções de carácter negativo”.

(Ferin *et al*, 2002: 412)

Apesar de ao longo dos tempos a relação dos *media* em relação às mulheres se ter alterado, o certo é que há ainda alguns desníveis e segregação ainda que camuflada e muitas vezes inconsciente em Portugal, semelhante ao que acontece em Espanha e que ficou demonstrado num estudo liderado por Juana Gallego e que visava estudar a imprensa de informação geral e observar as tomadas de decisão nos diferentes níveis de responsabilidade, sobretudo no caso das mulheres.

O estudo realizado em Espanha concluiu que, ainda que grande parte das vezes aconteça sem o notarem, são muitas vezes ‘traídos’, pondo em relevo nos jornalistas “velhos esquemas e estereótipos que parecem esquecidos, e que emergem de vez em quando para escárnio e vergonha dos próprios profissionais”. (Gallego, *in* Silveirinha, 2004: 64)

Pelos resultados destes estudos e publicações já referidos, percebe-se que a discriminação de género ainda é uma realidade também em Portugal, apesar de várias décadas de luta pela igualdade de direitos.

3. BREVES NOTAS SOBRE O JORNALISMO DESPORTIVO EM PORTUGAL – DO SÉCULO XIX AOS DIAS DE HOJE

3.1. DO JORNALISMO AO JORNALISMO ESPECIALIZADO

Desde cedo que se percebeu a necessidade de segmentar a informação generalizada para adequar aos gostos dos leitores primeiramente, e posteriormente também na rádio e televisão.

É certo que não temos todos os mesmos gostos e que há informação que interessa mais a uns que a outros, o que acabou por ditar a segmentação do mercado e o natural desenvolvimento do jornalismo especializado.

Mas quais serão os objetivos?

“O desenvolvimento do jornalismo especializado está relacionado a essa lógica econômica que busca a segmentação do mercado como uma estratégia de atingir os grupos que se encontram tão dissociados entre si. Muito além de ser uma ferramenta mais eficaz de lucro para os conglomerados midiáticos, o jornalismo especializado é uma resposta a essa demanda por informações direcionadas que caracteriza a formação das audiências específicas.”

(Abiahy, 2000: 5)

Os grupos a quem este tipo de informação se dirige esperam ler algo escrito por especialistas da área. Apesar de todos os jornalistas serem jornalistas acima de tudo e só depois jornalistas desta e daquela área, o gosto por um segmento concreto, seja desporto, economia, política ou outra, poderá levar a que o profissional escolha essa área para desenvolver os seus conhecimentos:

“Podemos considerar que as produções segmentadas são uma resposta para determinados grupos que buscavam, anteriormente, uma linguagem e/ou uma temática apropriada ao seu interesse e/ou contexto. Esses grupos agora encontram publicações ou programas segmentados com o qual possam se identificar mais facilmente”.

(*idem*, 6)

O jornalista deverá utilizar no seu discurso uma linguagem adequada ao assunto e que seja entendida pelos leitores/ouvintes/telespectadores, interessados em determinado tema.

No caso do desporto, uma área que exalta grande emoção, a exigência é grande, e os termos usados adequados aos verdadeiros especialistas de bancada:

“Não é tanto a produção em massa que conta, mas a fabricação de produtos especializados a serem consumidos por mercados exigentes e segmentados”

(Ortiz, 1996: 148-149)

No desporto, esta imposição (podemos assim chamar), ‘obriga’ a que os *media* se tenham adaptado, e que se tenha proporcionado o surgimento de comentadores desportivos entre antigos profissionais da área, geralmente (antigos ou atuais) treinadores e atletas:

“O jornalismo esportivo se caracteriza por não possuir estilo próprio ou manual que ensine como descrever fatos ou notícias ligadas aos esportes, mas existem expressões e chavões clássicos do meio esportivo que os jornalistas precisam estar ambientados para utilizar em seus textos”.

(Alexandrino, 2011: 22)

Dados da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista em Portugal, revelam que entre 2006 e 2009, “a situação profissional mais comum, nos colaboradores especializados, é a de trabalharem em regime livre”. (Coelho *et al*, 2011: 139)

Os números mostram⁴ que em 2006, 74 trabalhavam em regime livre e 7 por conta de outrem. Já em 2009, eram 47 os trabalhadores em regime livre e 7 por conta de outrem.

Quanto ao género, em 2006, 66 homens e 12 mulheres eram colaboradores especializados. Três anos depois, em 2009, o número era mais baixo com 55 homens e 8 mulheres mas a percentagem de colaboradores masculinos em relação aos femininos cresce de 85% em 2006 e 87% em 2009.

O mesmo estudo revela que entre os inquiridos, 20 colaboradores trabalhavam em imprensa⁵ em 2006, 6 em multimédia, 4 em rádio e 0 na opção “outro meio”.

No ano de 2009, eram 41 os profissionais na imprensa, 1 em multimédia, 11 em rádio e 10 em “outro meio”.

Estando neste estudo a analisar uma forma de jornalismo especializado, neste caso o jornalismo na área do desporto, será importante perceber de que forma, esta área é tida em conta na imprensa, televisão, rádio e *online*.

⁴ Em 2006, 1 colaborador não indicou a situação profissional. Em 2009 o número sobe para 9.

⁵ Em 2006, neste estudo, 49 profissionais não indicaram qual o meio de comunicação social em que trabalhavam o que é significativo já que representa mais de metade dos colaboradores inquiridos.

3.2. O JORNALISMO DESPORTIVO EM PORTUGAL E A DEPENDÊNCIA DO FUTEBOL

Com a popularização do desporto proporcionada pelo evoluir das modalidades, e em grande parte devido aos Jogos Olímpicos, a procura por notícias relacionadas com atletas, clubes ou seleções nacionais, independentemente do tipo de desporto, aumentou.

A modalidade que mais se desenvolveu em termos de cobertura jornalística foi claramente o futebol que na década de 30 se tornou extremamente popular, e Portugal não fugiu a esta tendência, com cerca de 90% de atenção recebida face a outras modalidades. Para além de grandes acontecimentos desportivos como os já referidos Jogos Olímpicos, e Campeonatos do Mundo e Europa, são também, diariamente, acompanhadas outras áreas ligadas ao desporto, em especial ao designado ‘desporto-rei’, o futebol. O jornalismo desportivo, que acompanha esta área concreta em termos de informação é, no entanto, pouco estudado:

“Não deixa de ser paradoxal que uma área que suscita tanto interesse do público, e que reúne um indiscutível interesse do público, como o jornalismo desportivo, seja tão pouco estudada e, até mesmo, tenha alguma dificuldade em entrar na academia, como se estivéssemos perante um jornalismo menor”.

(Lopes & Pereira, 2006: 8)

O futebol é claramente a modalidade que reúne mais adeptos, sendo também aquela mais acompanhada pelos órgãos de comunicação social em Portugal, particularmente pela imprensa.

“Um novo grande surto na imprensa especializada dá-se no desporto, com a existência em Portugal, a partir de 1995, de três diários (caso invulgar na Europa): *O Jogo, A Bola e o Record*” (Correia, 1997: 37), algo que ainda hoje se mantém.

Também nas rádios generalistas e em algumas rádios locais foram criados programas exclusivamente para notícias de desporto e discussão de temas da atualidade desportiva, e além disso, também as televisões adotaram este tipo de formato para a sua própria grelha de programação.

A importância do desporto estendeu-se progressivamente aos restantes jornais impressos que dedicam algumas páginas e até suplementos a este género jornalístico, sempre com particular atenção para o futebol, sobrando pouco espaço para a divulgação de outras modalidades. Assim, dentro do jornalismo desportivo deu-se outra segmentação com a criação de publicações temáticas, com saída para as bancas de revistas e jornais especializados em motociclismo, hipismo, golf, ciclismo, basquete, desportos náuticos, desportos radicais, entre outros, que têm aproveitado também a internet para divulgar os seus feitos.

A segmentação da informação na imprensa, rádio e televisão e que nos leva ao jornalismo na área do desporto, é algo tido como normal e aceite pela sociedade. É frequente ouvirmos questionar acerca do resultado de determinado clube ou atleta mesmo que a pessoa não seja sequer entendedora da modalidade em questão, mas quase como forma de inclusão social.

O desporto é, sem margem para dúvidas um assunto frequentemente abordado nas conversas diárias, com particular destaque para o futebol, e desde tenra idade.

Num estudo levado a cabo por José Viseu (2006), é perceptível que nas últimas duas décadas se alterou a “importância socioeconómica dada ao desporto em Portugal”, e tal poderá ter a ver “com a profissionalização do sector”.

O desporto no geral e o futebol em particular, fazem parte da lista dos maiores interesses dos portugueses. Percebam mais ou menos da modalidade, o certo é que o futebol é o desporto-rei com maior número de adeptos e também de praticantes.

Dados do Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ) e da base de dados Pordata, mostram que em 2012, existiam 153.530 atletas federados de futebol, não havendo nenhuma outra modalidade que alcance sequer os 50 mil.

A visibilidade que o futebol tem em termos globais, e os feitos de várias gerações de jogadores, podem ser a base de sustentação destes valores, também no número de páginas que a modalidade ocupa nos diários desportivos e nos noticiários em televisão e rádio, em detrimento de outros desportos.

As boas classificações em Campeonatos da Europa e do Mundo por parte da seleção portuguesa, a realização do Euro 2004, as presenças de clubes portugueses nas finais da Liga dos Campeões e da Liga Europa por um lado, e os feitos de jogadores em termos individuais, que já deram a Portugal cinco Bolas de Ouro (Eusébio, Figo, e Cristiano Ronaldo com três), transformaram o futebol num verdadeiro fenómeno num

país de pequena dimensão, mas com muitos feitos futebolísticos, transformando os atletas mais experientes num exemplo a seguir pelas camadas mais jovens.

Com este tipo de feitos, as emoções vêm sempre ao de cima, o que conduz muitas vezes ao fanatismo:

“A excitação vivida em consequência do envolvimento emocional relevante da identificação com uma equipa (muitas vezes mais específico a lealdade clubista) permite, no caso do futebol, a satisfação das necessidades de um certo «descontrolo controlado» das emoções, socialmente aceite. Inclusive legítima, pelas características de espectáculo de massas, formas transgressivas de comportamento, nomeadamente no espaço do estádio.”

(Tiesler & Coelho, 2006: 323)

Ainda assim, e quando feito de forma saudável, esta busca pela informação desportiva e acompanhamento quase exaustivo por parte dos adeptos de qualquer modalidade (e que não é vista com o mesmo entusiasmo em outras áreas da sociedade como a política, economia, ou finanças), leva a que os próprios jornalistas relatem os acontecimentos com uma linguagem apelativa às emoções, e por vezes apenas entendida pelos conhecedores da modalidade em questão.

“Por vezes, um discurso jornalístico que absorve alegrias, tensões, ansiedades, explosões de contentamento e expõe tudo isso em registo directo poderá ser mais informativo do que o relato equidistante dos factos. A equação que identifica a informação com a razão e o espectáculo informativo com a emoção revela-se, deste modo, demasiado limitativa. Um programa de desporto que põe em cena uma conversação, nomeadamente um debate, necessita de discursos pontuados pelo racional e pelo emocional”. (...) “Ao legitimar a presença das emoções no jornalismo, nomeadamente no jornalismo desportivo, estamos conscientes de que destacamos uma componente do discurso mediático que facilmente poderá resvalar para incitamentos a tumultos por parte dos adeptos, para o desrespeito pelo bom nome dos jogadores ou dos árbitros, para espectáculos de entretenimento...Por isso, também defendemos a urgência de se promover uma ética exigente nos princípios, rigorosa nos métodos e intransigente na respectiva aplicação.”

(Lopes & Pereira, 2006: 7)

É frequente os clubes⁶ fecharem as suas portas aos órgãos de comunicação social com os denominados *blackout*⁷, mas é clara a importância que os *media* têm para estas instituições. Quanto mais estes meios falarem nos clubes mais visibilidade terão, e é mais fácil a angariação de receitas para os seus cofres:

“Os clubes tornaram-se empresas líderes da promoção do espectáculo que é o futebol. No entanto o jornalismo desportivo não pode ser encarado como espectáculo noticioso pois o jornalismo desportivo não fala apenas de futebol, abrange outras modalidades. As notícias não são apenas sobre os jogadores de futebol. Há atletas em outras modalidades que merecem atenção. O jornalismo desportivo é um campo de saber rigoroso que merece ser valorizado e respeitado.”

(Santos, 2012: 32)

⁶ Sabendo que os clubes portugueses, neste caso, têm a seu cargo diversas modalidades, a utilização desta designação não abrange apenas o futebol.

⁷ Durante um *blackout*, um clube corta relações com a comunicação social. Nesse espaço de tempo jogadores, treinadores, dirigentes ou qualquer outro membro ligado ao clube, não dão conferências de imprensa nem entrevistas, e não são permitidos jornalistas nos treinos. Excepção feita nas intervenções que sejam obrigatórias como por exemplo nas *flash interviews* no final dos jogos de futebol.

Foram conhecidos no início de 2015 os clubes que mais receitas geram, tendo em conta as receitas de bilheteira, transmissões televisivas, contractos publicitários e receitas comerciais.

Na 18ª edição da *Deloitte Football Money League*, chegou-se à conclusão que o total da receita combinada dos 20 maiores clubes listados no *Money Football League* subiu 14%, perfazendo um total de 6,2 mil milhões de euros. O Real Madrid continua a manter o primeiro lugar da lista dos clubes mais ricos pelo 10º ano consecutivo, registando em 2014 uma receita de quase 550 milhões de euros.

Neste estudo da *Deloitte*, que excluiu as verbas obtidas com a venda de passes de jogadores, não entrou nenhum clube português nos 20 primeiros:

“Embora continue (ainda) a desempenhar, sob muitos aspectos, uma espécie de papel central no mundo lusófono, Portugal é (ainda) muitas vezes considerado um país marginal ou semiperiférico nos contextos europeus. Mas, no que toca ao futebol, o caso muda de figura. A elevada posição do «futebol português» (...), cuja selecção ocupa actualmente o 10.º lugar no *ranking* mundial da FIFA⁸, não serve apenas aos discursos nacionalistas ou como forma de emancipar o país de uma posição marginal, mas faz também de Portugal um exportador de talentos futebolísticos, colocando-o em parte perante as mesmas consequências ambíguas e ambivalentes enfrentadas pelo Brasil e pelos países africanos, que «perdem» os seus melhores talentos em favor do centro europeu — onde os jogadores encontram muito melhores oportunidades de carreira tanto em termos de salário como de desenvolvimento das suas capacidades.”

(Tiesler & Coelho, 2006: 314)

É verdade que os clubes têm muitas modalidades mas é inegável o poder e valor do futebol em cada um deles. De acordo com os mesmos autores, há uma explicação:

⁸ FIFA-Federação Internacional de Futebol. Portugal ocupava a 12 de outubro de 2015 o 4º lugar do ranking.

“A participação imediata ou televisionada nos eventos de futebol, a comunicação do conhecimento futebolístico e a identificação com uma equipa, bem como a prática do jogo — e, no caso dos mais jovens, o sonho de se tornarem jogadores profissionais —, desempenham um importante papel para milhões de pessoas de todo o mundo, independentemente, ou quase, do lugar onde vivem e das suas condições de vida. Isto torna o futebol uma das principais formas/expressões culturais e simbólicas da modernidade”

(*idem*, 315-316)

O envolvimento emocional dos adeptos com o seu clube, e as receitas geradas das mais diversas formas, levaram também os *media* a aproveitar a visibilidade europeia ou internacional no meio clubístico para angariar receitas.

A criação de canais temáticos de desporto apenas disponíveis em pacotes pagos de televisão, ou pagos à parte, os chamados *premium*, têm sido até agora apostas ganhas por parte dos investidores.

Os clubes também não perderam tempo e avançaram, também eles para a criação dos seus próprios canais oficiais com conteúdos dedicados apenas às modalidades do seu emblema.

Os *media* perceberam que o desporto é uma aposta ganhadora, seja na imprensa, rádio, TV ou *online* na internet, e são perceptíveis os esforços em consegui-lo. O futsal, ciclismo, futebol de praia, judo, andebol, basquete, hóquei em patins, natação e atletismo são algumas das modalidades mais seguidas pelos órgãos de comunicação social em Portugal, com um empenho de meios que anteriormente não eram utilizados. Destaque para o ciclismo e o atletismo que para além do futebol prendiam anteriormente às notícias os portugueses com a mítica Volta a Portugal em Bicicleta, e com as conquistas portuguesas nos Jogos Olímpicos em atletismo.

3.3. A IMPRENSA DESPORTIVA EM PORTUGAL: DOS PRIMEIROS PERIÓDICOS AOS TRÊS DIÁRIOS

Em Portugal, começaram a surgir nas ruas os primeiros periódicos dedicados ao desporto no século XIX, ligados particularmente à caça, ciclismo tauromaquia e ginástica (Pinheiro, 2009: 65). No entanto, eram frequentemente efémeros e deixavam de existir após poucos números. Sendo tradicionalmente um meio de comunicação gerido pela nobreza e burguesia (porque tinham dinheiro para estes investimentos e também porque eram alfabetizados), quando uma publicação terminava, em breve surgiria outra, algo que não se verificou no século seguinte, como defende José Tengarrinha, e como acontece ainda na atualidade:

“Os jornais tornam-se uma máquina cada vez mais complexa. Em contraste com a relativa facilidade com que dantes se fundava um jornal, exigem-se agora, além de outras condições, pesados investimentos de capitais, cujos interesses, depois, é necessário defender”.

(Tengarrinha, 1965: 248)

No final do século XIX nasceram algumas publicações ligadas ao ciclismo como *O Velocipedista* que em 1894 passou de uma “publicação de especialidade (inicialmente dedicada apenas ao ciclismo) numa publicação desportiva generalista, o que constituía novidade em Portugal” (Pinheiro, 2009: 61). Este foi um ponto de viragem com a criação da “primeira linha editorial generalista sobre desporto em Portugal” (*idem*).

Ainda que casualmente, os jornais generalistas em Portugal à época não divulgavam notícias de desporto, tudo mudou na segunda metade do século XIX com a chegada do futebol ao país:

“Esta nova fase, que começaria em 1894, seria marcada pela chegada de um novo género de periódico: o jornal generalista desportivo. Recordemos que o período entre 1875 e 1893 foi totalmente dominado por periódicos dedicados a quatro especialidades: tauromaquia, ginástica, caça e ciclismo. E apenas um desses periódicos (*O Velocipedista*) transitou de publicação de especialidade para jornal desportivo generalista. Importante ainda lembrar que todas as publicações tiveram origem no eixo Lisboa-Porto”.

(*ibidem*, 65)

Depois de muita instabilidade neste tipo de publicações com o seu desaparecimento precoce, e devido ao, até então pouco interesse pelo desporto em geral, foram os jornais generalistas e dar algumas páginas de atenção às modalidades.

No entanto, nos anos 20 do século passado, a imprensa periódica desportiva começou a crescer:

“Em 1921, (...) surgiram 11 novos periódicos, aumentando para 15 em 1922 e para 17 em 1923. Estes valores indicam uma cisão total em relação aos anos anteriores (1918, 1919 e 1920), nos quais surgiram somente quatro novos jornais desportivos por ano (12 no total: 9 generalistas e 3 de especialidade) e a sua maioria concentrados em Lisboa (7)”

(*ibidem*, 181-182)

Em 1927 assistiu-se ao lançamento do primeiro diário desportivo em Portugal, o *Diário de Sport*, que durou 63 números.

Muitas foram as tentativas de apelar à prática desportiva e de dar a conhecer as diversas modalidades no nosso país através destes periódicos, grande parte, sem sucesso.

Ainda assim, “Apesar de a atenção social ser já considerável, (...) temos assistido a um aumento fulminante do consumo do desporto através dos meios de comunicação social”. (Viseu, 2006: 89)

Esta questão parece explicar a existência de três jornais desportivos diários em Portugal, a criação de canais temáticos, e os programas de análise e comentário mais direcionados para o futebol.

Cerca de duas décadas depois da extinção do *Diário de Sport*, nascia o Jornal *A Bola* em 1945. Fundado por Cândido de Oliveira, Vicente de Melo e Ribeiro dos Reis, tinha ao início uma tiragem bissemanal, tornando-se em 1995 um jornal desportivo diário, e apostou em 2012 no formato televisivo com emissão 24 horas por dia, e em exclusivo na plataforma MEO.

Em novembro de 1949 surgia em Lisboa o semanário *Record* com Fernando Ferreira como diretor. Numa primeira fase o jornal saía para as bancas ao sábado tornando-se, à semelhança do jornal *A Bola*, diário em 1995.

No ano de 2015 comemora 30 anos o jornal *O Jogo*, liderado atualmente por José Manuel Ribeiro, e que viu a luz do dia a 22 de fevereiro de 1985.

“Os periódicos desportivos tornaram-se no século XX na principal área informativa especializada (...). A sua adaptabilidade gráfica, emotividade discursiva ou capacidade organizativa contribuíram para a consolidação do periódico desportivo junto do leitor português (infantil, juvenil e adulto, sobretudo na dimensão masculina, com a presença, embora residual, do feminino – mais num campo doutrinal), criando um espaço discursivo aberto a interpretações reais e imaginárias.”

(Pinheiro, 2009: 559)

O sucesso destas publicações percebe-se pela tiragem média face aos diários generalistas:

“Entre 1996 e 1997, pouco tempo depois dos três principais jornais desportivos portugueses (*A Bola*, *Record* e *O Jogo*) terem passado a diários, a imprensa periódica desportiva apresentava tiragens diárias médias superiores às dos três principais diários generalistas (*Jornal de Notícias*, *Correio da Manhã* e *Público*). No primeiro semestre de 1997, em termos de tiragens médias, *A Bola* (140.224), *Record* (95.438) e *O Jogo* (38.364) apresentavam em conjunto um total superior ao dos três principais diários generalistas: *Jornal de Notícias* (80.135), *Correio da Manhã* (70.587) e *Público* (53.144). Fonte: APCT (excepto *A Bola*, não filiada neste organismo).

(*idem*, 42)

Este êxito poderá dever-se à emoção que o desporto faz passar através das conquistas dos atletas e/ou respetivas equipas:

“A investigação tornou possível compreender que é através da linguagem e das práticas discursivas (a sintaxe, a organização da informação transmitida, a apresentação de símbolos e signos nacionais, etc.) e de um conjunto de discursos que se agrupam em narrativas de unidade e supremo interesse nacional e envolvem a (re)produção de caracteres e personalidades nacionais, mitos históricos fundadores, valores masculinos e marciais, estilos e estereótipos racionais que, em grande parte, se (re)imagina e reproduz hoje, quotidiana e banalmente, a nação e a identidade nacional, nos jornais desportivos”.

(Coelho, 2004: 28)

A reprodução ‘quotidiana’ e banal a que João Nuno Coelho se refere é no fundo o que dá aos jornais desportivos a garantia de sucesso nas bancas.

As manchetes atraem os leitores e a maioria têm por base o futebol, e incluem resultados de jogos, afirmações polémicas, declarações dos intervenientes, transferências de jogadores, e feitos de futebolistas e treinadores portugueses. Raramente fazem capa dos jornais outras modalidades, preferindo as editoriais avançar com notícias especulativas sobre eventuais transferências de jogadores de futebol, renegando os feitos de outras modalidades.

Sendo o futebol o ‘desporto-rei’ em Portugal, é esta a aposta dos desportivos, o que atrai também publicidade que ajuda a sustentar as despesas.

3.4. A RÁDIO E A APOSTA NO DESPORTO

Corria o ano de 1901 quando aconteceu em Portugal a primeira experiência radiofónica. No ano seguinte foram realizados os primeiros ensaios com um emissor TSF (Telegrafia Sem Fios) e doze anos mais tarde foi transmitida a primeira emissão com voz. (Silva, 2008: 9)

Uma década depois, em 1924 foi criada a primeira estação de rádio, existindo dois anos depois cinco rádios em todo o país.

A telefonia ganhou em Portugal um novo fôlego em 1974 após o 25 de abril, tendo a Revolução dos Cravos permitido a grande parte delas uma programação livre, e com conteúdos fora do escrutínio apertado da censura:

“A partir do final da década de 70 surgiram em Portugal centenas de pequenas emissoras piratas que mudaram completamente o cenário da radiodifusão em particular e dos média em geral. No entanto, o seu percurso não foi fácil. Apesar da rápida adesão do público a estas rádios, no plano político e legislativo o processo tornou-se extremamente complicado. O primeiro desafio das rádios locais portuguesas foi a sua própria legalização, apenas conseguida onze anos após o surgimento da primeira emissora pirata, em 1977”.

(Bonixe, 2010: 2)

A legislação levou à criação de conteúdos de forma mais racional com a música, interação com os ouvintes, informação e o desporto a ter lugar de destaque.

A informação desportiva disponibilizada pelas rádios nacionais com destaque para os principais clubes e modalidades praticadas no país, e com o acompanhamento nas rádios locais e regionais dos chamados ‘clubes da terra’, prendeu desde cedo os ouvintes, que tinham nos locutores os seus agentes informativos.

“Durante a primeira metade dos anos 1940, a exclusividade dos populares relatos de futebol era da Emissora Nacional de Radiodifusão, sediada em Lisboa, que tinha em Ayala Botto um dos seus principais locutores desportivos (...). Apesar das críticas de que era alvo, principalmente pela falta de conhecimento do nome dos jogadores durante os relatos, Botto ganhou prestígio no meio futebolístico português, estabelecendo uma relação de proximidade com vários futebolistas e dirigentes desportivos”.

(Pinheiro, 2009: 413)

Cerca de 20 anos depois da abertura da primeira rádio em Portugal, o desporto já tinha ganho lugar na grelha da Emissora Nacional com relatos em direto, numa altura em que surgiam também os primeiros programas dedicados à temática, mais concretamente ao futebol.

Cedo se percebeu que este era um assunto a ser explorado. Domingos Lança Moreira foi outra figura de destaque no desporto radiofónico dos anos 1940 e 1950, e decidiu criar uma empresa de conteúdos ligados ao desporto para rádio. Um dos mais populares era um programa de antevisão aos jogos de futebol da tarde de domingo, mas a empresa decidiu também apostar no acompanhamento de jogos de futebol a partir de 1955:

“Duas equipas de exteriores (as duplas de redactores Lança Moreira-Reis Júnior e Mário Sérgio-António Miguel), para acompanhar os dois principais jogos da jornada, fazendo o relato da partida para três emissoras: em ondas médias, curtas e frequência modulada, para o Rádio Clube Português; e em ondas médias, para a Rádio Voz de Lisboa e para o Clube Radiofónico de Portugal”

(*idem*, 414)

Ainda assim, não era apenas o futebol a única modalidade com destaque na rádio, também o ciclismo e o automobilismo eram nessa altura alvo de atenções, numa década em que seria também criada a figura de comentador desportivo em rádio.

O desporto permanece como um dos temas mais importantes na grelha de programação de diversas rádios espalhadas pelo país, mais concretamente o futebol.

Num estudo realizado por Luís Bonixe⁹ com o objetivo de “identificar e caracterizar valores-notícia, rotinas, temáticas e protagonistas da informação radiofónica portuguesa” (Bonixe, 2012:68) emitidas pela TSF, Antena 1 e Rádio Renascença, verificou-se que nas três rádios estudadas¹⁰, o Desporto é o quinto tema com maior tempo de antena nos noticiários das 9 horas na soma das três rádios, antecedido da política partidária e internacional, saúde e emprego.

Este é ainda o sexto tema mais abordado em termos de quantidade de notícias por bloco informativo, depois da política internacional e partidária, acidentes e catástrofes, saúde e economia.

Após análise realizada aos temas de abertura dos noticiários¹¹ tidos em conta para este estudo, política internacional, trânsito, e acidentes e catástrofes, foram aqueles que mais vezes abriram os blocos informativos com dez notícias cada tema no total, seguidos do desporto com nove.

Num total de 28 notícias por rádio, o desporto foi tema de abertura por três vezes na Antena 1, duas vezes na Rádio Renascença e quatro na TSF, tendo sido, no total destes três órgãos de informação radiofónica, o terceiro tema mais referido nos títulos de abertura dos noticiários.

Neste período de análise, o mesmo estudo revela que em cada bloco informativo analisado, as rádios procuravam inserir pelo menos um direto, sendo que era, no entanto, raro, a utilização deste método por mais do que uma vez por noticiário. O total da soma das peças com relato em direto nas três rádios, mostra que o Desporto é o tema que mais peças em direto originou:

⁹ Para este estudo foram recolhidas e analisadas 525 peças jornalísticas emitidas em 84 noticiários das 9 horas das rádios TSF, Renascença e Antena 1 nos meses de março, abril, maio, outubro e novembro de 2006 e 2007.

¹⁰ Segundo o autor, a “análise efectuada recaiu sobre a TSF, Antena 1 e Renascença por serem as emissoras que, no contexto português, mais tempo de emissão e recursos destinam para a informação jornalística”. (Bonixe, 2012:72)

¹¹ “Partimos do pressuposto de que as notícias que abrem um espaço informativo na rádio são as que assumem maior interesse/significado para os jornalistas daquela estação radiofónica”. (Bonixe, 2012:126)

“O tema desporto (futebol) merece, igualmente, um tratamento relevante nesta matéria. A antevisão de um jogo de futebol é motivo para as rádios saírem das redacções e procurarem os adeptos, colocando-lhes questões sobre o próprio desafio ou acerca da procura de bilhetes”.

(*idem*,154)

O autor refere ainda que “o relato em directo dos acontecimentos potencia a rádio enquanto meio de comunicação, na medida em que o seu dispositivo técnico facilita esse tipo de transmissão”. (*ibidem*, 51)

As antevisões das partidas, a transmissão em directo dos jogos, as reportagens antes e depois da transmissão e todas as notícias sobre a matéria nos blocos informativos mostram a importância atribuída à temática, quer nas rádios nacionais, quer nas rádios locais e regionais, também elas com espaços dedicados às modalidades desportivas do espaço geográfico em que se inserem. Programas dedicados ao tema com comentários, análise das modalidades, espaços de entrevista e relatos de futebol em directo continuam também a ser uma das principais e mais importantes apostas das rádios locais e regionais para cativar ouvintes e anunciantes.

3.5. TELEVISÃO: A CORES OU PRETO E BRANCO, DESPORTO É (QUASE) SÓ FUTEBOL

E se anteriormente as notícias chegavam através de texto e imagem e apenas no dia seguinte no jornal, ou através de rádio em direto mas sem imagem, a televisão veio trazer uma nova perspetiva de tudo o que acontecia:

“A televisão dirige-se prioritariamente ao nosso olhar, incitando os telespectadores a seguirem as respectivas emissões como se estivessem no centro do universo televisivo”.

(Lopes, 2006:3)

Quem anteriormente não podia assistir a um evento ao vivo e a cores, tinha na televisão a oportunidade de seguir todas as incidências em direto, ainda que a preto e branco na altura.

Desde o seu surgimento, que a televisão primou pela diversidade na programação, aproveitando as potencialidades que a caracterizam.

Era fácil perceber que a televisão iria ocupar um lugar de destaque na vida dos portugueses pelas suas características. Apesar de nem todos perspetivarem a televisão como um elemento positivo¹², o facto de uma ‘caixinha’ mostrar o que se passava no país e no mundo através de imagem, som e texto anunciava, à partida, o sucesso deste meio.

A RTP, ligada ao Estado Português, garantiu na época o monopólio das transmissões televisivas, e apostou no desporto como tema de destaque, logo na sua primeira emissão experimental em setembro de 1956:

¹² “Dias depois da emissão, em 19 de setembro, o escritor Vitorino Nemésio, na sua habitual «Crónica» no Jornal dos Sports, com o título «A Televisão vem aí», teceu algumas considerações, bastante negativas, sobre os novos meios de comunicação (...) «Depois da audição, a visão. Não tardamos também em estar acocorados em casa, na penumbra, vendo macaquinhos vivos que gesticulam e conversam. A vida organiza-se para o serão dos mudos, em família e em pantufas».” (Pinheiro, 2009: 416-417)

“Na sua primeira emissão experimental, em 4 de setembro de 1956, a RTP apostou desde logo no desporto, inserindo a rubrica «Revista Desportiva» no programa inaugural, transmitido às 21h30”.

(Pinheiro, 2009: 416)

A chegada deste meio veio alterar definitivamente a sociedade e a forma de acompanhar os assuntos da atualidade, nomeadamente o desporto:

“Em 1957, a forma como o público via e pensava o desporto e a informação desportiva sofreu uma considerável alteração a partir da chegada de um novo meio de comunicação social: a televisão.”

(*idem*, 416)

O desporto sempre foi um tema mais passional do que racional para quem gosta de acompanhar esta ou aquela modalidade. Esta foi a premissa que imprensa, rádio, televisão e agora o *online* aproveitaram para explorar.

A televisão, neste caso concreto, fez um bom aproveitamento do fenómeno que ainda hoje garante boas audiências se falarmos, principalmente, no futebol. Se no caso da rádio os locutores proporcionam um acompanhamento efusivo de um jogo de futebol ou de qualquer outra modalidade aquando de uma transmissão em direto, deixando o ouvinte preso à emissão pela emoção que lhe transmite, o mesmo acontece com a televisão que permite, para além disso, mostrar através de imagem todas as incidências do evento desportivo que está a acompanhar.

Mas não é apenas nas transmissões em direto que o desporto está em destaque. As televisões acompanham os principais eventos desportivos com antevisões, transmissão com comentários e análise, reações dos principais intervenientes aos resultados obtidos, conferências de imprensa, opiniões dos adeptos, conferências de imprensa e programas de debate em estúdio, não esquecendo a informação desportiva nos noticiários generalistas.

Pierre Bourdieu considera que a utilização do desporto na abertura dos noticiários, assim como outras notícias de variedades é sensacionalismo:

“(...) As televisões recorrem cada vez mais aos velhos truques dos jornais sensacionalistas, dando o primeiro lugar, quando não é todo o lugar às variedades e às notícias esportivas: é cada vez mais frequente que, não importa o que tenha podido ocorrer no mundo, a abertura dos jornais televisivos seja reservada aos resultados do campeonato.”

(Bourdieu, 1997: 73)

Com o surgimento dos canais privados em sinal aberto, e canais em pacotes de televisão por cabo e *premium* em Portugal, a concorrência aumentou.

Estes canais, orientados para os diferentes gostos dos telespetadores, fazem uma seleção de conteúdos adequados à especificidade do seu público, que se dispõe a pagar por eles:

“As audiências obtidas em Portugal por alguns canais pagos, nomeadamente de informação (SIC Notícias), infantis (Panda) e de ficção internacional (Hollywood, AXN, Fox), indicam uma dispersão da atenção das audiências e uma escolha mais selectiva, orientada e ilustrada. O êxito de canais pagos dentro de um serviço já por si pago, como o Disney Chanel ou os Sport TV, revela a disponibilidade para se pagar pelo entretenimento na TV”.

(Torres, 2011: 43)

Tornou-se assim necessário a adaptação da programação por forma a cativar o público e evitar que mude de canal.

Em Portugal é clara a escolha dos meios de comunicação social: o futebol. É ele que move multidões, faz crescer as audiências o que se traduz em aumento de receitas, e à satisfação dos telespetadores:

“O espectáculo (...) deve ser concebido de maneira a atingir e prender o mais duradouramente possível o público mais amplo possível: além de dever ser oferecida nos horários de grande audiência nos países economicamente dominantes, ela [imagem televisiva] deve submeter-se à demanda do público curvando-se às preferências dos diferentes públicos nacionais por este ou aquele esporte e mesmo às suas expectativas nacionais ou nacionalistas, por uma seleção ponderada dos esportes e das provas capazes de proporcionar sucessos a seus nacionais e satisfações a seu nacionalismo.

(Bourdieu, 1997: 124)

E se antigamente as tardes de futebol deliciavam os adeptos com a tradicional ida ao estádio ver a sua equipa jogar, hoje em dia muito mudou. A importância do monopólio televisão-futebol é tão grande, que para garantir um maior encaixe financeiro, os clubes e respetiva federação juntamente com as televisões concordaram que os jogos dos principais campeonatos fossem mais tarde, por altura do horário nobre, por forma a garantir mais audiência e consequentemente, mais patrocínios:

“Em diversos países (incluindo Portugal) a diminuição «das tardes de futebol» afectou o número de espectadores nos estádios. Mas a tarde de futebol não desapareceu definitivamente: tem sido em parte recuperada com vista a aumentar o número de espectadores. A transmissão exclusiva de jogos decisivos e/ou particularmente atractivos por canais de televisão privados tem conduzido à revitalização e à renovação da cultura de café ligada ao futebol, um desenvolvimento que parece ser particularmente forte na Alemanha e na Inglaterra e que aparentemente nunca chegou a desaparecer em Portugal”.

(Tiesler, 2006: 331)

O futebol tem um papel de dominação em relação às restantes modalidades por parte dos adeptos, o que acaba, consequentemente, por dominar também no jornalismo de desporto:

“A lista dos programas mais vistos inclui invariavelmente inúmeros acontecimentos futebolísticos. Em 2009, dos 50 programas mais vistos, 19 foram jogos ou derivados do futebol, como a «gala FIFA» para a escolha do melhor jogador do mundo do ano anterior, conversas sobre os melhores em campo ou entrevistas no final dos jogos. Sendo o futebol o maior denominador comum dos portugueses, transversal a todas as classes, idades e regiões, compreende-se que seja também o tema que reúne mais pessoas em simultâneo em frente dos écrans”.

(Torres, 2011: 71)

A aposta foi também posta em prática pelos três clubes de maior dimensão em Portugal, ou seja Futebol Clube do Porto, Sport Lisboa e Benfica, e Sporting Clube de Portugal.

Apesar de não ter sido pioneiro já que outros clubes europeus já eram detentores dos seus próprios canais, o Benfica foi o primeiro em Portugal a avançar.

Corria o ano de 2008, quando surgiu o canal Benfica TV, que teve a sua primeira transmissão experimental a emitir não só para Portugal mas também para diversos países em África, Médio Oriente, América do Norte, Brasil, França e Itália, tendo dado início às emissões regulares dois meses depois, em dezembro, em exclusivo na plataforma MEO.

Cinco anos depois, foi criado o Benfica TV2, numa altura em que o canal principal já batia recordes de receitas e depois de se ter tornado um canal pago. Na época 2013/2014, o Benfica TV tornou-se o primeiro canal de um clube em todo o mundo a transmitir em directo e em exclusivo os jogos da equipa principal de futebol, e de acordo com o “Relatório Intercalar 3º Trimestre 2013/2014”, da Benfica SAD, as suas receitas eram a principal fonte de rendimentos do clube a seguir à venda de jogadores.

No mesmo ano a designação do canal foi alterada de Benfica TV para BTV.

Mais recentemente deu os primeiros passos nas transmissões televisivas o Sporting com o início das emissões em julho de 2014.

O canal Sporting TV transmite 24 horas por dia em canal aberto nas plataformas MEO e NOS, com a transmissão em directo de diversas modalidades e de diversos escalões de formação do clube.

Diferente é o caso da ligação do Futebol Clube do Porto e o Porto Canal.

Quando surgiu, em setembro de 2009, o Porto Canal era um canal generalista dedicado à região norte do país, mais concretamente com a cidade do Porto.

O Futebol Clube do Porto, coproprietário do canal passou a fazer a sua gestão em 2011, e a programação desportiva é exclusivamente dedicada ao clube.

O canal conta com programas de culinária, cultura, *talk shows*, saúde, entre outros, informação generalista e diversos programas de estúdio ligados ao desporto e ao clube e com transmissões em directo de diversas modalidades.

Outro caso de destaque, é o do jornal *A Bola* que alargou os seus conteúdos à televisão, com a criação do seu próprio canal em 2012.

A informação desportiva que se lê, ouve ou vê não passa sem uma notícia sobre futebol, mesmo em alturas de paragem dos campeonatos. O público ama a modalidade e procura saber mais todos os dias e é isso que lhes é dado. Na televisão também nos blocos informativos um aproveitamento das emoções que o desporto desperta nos portugueses.

“Talvez abundem no jornalismo desportivo feito através da televisão exemplos de uma informação que aproveita as emoções para com elas construir espectáculos promotores de histerismo e impulsionadores de tumultos accionados por claque em fúria. No entanto, isso não legitima posições que visam sanear as marcas emotivas do discurso informativo, até porque isso seria um exercício condenado ao fracasso e, mesmo que fosse viável, subtrairia a essa informação grande parte da sua riqueza expressiva.”

(Lopes & Pereira, 2006: 5)

O desporto pode mesmo abrir noticiários na televisão. No caso de feitos importantes de equipas ou atletas portugueses, o que, no entanto, raramente acontece se não for no futebol. No entanto a atribuição de medalhas a atletas portugueses nas diversas modalidades, a euforia à chegada desses desportistas ao aeroporto onde são recebidos em euforia, ou recordes estabelecidos por mérito próprio têm potencial como notícia de abertura.

3.6. E TUDO O *ONLINE* MUDOU

Depois da imprensa, da rádio e da televisão, mais um meio veio alterar o paradigma da comunicação. O surgimento da *internet* e posterior desenvolvimento desta ferramenta, trouxe à comunicação social um complemento e uma nova oportunidade de expansão da informação:

“A mudança do paradigma de comunicação de massa para uma realidade de interacções individualizadas mostra que a sociedade reconhece a grande rede como um novo meio essencial no cotidiano e pratica inúmeras acções através dela, principalmente no que se refere a informação, negócios e relacionamento”.

(Borba, 2008: 1)

O imediatismo da *internet* e a possibilidade de fazer chegar a informação a milhares de pessoas com uma só notícia, potenciou a importância de apostar neste meio o mais cedo possível. Os *media* apostaram primeiro na criação de sites, depois a disponibilização de espaços para publicidade e posteriormente a aposta nas redes sociais (principalmente o Twitter e Facebook). Mas esta facilidade de acesso à *internet* não se aplica apenas à comunicação social. O facto é que qualquer pessoa com acesso a um computador e ligação à *internet*, pode também gerar informação. Com o acesso ao *online*, “os indivíduos adquiriram poder de escolha: posso escolher o programa que quero ver e no *medium* que quero. Surgiram os produtores-utilizadores de conteúdos mediáticos” (Torres, 2011: 14). A interatividade permanente permite a qualquer utilizador ler/ver o que quer *online*, e produzir os seus próprios conteúdos com a possibilidade de partilha de informação:

“A digitalização de conteúdos e a internet revolucionaram os processos de produção e distribuição dos *media*, o que permitiu a proliferação dos *media* a ponto de qualquer pessoa poder criar em poucos minutos o seu *medium* individual pela *internet* (o *site*, o *blogue*); criaram-se formas de distribuir e ver conteúdos audiovisuais, nomeadamente o *Youtube*”.

(*idem*, 14)

Esta evolução trouxe novos desafios aos jornalistas a nível das suas responsabilidades: o primeiro prende-se com o tratamento da informação que chega precisamente via *internet*; o segundo com a imperatividade de confirmação dessa informação antes da publicação; e terceiro com a necessidade de publicação de artigos em vários meios, desde texto, fotografia, vídeo, som, hiperligação, e até partilha nas redes sociais.

Ou seja, “Os profissionais passaram a ter que lidar com práticas nunca antes imaginadas e a agregar novos valores e conhecimentos ao já construído na pedagogia do ofício.” (Padilha, 2008: 108)

Num mundo cada vez mais global, é natural que os *media* tradicionais procurem meios alternativos e de massas para fazer chegar a informação, e os meios em Portugal têm usufruído dessas potencialidades com um “crescimento constante do aproveitamento das potencialidades da internet pelos cibermeios portugueses” (Zamith, 2011: 163), no entanto, “aproveitam menos de um quarto das potencialidades máximas do novo meio” (Zamith, 2008: 48).

Com a possibilidade da partilha de texto, fotografia, vídeo e som percebe-se que a “Internet pode ser rádio, TV, jornal, revista, tudo ao mesmo tempo” (Alves, 2006: 98), meios que também migraram para o *online* chegando assim a mais pessoas.

Ainda assim, esta migração nem sempre foi feita da melhor forma:

“Houve um investimento que deu frutos, feito na Internet pelos grupos tradicionais de *media*, ainda que em muitos casos apenas em reformulações técnicas dos seus sites, com recurso a ferramentas de automatização, e não propriamente no reforço das respectivas redacções e na consequente produção de conteúdos jornalísticos diferenciadores e, esperadamente, de maior qualidade”.

(Zamith, 2012: 29)

O ‘perfil do jornalista português’ coordenado por José Rebelo e publicado em 2011, mostra que “quase todos os profissionais que trabalham no sector dos multimédia têm formação superior ao nível do bacharelato ou licenciatura, mas na categoria “vários *media*” é clara a maioria de profissionais em regime livre que ultrapassa os trabalhadores por conta de outrem, tratando-se “nitidamente da clássica situação de *freelance*” (Rebelo, 2011: 123-124).

As novas tecnologias permitem enriquecer os conteúdos noticiosos e um bom exemplo disso é a Realidade Aumentada (RA):

“A hipótese de colocar camadas de informação virtual sobre imagens reais captadas no momento é uma oportunidade para enriquecer as notícias com uma contextualização que pode ser continuamente actualizada”.

(Canavilhas, 2013:2)

A atualização permanente de informação disponibilizada pelos meios de comunicação *online* acompanha o imediatismo a que estamos sujeitos na *internet*, no entanto tem as suas contrapartidas. Os *media* procuram ser os primeiros a dar determinada notícia sem primeiro confirmar as fontes e a veracidade da informação, ou então na impossibilidade de ser o primeiro, a divulgação é feita tendo por base uma notícia avançada por um concorrente, se tal tiver que ser. A prioridade em estar ‘em cima do acontecimento’ potencia as falhas dos órgãos de comunicação social *online* levando a uma perda de confiança por parte dos leitores:

“Para ser o primeiro a ver e a fazer ver alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros, acaba-se por fazerem todos a mesma coisa, e a busca da exclusividade, que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e na banalização.”

(Bourdieu, 1997: 27)

Para tentar fugir desta banalização é, tão importante quanto a notícia em si, a capacidade de atrair o cibernauta para os seus conteúdos e não para os dos seus concorrentes.

Uma forma de o garantir, é a partilha das notícias do *site* nas redes sociais. Aquelas que são mais utilizadas pelos internautas são o Facebook, o Twitter e o Instagram.

Nos dias que correm, as redes sociais são cada vez mais utilizadas por usuários individuais, mas também por organizações, com ou sem fins lucrativos, e das mais variadas áreas.

Para perceber a importância das redes sociais e da quantidade de pessoas que poderão receber a informação partilhada, foquemo-nos no Facebook.

O Facebook, por exemplo, é um site que funciona como rede social. Foi lançado a 4 de fevereiro de 2004, e tornou-se a maior rede social em todo o mundo, com milhões de utilizadores em todo o mundo.

Com 10 anos de existência, a rede social liderada por Mark Zuckerberg registava números impressionantes. Segundo dados do próprio Facebook, eram já mais de 1,2 Bilhões de usuários ativos mensais.

Outros dados facultados pelo Facebook em fevereiro de 2014:

- 6 Biliões de conexões, desde fevereiro de 2004;
- 1,23 Biliões de usuários ativos por mês (dados de dezembro de 2013);
- 945 Milhões de usuários ativos mensais, em produtos móveis do *Facebook* (em dezembro de 2013);
- Em média, mais de 6 bilhões de “Gostos” por dia (em dezembro de 2013);
- 400 Biliões de fotos compartilhadas no Facebook, desde outubro de 2005;
- 7,8 Triliões de mensagens enviadas por intermédio do Facebook, desde o início de 2012;
- Um total de 77,2 bilhões de *posts* com localização marcada, até janeiro de 2014;

- Mais de 25 milhões de páginas de pequenas empresas, em novembro de 2013.

O Facebook é também recordista noutro tipo de números. Esta rede social registou um resultado líquido de aproximadamente 465 Milhões de euros no primeiro trimestre de 2014, triplicando os números obtidos no mesmo período do ano passado, muito por causa do aumento do número de usuários da aplicação móvel, que em abril de 2014 eram 150 Milhões:

“Resumindo, a Internet alterou a nossa percepção das notícias e o modo como lidamos com elas, criou um mundo de abundância onde os média disputam a nossa atenção com muitas outras plataformas”.

(Mendes, 2012: 31)

3.7. JORNALISMO DESPORTIVO: AS MULHERES 'INVADEM O CAMPO'

Como vimos anteriormente, o jornalismo desportivo é pouco estudado mas há outra categoria que recebe ainda menos atenção.

“Se já de si os estudos de género em qualquer disciplina são limitados, no âmbito concreto da comunicação as contribuições reduzem-se consideravelmente” (Gallego, *in* Silveirinha, 2004: 55). Se falarmos de mulheres no jornalismo, os casos estudados diminuem, e baixam significativamente para uma taxa residual, se nos referirmos ao jornalismo feito por mulheres na área do desporto.

Esta área sempre foi mais direccionada para os homens, e o jornalismo associado às modalidades desportivas seguiu o mesmo caminho.

É inegável que o jornalismo desportivo é dos tipos de jornalismo especializado mais importantes em termos de consumo mas, apesar disso, é ainda pouco estudado na generalidade. Torna-se mais raro ainda se falarmos das modalidades e na vertente feminina do desporto, quer em termos de prática desportiva como nas redações:

“Os periódicos desportivos tornaram-se no século XX na principal área informativa especializada (...) junto do leitor português (infantil, juvenil e adulto, sobretudo na dimensão masculina, com a presença, embora residual, do feminino). (...) Inicialmente era uma imprensa de homens, escrita por homens, feita para homens, em que eles eram os únicos intervenientes e a única origem dos temas”.

(Pinheiro, 2003: 41)

Em pleno século XXI, surgiu a pertinência de saber se esta questão ainda se aplica, e se se comprova que as mulheres já têm espaço nas redações dos meios ligados à temática.

E se à partida as mulheres estavam afastadas das redações de órgãos de comunicação social ligadas ao desporto, houve quem tenha singrado na profissão mas muito lentamente. “Leonor Pinhão (...) explica estar convicta de que as suas conquistas teriam chegado mais cedo caso fosse homem. Isto é, o facto de ser mulher ter-lhe-á dificultado os passos que deu” (Ventura, 2009: 129), e tal não é caso único.

Continua a ser “visto como algo curioso uma mulher que parece entender de exportes” (Coelho, 2003: 35), em pleno século XXI.

Esta situação parece explicar-se pelo facto de as mulheres terem sido, anteriormente afastadas do desporto, levando-as a perder o interesse:

“Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 1970. A coisa mudou. Não que hoje as redacções esportivas tenham o mesmo número de mulheres com relação ao contingente masculino. Mas é possível até que o índice feminino na redacção reflecta o interesse da população”.

(*idem*, 34)

Durante séculos a mulher foi vista como, esposa e dona de casa, e a sua condição física deveria apenas servir para desempenhar as suas funções domésticas, e ter filhos.

Como tal, a prática de desporto era algo tido como exclusivamente para homens pois apenas eles, com os seus corpos atléticos e fortes teriam capacidade para o fazer. Esta situação levou a que houvesse um distanciamento face ao tema. “As mulheres jovens das classes populares partilham as paixões desportivos dos «seus homens»” (Bourdieu, 1998: 94), já que o afastamento levou, em certa altura, que o gosto pelo desporto tivesse apenas por base os gostos dos maridos, pais, ou companheiros.

Ainda assim, houve mulheres que quiseram mudar o rumo às coisas e tentar a sua sorte num mundo predominantemente masculino:

“De uma forma geral o interesse feminino por assuntos que não estejam ligados apenas ao seu cotidiano como moda, educação, casa e filhos é justificado pelo aumento da escolaridade das mulheres e isso reflete em áreas que antes eram apenas dominadas pelos homens, como é o caso do esporte”.

(Alexandrino, 2011: 37)

Os Jogos Olímpicos são o evento desportivo que junta mais atletas e modalidades e apesar de existirem desde a antiguidade¹³, foram os Jogos Olímpicos de Londres¹⁴, em 2012, que ficam para a história por, pela primeira vez, todos os países participantes terem mulheres na sua comitiva, quando em 1996 em Atlanta¹⁵, 26 delegações não tinham participantes do sexo feminino. Se recuarmos mais ainda até aos Jogos Olímpicos da Antiguidade, verificamos que o primeiro item do regulamento de participação era precisamente a impossibilidade de as mulheres participarem em qualquer modalidade.

A partir do início do século XX e até à atualidade, tem-se verificado um número crescente de mulheres a participar nos Jogos Olímpicos, e com prestações que permitiram bater diversos recordes olímpicos e mundiais.

Em 2012, Portugal viajou para Londres com 75 atletas que participaram em 13 modalidades. Desses, 43 (57%) eram homens, e 32 (43%) mulheres. Apesar os atletas portugueses de sexo feminino não estarem em maioria, aproximam-se dos 50%. Já no caso da Arábia Saudita que em 2012 levou pela primeira vez mulheres na sua delegação, a situação é bastante diferente. As duas atletas que integravam a comitiva não tiveram vida facilitada. Não só foram ignoradas pelos *media* do seu país, como ainda foram apelidadas de ‘prostitutas’ por terem participado na competição. Ainda assim, as duas mulheres fizeram questão de seguir as regulamentações do seu país. O Comité Olímpico Internacional autorizou-as a utilizar o *hijab*, o tradicional véu, nas provas em que participavam.

Apesar de ao longo dos anos as mulheres se terem vindo a interessar pela área, e pelo facto de cada vez mais se afirmarem no panorama desportivo mundial, muitas estão ainda distanciadas deste mundo, não só das pistas, campos, ringues ou pavilhões, como do jornalismo que acompanha esta área concreta:

13 Os Jogos Olímpicos da Antiguidade remontam ao ano de 776 a.C.. Após uma pausa em 393 a.C., regressam no final do século XIX como os Jogos da Era Moderna.

14 Participaram dos Jogos Olímpicos de Londres, 204 Comitês Olímpicos Nacionais com cerca de 10.500 atletas das diversas modalidades. O evento decorreu entre 27 de julho e 12 de agosto de 2012.

15 193 Comitês Olímpicos Nacionais participaram nos Jogos Olímpicos de Atlanta que decorreram de 19 de julho a 4 de agosto de 1996. Números oficiais apontam para a participação de 10.318 em 26 modalidades, dos quais 3.512 deles mulheres.

“(...) O esporte se faz presente na vida da grande maioria das pessoas desde muito cedo. Seja por influência dos pais, ou grupo de amigos e vizinhança. Para ambos os sexos o esporte é mais do que uma curiosidade, um estímulo. Ele faz parte da vida seja torcendo em casa, dentro do estádio, ginásios, ou praticando. No âmbito profissional, o número de homens que praticam e fazem a cobertura esportiva é maior que o de mulheres”.

(Mota, 2013: 7)

Muitos ainda pensam que como as mulheres não dominam no desporto, também não farão um bom trabalho ao fazer cobertura jornalística, narração ou comentários, e quando o fazem, “têm que combater os estereótipos que estão enraizados, ou seja, têm que desempenhar as funções tão bem ou melhor do que os homens” (Cerqueira, 2008: 712).

Estes estereótipos têm permanecido, daí a dificuldade de as mulheres ingressarem neste mundo:

“O jornalismo esportivo tem sido uma área em que a conquista da equidade de gênero ainda está distante de ser alcançada. Há poucas mulheres nas redações esportivas e há poucas mulheres protagonistas do noticiário esportivo, principalmente na mídia impressa, berço histórico dessa área do jornalismo”.

(John, 2014: 498)

Em Portugal, é o futebol que domina as atenções no mundo do desporto. O mesmo se aplica ao jornalismo que acompanha as modalidades desportivas:

“Ainda que sob ameaças de mudança, o futebol, como frequentemente proclamado, parece continuar a ser uma arena de masculinidade. Um número maior de homens do que de mulheres continua a viver o futebol, mas, uma vez que as mulheres vivem com os homens, o impacto do futebol, para o bem e para o mal, não está limitado à parte masculina da sociedade.”

(Tiesler & Coelho, 2006: 318)

Nos últimos anos, tem-se verificado um acréscimo do número de mulheres nas redações na área do desporto, ou continuam a dominar os homens? As que integram estas redacções conseguem impor-se neste meio? Porque não há mais?

É o que esperamos saber com o estudo realizado.

4. METODOLOGIA

4.1. OBJETIVOS

Após a concretização da revisão bibliográfica sobre o tema da dissertação, é perceptível que, até agora, a informação sobre jornalismo desportivo em Portugal é escassa, e sobre as mulheres enquanto jornalistas de desporto é ainda em menor número.

Pretende-se assim, com este estudo, perceber junto de algumas mulheres que trabalham como jornalistas na área do desporto, a motivação que as levou a seguir esta área, como foi a sua integração no meio, as funções desempenhadas, e a perceção que têm sobre o jornalismo desportivo em Portugal.

O objetivo é conhecer a perceção que o *corpus* deste estudo tem face ao meio jornalístico que integra, tendo como ponto de partida os pressupostos de investigação.

4.2. PRESSUPOSTOS DE INVESTIGAÇÃO

Para esta investigação, partimos de vários pressupostos, que passaremos a descrever:

- Há cada vez mais mulheres a concluir a formação superior em cursos de jornalismo;
- Os estudos de género mostram que, historicamente, o acesso às profissões nos *media* é desigual entre homens e mulheres;
- Ao longo dos anos, tem-se verificado uma maior paridade nesse acesso;
- Apesar desta evolução, as mulheres estão ainda pouco representadas em cargos de chefia;

4.3. QUESTÃO DE PARTIDA

Qual a perceção que as jornalistas na área do desporto têm face ao jornalismo desportivo em Portugal?

4.4. HIPÓTESES DE ESTUDO

Com base nas entrevistas realizadas, iremos analisar a percepção das profissionais sobre esta área, tendo por base as seguintes hipóteses de estudo:

- O jornalismo desportivo em Portugal é, na segunda década do século XXI, um território de, e para homens;
- As mulheres veem o seu acesso às redações/seções de desporto condicionado por questões de género;
- Depois de chegarem a estas redações, as mulheres integram facilmente a equipa e adaptam-se às suas rotinas e modos de produção;
- As mulheres lidam com todo o tipo de informação nas redações, independentemente da modalidade desportiva;
- As jornalistas são discriminadas no exercício de funções.

4.5. METODOLOGIAS ADOPTADAS

Existem duas estratégias de investigação disponíveis aos investigadores: a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa, que apesar de serem diferentes quanto ao seu processo, podem complementar-se em determinadas alturas.

De acordo com vários autores (Diehl & Tatim, 2004; Dalfovo, Lana & Silveira, 2008; Lakatos & Marconi, 2002), a pesquisa quantitativa prevê que a recolha de dados possa ser quantificada, e posteriormente traduzida em números ou dados estatísticos.

O método de pesquisa qualitativa é o mais indicado, para estudos em que o pesquisador se envolva num contacto mais direto com o objeto de estudo, para entender os fenómenos sociais por trás da problemática inicialmente identificada (Neves, 1996; Godoy, 1995; Diehl & Tatim, 2004).

Tendo por base o nosso objeto de estudo, uma pesquisa qualitativa será o método mais adequado, já que se pretende trabalhar com dados qualitativos e não concretamente com números.

Neste método, “a palavra escrita ocupa lugar de destaque (...) desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados” (Godoy, 1995:62).

Pretende-se com este estudo fazer um ponto de situação face a um assunto concreto, cabendo ao investigador analisar posteriormente os resultados obtidos “mediante contacto directo e interactivo do pesquisador com a situação objecto de estudo” (Neves, 1996:1). Neves refere ainda que neste tipo de pesquisas, “é frequente que o pesquisador procure entender os fenómenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenómenos estudados” (*idem*).

Este método tem, no entanto, desvantagens.

“A tarefa de colectar e analisar os dados é extremamente trabalhosa e tradicionalmente individual” (*ibidem*, 4), e depende da forma como o investigador percebe/interpreta os dados, podendo a análise ser feita de forma diferente por duas pessoas.

Para Godoy (1995:21), há três tipos de pesquisa qualitativa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia.

Segundo a autora, a pesquisa documental pode trazer contribuições importantes no estudo de alguns temas, já que, para além das pessoas, também os documentos “constituem uma rica fonte de dados” (*idem*). Este tipo de pesquisa tem como vantagem a análise de uma certa época histórica através dos documentos existentes (em vários formatos), já que não teríamos forma de recolher depoimentos das pessoas que terão vivido determinada situação, num determinado espaço temporal (*ibidem*, 21-22).

Quanto ao estudo de caso, este “tem por objetivo proporcionar vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real” (*ibidem*, 25), e de uma “unidade social” (*ibidem*).

Este tipo de investigação prevê o estudo de uma situação da vida real quando há pouca possibilidade de controlar os eventos que estão a ser estudados.

Em relação à pesquisa etnográfica, a autora clarifica o etnógrafo deva possuir um guião para a sua pesquisa apesar de por norma o evitar.

Este tipo de estudo é realizado na tentativa de descrever fenómenos que acontecem na vida de um grupo, e posteriormente interpretar o significado (*ibidem*, 28). Godoy considera ainda que “o trabalho de campo é o coração da pesquisa etnográfica” (*ibidem*), já que só estando em contacto directo com o objeto de estudo, o investigador conseguirá compreendê-lo.

De acordo com a investigação que estamos a desenvolver, seguiremos o modelo do estudo de caso, já que:

“Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenómenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”.

(Yin, 2001:19)

Para Yin, antes de se definir que estamos perante um estudo de caso, devemos antes saber a que perguntas queremos responder.

Assim sendo, este método adequa-se à nossa investigação, já que procuramos respostas a situações que ainda não foram estudadas, e que vão permitir perceber e saber mais sobre um fenómeno social em concreto:

“Researchers from many disciplines use the case study method of research to build on theory, to produce new theory, to dispute or challenge theory, to explain a situation, to provide a basis to apply solutions to situations, to explore, or to describe an object or phenomenon”.

(Dooley, 2002: 343-344)

O estudo de caso em concreto é a estratégia utilizada para “examinar acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes” (Yin, 2001: 27), utilizando como fontes de evidências a “observação directa e série sistemática de entrevistas” (*idem*).

Yin apresenta-nos seis fontes de evidências que podem ser utilizadas num estudo de caso: “a documentação, os registos em arquivos, as entrevistas, a observação directa, a observação participante e os artefactos físicos” (*ibidem*, 107).

Nesta pesquisa, pretendemos estudar a integração das mulheres num mundo que historicamente sempre foi dominado maioritariamente por homens. É um facto que as mulheres têm ganho, gradualmente, espaço nesta área do jornalismo, mas, ainda assim, estão em grande minoria. Para perceber o porquê desta situação, é fundamental falar

com algumas das mulheres que conseguiram penetrar num universo anteriormente fechado, para saber como se estão a sair.

Assim, de entre as formas de obtenção de dados, foi escolhida a entrevista, por nos permitir escutar, da voz das intervenientes, o seu ponto de vista.

“As entrevistas, não obstante, também são fontes essenciais de informação para o estudo de caso” (*ibidem*, 112), já que nos irão permitir um contacto direto com o nosso objeto de estudo, neste caso, mulheres jornalistas que trabalham na área do desporto, nos diferentes órgãos de comunicação social.

“Importa salientar a entrevista como uma das técnicas privilegiadas quando se considera necessário saber opiniões, sentimentos, motivações dos elementos da amostra em estudo”. (Pereira, 2013: 49)

Como qualquer tipo de obtenção de dados, a entrevista tem os seus pontos fortes e os seus pontos fracos.

Como ponto forte, considera-se o facto de o entrevistado poder exprimir-se e responder de forma aberta às questões que lhe são colocadas. Esta abertura poderá, no entanto, tornar-se um ponto fraco, porque se torna mais difícil fazer a análise dos dados recolhidos.

“As entrevistas podem ser realizadas em grupo, pelo telefone ou face-a-face, podendo ser estruturadas, semiestruturadas ou não-estruturadas”. (Cassiani, 1992: 2)

Assim, as entrevistas foram realizadas individualmente, e devido à distância física, o meio utilizado foi o telefone.

As entrevistas por telefone foram realizadas entre janeiro de 2014 e agosto de 2015, de acordo com a disponibilidade das intervenientes, e gravadas, para facilitar a transcrição. A altura do dia para estabelecer a ligação foi combinada previamente por ambas as partes.

De acordo com Creswell (2009: 179), há vantagens e desvantagens na utilização do telefone como meio de realização de entrevistas, em estudos de caso. Como vantagem principal, existe o facto de os participantes poderem fornecer informação histórica, e como desvantagem, há a deslocalização do entrevistado face ao local natural.

Tendo por base a temática deste estudo, optou-se por uma entrevista não formal.

Desta forma, estabelecendo uma ligação mais informal com as entrevistadas, o retorno foi maior, já que estas se sentiam à vontade para falar. Assim, as jornalistas que participaram nesta investigação não se sentiram intimidadas, já que se evitaram situações desconfortáveis, que por vezes se verificam em entrevistas formais.

Como vimos acima, as entrevistas podem ser estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas.

Nas entrevistas estruturadas, segue-se um guião de perguntas previamente estabelecidas e objetivas, havendo também respostas mais diretas. Pelo contrário, nas entrevistas não estruturadas, há maior flexibilidade, quer na condução da entrevista e na colocação de questões, quer por parte do entrevistado, que responde de uma forma mais ampla.

No caso concreto deste estudo, utilizámos um tipo de entrevista semiestruturada, já que se pretendia recolher informação sobre um assunto em concreto, mas com o objetivo de deixar da parte da entrevistada liberdade para uma abordagem mais vasta do tema em estudo. Neste método, é também possível elaborar um guião de entrevista, mas, não só ir alterando a ordem das questões como introduzir novas perguntas para aprofundar um tema de interesse para a pesquisa.

As principais vantagens têm por base o “grau de profundidade dos elementos de análise. A flexibilidade e a fraca directividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações”. (Quivy & Campenhoudt, 1998: 22)

No entanto, existem também limitações, desde logo “a flexibilidade do método torna importante a capacidade e competência do investigador; a informação não fica imediatamente acessível; a flexibilidade não nos deve levar a acreditar numa completa espontaneidade do entrevistado e numa total neutralidade do investigador”. (*idem*)

Numa primeira fase, foi feita a preparação da entrevista, com o planeamento de algumas perguntas-chave, que nos iriam ajudar a obter respostas para a nossa investigação, de acordo com a informação prestada pelas entrevistadas.

Todas as questões foram formuladas de uma forma muito simples, para permitir a compreensão fácil e de maneira a não levar a uma resposta deturpada por parte das entrevistadas.

4.6. CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

A escolha do *corpus* para esta investigação teve por base a sua ligação a diversos meios de comunicação social, desde a televisão, passando pela rádio e a imprensa, até ao *online*, tendo todas as jornalistas em comum o facto de trabalharem diretamente com a secção de desporto dos *media* que representavam à data da entrevista. Entre a investigadora e as entrevistadas não havia qualquer tipo de relação anterior a este estudo, sendo por isso de afastar uma eventual contaminação dos dados apurados, provocada pela proximidade com as entrevistadas.

No total, onze jornalistas aceitaram o desafio de participar nesta investigação e falar sobre a sua profissão¹⁶:

Ana Carolina Sequeira de 27 anos, é jornalista e pivô d' A Bola TV desde a abertura do canal. Licenciada em Jornalismo pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, estava em Lisboa a tirar o Mestrado, quando soube da abertura deste canal de televisão temático dedicado ao desporto. Enviou currículo e acabou por ser escolhida.

Quando fez a primeira candidatura à universidade, optou por Direito, mas no final do primeiro ano trocou de curso para Jornalismo. Estagiou em rádio, imprensa e chegou à televisão numa área que sempre gostou, o desporto.

Impulsionada pelo pai, sempre foi fã de todas as modalidades e foi também desportista.

Cátia Colaço começou por estagiar três meses no jornal A Bola e acabou por ficar. Apesar de não trabalhar há muito tempo, quisemos saber como tem estado a ser a sua integração no meio. É licenciada em Jornalismo e só durante o curso percebeu o gosto pela área do desporto. No primeiro ano de Mestrado, fez alguns trabalhos ligados a figuras do desporto e foi no segundo ano que decidiu escolher o jornal A Bola para estagiar três meses.

Aos 23 anos, desenvolve o seu trabalho essencialmente na redação, na área do *online* e escreve sobre clubes do campeonato nacional, futebol internacional e modalidades.

¹⁶ Dados à data da entrevista.

Cláudia Lopes é a ‘cara’ do programa Mais Futebol da TVI24, tem 41 anos e quase 20 de experiência em jornalismo. O jornalismo desportivo não foi a primeira escolha desta licenciada em Marketing e Comunicação, que começou com um estágio na RTP, tendo acabado por ficar na RTP cerca de dez anos.

Após a saída da RTP em 2006, esteve três anos sem exercer jornalismo, mas acabou por ser desafiada para integrar a equipa da TVI24, que viria arrancar em 2009 e onde se mantém até aos dias de hoje.

Cláudia Marques tem 34 anos e ainda durante a licenciatura em Comunicação Social e Cultura, foi para o Jornal Record. Tudo começou com um estágio de dois meses no Verão e contabilizam-se já 12 anos e meio sem deixar o jornal. Sabia desde pequena que queria seguir jornalismo desportivo por influência do pai, um apaixonado por futebol, que transmitiu a sua paixão à filha.

Pelo gosto pela área, aceitou trabalhar enquanto ainda estudava, conciliando as aulas pela manhã e o trabalho da parte da tarde.

Cláudia Martins tem 31 anos e é jornalista na Antena 1, e foi aí que teve o primeiro contacto com o jornalismo desportivo, um ano depois de ter estagiado na rádio pública. É a única voz feminina a fazer reportagem de pista na rádio em Portugal

Foi em Coimbra que se licenciou em Comunicação Social, e já na Antena 1, decidiu apostar numa Pós-Graduação em Comunicação e Desporto. Não se vê a fazer relatos de futebol...para já.

Paralelamente, e durante cinco anos, liderou a redação do Zero, um *site online* de divulgação de resultados, estatística, fichas de jogo, e que começou com Cláudia Martins a desenvolver a redação em 2010.

Filipa Santos Sousa de 24 anos, começou a estagiar no jornal A Bola no Porto, no segundo ano do Mestrado em Ciências da Comunicação, especialização em Jornalismo, na Universidade do Minho.

Apesar de revelar ter sido má aluna a Educação Física, tinha paixão pelo desporto despertada pelo pai, adepto ferrenho do Benfica, e por parte do primo, ciclista que chegou a participar na Volta a Portugal. Acabou por sentir afinidade pela área, devido ao gosto familiar pelo desporto e pelo jornal A Bola, o jornal de eleição lá em casa.

Inês Mota Antunes foi descoberta através das redes sociais, quando escrevia no seu blogue pessoal e no Twitter sobre futebol. Recebeu o convite para escrever crónicas para o jornal Record durante o Mundial de 2010, por parte do diretor na altura, e acabou por ficar dois anos e meio.

Começou a escrever para o jornal ainda antes de terminar a licenciatura em Comunicação e Jornalismo, e quando entrou foi diretamente para a secção cor-de-rosa da publicação. Sentiu necessidade de mudar e pediu para ser colocada noutra secção. Foi transferida para o *online*, onde trabalhou até deixar o jornal. Tem 25 anos.

Inês Gonçalves tem 38 anos e é a única mulher a integrar a equipa de desporto da RTP e atualmente podemos vê-la no programa dedicado à Liga dos Campeões e na programação associada ao desporto. É um dos rostos femininos mais conhecidos da RTP, para quem acompanha a programação desportiva do canal público.

O pai era o companheiro nas idas ao estádio, e chegou naturalmente à equipa de desporto do canal, por ser uma área de que gostava. É licenciada em Ciências da Comunicação.

A açoriana Mariana Cabral, de 28 anos, chegou ao continente para estudar Ciências da Comunicação, em Lisboa. O jornalismo era a principal ambição para seguir as pisadas do pai e o desporto era a área de eleição. Tinha como objetivo trabalhar no jornal A Bola, onde acabou por estagiar, mas as expectativas não foram superadas e rumou até ao Expresso. Começou por desempenhar funções no *online* e assim que abriu uma vaga na secção de desporto, foi a escolhida para a ocupar.

É o que mais gosta de fazer.

Neuza Campino Padrão, de 29 anos, cresceu ligada ao desporto, muito por culpa do pai, que era jogador de futebol. Tinha o sonho de ser jornalista desportiva, mas fez artes no secundário, para seguir Arquitetura. Não o fez e decidiu apostar na área que mais gostava, alguns anos depois. Passou por vários órgãos de comunicação social, até que chegou ao Correio da Manhã. Começou no *online* e depois foi colocada na secção de desporto, tanto no jornal como na CMTV. Paralelamente, faz reportagem de campo e reportagem de apoio ao relato, na produtora de conteúdos desportivos para rádio, a Desporto na Hora. “Sempre disse que queria fazer relatos” e espera consegui-lo.

Sara Marques licenciou-se no Porto em Jornalismo e Ciências da Comunicação, mas foi em Lisboa que estagiou no extinto Portugal Diário, um *site* de informação generalista da Media Capital. Este *site* na internet deu origem ao sítio oficial da TVI24 e toda a equipa transitou para o novo *site*.

Por questões geográficas, regressou ao Porto e integrou a equipa do Mais Futebol onde faz conferências de imprensa, treinos, jogos e trabalho de redação.

As entrevistas decorreram de maneira informal, o que permitiu que em alguns casos, as duas partes tenham utilizado a segunda pessoa do singular para se dirigir à outra interveniente, de uma forma não impingida.

Nenhuma resposta foi interrompida de forma a quebrar o raciocínio, e novas questões eram colocadas apenas quando a entrevistada terminava de responder à pergunta colocada.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

“Posteriormente ao término da entrevista, faz-se necessária a transcrição da entrevista e a sua análise. Este processo é tedioso e demanda muito tempo, mas o pesquisador deve dedicar-se a ele, pois aspectos não compreensíveis podem surgir e exigir uma nova entrevista com determinada pessoa”.

(Júnior & Júnior, 2011:247)

5.1. DO ENSINO À EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Após a transcrição das entrevistas realizadas, é agora altura fazer uma análise da informação prestada que as jornalistas que participam neste estudo.

Todas as entrevistadas têm cursos superiores, tendo algumas terminado também a pós-graduação ou o mestrado. Esta questão vai de encontro ao verificado em termos globais, de qualificação superior por parte das mulheres portuguesas.

A área das licenciaturas varia entre o Jornalismo, Comunicação Social e Cultura, Comunicação Social, Ciências da Comunicação, Comunicação e Jornalismo, Jornalismo e Ciências da Comunicação, e Marketing e Comunicação.

Verificámos ainda que a maioria das jornalistas teve o primeiro contacto com o meio através de estágio, durante ou depois da licenciatura ou mestrado.

Em termos de experiência profissional, uma das jornalistas tem menos de um ano de experiência, quatro delas têm entre um e cinco anos de experiência, duas têm entre 6 e 10 anos, três entre 11 e 15 anos e uma entre 16 e 20 anos de experiência na área. Esta será também uma forma de estabelecer uma comparação entre a situação das mulheres no jornalismo desportivo, de há quase duas décadas com a atualidade.

Era fundamental para o nosso estudo que todas as entrevistadas tivessem experiência de jornalismo na secção do desporto. Assim, das onze entrevistadas, três trabalham em televisão, três no *online*, duas em imprensa, e as restantes acumulam funções. Cláudia Martins acumulou durante cinco anos a rádio com o *online*, em dois órgãos de comunicação social diferentes, Filipa Sousa escreve para papel e *online* num jornal desportivo e respetivo site na internet, e Nélia Campina Padrão escreve para o

Correio da Manhã, é também jornalista em televisão, e ainda repórter de campo numa rádio *online*.

Entre os órgãos de comunicação social representados estão A Bola TV, jornal A Bola, TVI, jornal Record, Antena 1, RTP, Expresso, Zero Zero, Correio da Manhã, CMTV, Mais Futebol e Desporto na Hora.

5.2 FUNÇÕES DESEMPENHADAS E INTEGRAÇÃO NA REDAÇÃO

Era imperativo para este estudo que todas as entrevistadas desempenhassem funções como jornalistas nos media que representam.

Ana Carolina Sequeira integra a redação d' A Bola TV, onde é “jornalista e pivô”. Também na televisão, mas na TVI24, Cláudia Lopes vai “continuar no Mais Futebol”, mas nesta época não vai voltar às suas funções “a 100% devido às limitações de ter uma criança muito, muito pequena”.

Na televisão pública permanece Inês Gonçalves, que esclareceu o seguinte:

“Esta época desportiva na RTP vamos voltar a ter a Liga dos Campeões e eu vou voltar a apresentar o programa e vou continuar a fazer o que fazia aqui no Porto, que é apresentar os Jornais de Desporto e tudo o que seja programação associada, quando há jogos de futebol, debates de futebol, e que sempre fiz, no fundo”.

Cláudia Martins permanece na Antena 1 a fazer reportagem de pista e refere que este ano essa situação é para continuar. Como jornalista, diz que:

“Faço tudo, todos os temas que me propuserem, todos os serviços que me marcarem, acompanho jogos em direto e a maior parte do meu trabalho é ouvido nas tardes desportivas que são 3, 4, 5, 6, 7 horas de emissão em direto dos vários estádios de todo o país”.

A jornalista especificou ainda que faz “conferências de imprensa, jogos, eventos desportivos, sempre mais como repórter” e “difícilmente” faz redacção. Na altura em

que desempenhava paralelamente funções no Zero Zero, liderava o projeto, onde era também jornalista.

Quem também acumula funções é Neuza Campina Padrão. A jornalista trabalha na secção de desporto, tanto no Correio da Manhã como na CMTV, e agora colabora com uma empresa de conteúdos:

“O Desporto na Hora, que é uma produtora de conteúdos desportivos, que depois vende para várias rádios e eu faço reportagem de campo, reportagem de apoio ao relato”.

Questionada sobre as plataformas em que trabalha no Correio da Manhã, referiu que é jornalista em papel, televisão e *online*. “Sou a verdadeira multiplataformas”, disse, e especificou: “sou jornalista no Correio da Manhã e CMTV e no Desporto na Hora sou repórter de campo”.

No *online* no jornal A Bola, está Cátia Colaço:

“Escrevo um pouco sobre tudo. Escrevo sobre nacional, todos os clubes do nacional e internacional também. Para já, desempenho apenas essas funções não saindo em reportagem e no dia-a-dia recebo informações dos correspondentes que vão às conferências de imprensa dos clubes, etc, e recebemos informações por mail. O que chega à redacção eu coloco no site do jornal”.

Também n’ A Bola, Filipa Santos Sousa escreve igualmente para o site da publicação, mas acumula com as notícias para a edição em papel integrada na “redacção de futebol nacional”. “Eu tanto trabalho no papel como no *online* e isso é bom”, rematou.

Para um sitio *online*, o Mais Futebol, escreve Sara Marques. A jornalista esclareceu que durante o fim-de-semana trabalham essencialmente no exterior, passando mais tempo na redacção durante a semana. “Fazemos conferências de imprensa, treinos, jogos, e depois trabalho de redacção”, disse Sara Marques.

No semanário Expresso, o desafio é maior, garante Mariana Cabral, já que para além de ter que escrever para a publicação impressa, tem ainda que garantir conteúdos para o site e para o diário às 18 horas:

“Há semanas em que vamos fazer reportagens, mas mais para a revista, ou assim. Para as páginas do jornal não saímos tanto. É mais notícias por telefone e tentamos sempre manter-nos actuais, mas sempre tentando fazer coisas diferentes sobre a atualidade. Fazemos muitas entrevistas, mas tentamos dar interesse às perguntas e fazemos muitos artigos um bocadinho ‘fora da caixa’”.

Inês Mota Antunes trabalhou no Record. Quando entrou para o jornal, foi colocada a trabalhar nos conteúdos das “páginas d’ “O Jogo da Vida” e do “Fora do Campo” (que entretanto foi abolido), que é a parte social do jornal onde aparecem as mulheres dos jogadores, e esse tipo de questões”. Posteriormente, quis trabalhar mais diretamente no desporto e pediu uma oportunidade e foi transferida para o *online*. Aí “sim, fazia tudo. Fazia diretos de jogos, fazia tudo e mais alguma coisa. Tudo o que era necessário fazer, fazia”. Acabou por deixar o jornal pouco tempo depois.

Ao fim de 12 anos e meio no jornal Record, Cláudia Marques trabalha “na secção futebol, mas aquilo em que sou especializada é no futsal. Faço futebol, mas sobretudo futsal. Foi a área em que me especializei nos últimos anos”. O jornal não acompanha habitualmente futsal internacional, “portanto acabo por ser eu a acompanhar todo o futsal e quando há uma coisa internacionalmente importante, também me calha a mim”.

Analisando a informação prestada pelo nosso *corpus*, percebe-se que o futebol, considerado o desporto-rei em Portugal, é a modalidade a que as redações mais dão atenção e que mais meios mobilizam. Assim, torna-se de certa forma natural que as jornalistas entrevistadas despendam mais tempo com o futebol em concreto, não descurando, no entanto, as outras modalidades.

Apenas uma das entrevistadas, Cláudia Marques, assume a especialização numa modalidade em concreto, o futsal, trabalhando todas as outras num campo mais amplo de ação.

Atualmente, para além do desporto, os *media* desta área têm apostado em outras temáticas, como o social e as notícias de atualidade nacional e internacional. Quando integrou a redação do jornal Record, Inês Mota Antunes foi destacada para a área social do jornal, uma secção que não se centra no trabalho e desempenho de atletas, dirigentes, agentes ou qualquer outro interveniente desportivo, mas na vida pessoal e familiar. É a chamada secção cor-de-rosa. A jornalista acabou por pedir para mudar de secção, para uma mais diretamente ligada ao desporto em si.

Com a aposta no *online*, os meios de comunicação social expandiram-se, e tornou-se essencial manter os *sites* sempre atualizados, com informação na hora. Para que tal aconteça, e de acordo com o testemunho recolhido por parte de algumas jornalistas, para além do seu trabalho de campo e de redação, acresce ainda a publicação de notícias na internet. Há no entanto profissionais contratadas para trabalhar apenas na secção *online* de um jornal, como é o caso de Cátia Colaço.

Surgiram também *sites* na internet dedicados exclusivamente ao desporto, como é o caso do Mais Futebol e o Zero Zero, com trabalhos de redacção e reportagem que seguem diretamente para a internet, como explicaram Sara Marques e Cláudia Martins.

Na televisão, temos três jornalistas que, para além de reportagem, apresentam também programas de análise e debate desportivo e jornais de desporto, acumulando assim funções dentro da própria redacção, e sendo ainda a ‘cara’ na apresentação de programas.

Neuza Campina Padrão revelou que é uma “verdadeira multiplataformas”, juntando o trabalho para o Correio da Manhã e CMTV à reportagem de apoio ao relato para a produtora de conteúdos Desporto na Hora.

Conclui-se assim que as jornalistas que colaboraram com esta investigação acumulam funções, entre reportagem, trabalho de redação, colocação de notícias *online* e apresentação de conteúdos em direto, nas mais diversas modalidades desportivas que sejam alvo de acompanhamento por parte dos *media* que representam.

A maioria revelou ainda que as tarefas são distribuídas de acordo com as agendas, disponibilidade e especialização em cada área, e não por tema ou modalidade.

Sendo esta, tradicionalmente, uma área maioritariamente masculina, interessa também saber como foi a integração destas jornalistas no meio.

Para Ana Carolina Sequeira, a integração “acabou por não ser difícil”. Na altura, estava em Lisboa a tirar Mestrado, e “como não tinha nada a perder, soube que A Bola TV ia arrancar, enviei currículo e cá estou eu”.

Também Cátia Colaço não teve dificuldades à chegada da redacção do jornal A Bola e garante que “foram todos muito simpáticos”. Questionada sobre se a tinham recebido bem na redacção do Mais Futebol, Sara Marques disse que sim, uma vez que “como já trabalhava na mesma empresa, receberam-me bem”.

Cláudia Marques e Cláudia Martins abraçaram a profissão muito novas e a reação dos colegas à chegada não foi igual para as duas. No Record, Cláudia Marques recorda

que foi “muito bem recebida, quase como uma irmã mais nova daquela gente toda”. Já Cláudia Martins relembra como foi chegar à redacção de desporto da Antena 1:

“Notava que havia ali por parte de colegas alguma desconfiança, porque era muito nova, era mulher, e o facto de não ter estudado no Porto e de não ter estagiado no desporto, fazia com que eu fosse um elemento mais desconhecido ainda”.

Há quase duas décadas, “já não era estranho” ver uma mulher no desporto, contou-nos Cláudia Lopes, e Neuza Campina Padrão disse que quando a mudaram de secção, “os meus colegas até ficaram contentes, porque é o que me apaixona”.

Mas nem para todas a integração correu bem. Filipa Santos Sousa recorda que “no primeiro dia de estágio no Porto estava muito nervosa”, e chegou a cometer alguns erros de principiante, que, de acordo com a própria, serviram de aprendizagem. Já Inês Mota Antunes confessa “que no início foi um bocadinho complicado, porque achamos que entendemos de alguma coisa e quando lá chegamos, não percebemos nada de nada”.

No geral, as jornalistas que representam o nosso *corpus* foram bem recebidas nas redacções, tendo existido apenas um caso de desconfiança à chegada, no caso de Cláudia Martins à redacção de desporto da Antena 1.

5.3. A INFORMAÇÃO DESPORTIVA EM PORTUGAL: ANÁLISE GERAL

Para Ana Carolina Sequeira, “sendo mulheres, somos tão ou mais competentes a nível desportivo. Não interessa o género. Não interessa o tema. Interessa a competência. Interessa o profissionalismo”. Em relação à informação desportiva em Portugal, desabafa, dizendo que “poderia ser, sem dúvida, melhor”, já que “muitas vezes, focam-se no que vende ou no preencher páginas e não só na notícia em si”. “Há sempre algo a melhorar, mas isso é como em tudo”, remata.

Cátia Colaço trabalha no *online* e vê como maior desafio “o imediatismo. Corremos contra o tempo” para tentar “sempre ser os primeiros em tudo”. A jornalista fala também sobre a importância da temática desporto:

“O desporto ganha cada vez mais importância, porque se formos a olhar mesmo para os jornais generalistas, encontra-se uma peça na primeira página, os telejornais cada vez ocupam mais espaço a falar de desporto, as rádios também têm noticiários apenas sobre desporto”.

Cláudia Lopes vê com algumas reservas a afirmação das mulheres no jornalismo desportivo “porque são uma cara bonita, porque a cara bonita passa com a idade, e a qualidade é que fica”. Para Cláudia Lopes, acima de tudo está a credibilidade e seriedade, e é por isso “que muitas mulheres já passaram pelo jornalismo desportivo e nem todas ficaram”. Ainda assim, as que permanecem têm “que trabalhar sempre mais do que os homens para conquistar o mesmo espaço, mas nunca as figuras máximas”.

A jornalista da TVI24 abordou ainda uma situação difícil para as mulheres:

“Somos alvos mais fáceis de adeptos em situações complicadas. É mais fácil insultar uma mulher, porque quando se insulta um homem tem-se sempre mais medo que ele volte para trás e enfie ‘duas peras’, perdoe-me a expressão”.

Preocupa-a também a situação atual do jornalismo, “porque é tudo muito rápido” e “as pessoas dão-se pouco ao trabalho e têm pouco tempo para confirmar fontes”. Além disso, “paga-se mal e quando se paga mal em qualquer área de negócio, não se pode ter os melhores trabalhadores, nem a melhor qualidade no produto final. É uma área em que há muita precariedade”.

Na opinião de Cláudia Marques, a imprensa nacional está a passar uma crise, mas a dedicada ao desporto consegue superar estas dificuldades:

“A imprensa desportiva, mesmo assim tem sobrevivido mais, porque toca na paixão nacional, sobretudo o futebol. Os portugueses são apaixonados pelo futebol. Pode acontecer uma catástrofe natural, mas joga o Benfica, o Benfica ganha e pronto...Então acho que os desportivos têm maior capacidade de sobrevivência”.

Cláudia Martins já fez história na rádio, em particular na Antena 1:

“Houve ali o desejo pessoal das duas pessoas que mandavam, o Fernando Eurico no Porto e o Paulo Sérgio em Lisboa, no sentido de deixarem a sua marca na rádio pública, de terem a primeira mulher a fazer isto. Gostavam de deixar esse legado, gostavam de um dia serem lembrados por terem feito essa aposta”.

A jornalista assume no entanto que tenta “vingar numa área em que eu sou claramente minoritária e em que eu sou claramente o ‘peixe fora de água’”. Cláudia Martins percebeu “muito cedo que me estava a mover em terreno que era um bocadinho desconhecido para a mulher, para uma jornalista de rádio, pela minha idade também”.

Filipa Santos Sousa sente-se empolgada com as funções que desempenha. Para ela, “é um ótimo exercício. Eu sempre gostei de escrever para papel e o *online* veio-me ajudar também nisso”. Ainda assim, revela ser um desafio:

“Dá-nos noção do que é o perigo *online*, porque acontece a todos enganar-se num título ou assim, por causa de ser imediato e obriga-nos a ser mais cautelosos. É um duplo desafio entre a rapidez e o não errar”.

Inês Mota Antunes considera, “obviamente”, que o desporto é o terreno dos homens:

“Quando escrevemos uma notícia, nós à partida pressupomos sempre que estamos a falar com alguém que sabe o que está a ler e do que estamos a falar (...) ou seja, por aí sabe-se que 90% são homens e 10% mulheres”.

A ex-jornalista do Record confidenciou-nos também que deixou o jornal porque “ganhava muito mal e estava a recibos verdes: apesar de assumir algumas responsabilidades e estar a ter algum trabalho que exigia mais de mim”. Depois de ter pedido um aumento (que foi recusado), acabou por sair.

Inês Gonçalves encara o jornalismo do desporto exatamente da mesma forma como o generalista:

“Temos os nossos contatos, as nossas fontes, e trabalhamos exatamente da mesma maneira. Confirmar notícias, pesquisar, exactamente igual. Há quem ache que há diferenças, mas não. É exactamente igual”.

A linguagem, essa, “tem que ser o menos futebolês possível”, para chegar a mais pessoas e não a um nicho.

Para Mariana Cabral, a situação é clara: os homens continuam a dominar “largamente”, mas considera que a mudança é bem-vinda:

“Um aspeto importante é começar a haver mais mulheres, para mostrar que é uma coisa normal. Nos programas desportivos, não tem que haver só homens, podem haver mulheres. Não é assim tão estranho, porque as mulheres não são extraterrestres que não sabem nada de futebol, claro que sabem!”.

Em relação ao jornalismo no geral, é da opinião de que “já teve melhores dias”, já que “agora é mais difícil sair das redacções, os orçamentos são mais reduzidos, é tudo muito mais apertado, as notícias têm que ser imediatas no *online*, seja o que for”.

“Eu chegar e dizer que gosto de desporto não é estranho. É estranho eu todos os dias trabalhar em desporto”, disse-nos Neuza Campina Padrão. Apesar de trabalhar na área há três anos, revelou que há “pessoas a dizerem-me que não discutem futebol com mulheres” em discussões de café.

No trabalho “tens que tentar ser diferente e não fazer o mesmo que os homens, porque nunca vais ser igual a eles”. Neuza Padrão garante que cada vez há mais abertura para a entrada de mulheres nas redacções de desporto, mas há exceções:

“Há redacções que não querem mulheres, por exemplo. Eu sei, mas não vou dizer quais são. Há editores, que eu tive a sorte de não ter, que acham que as mulheres não vão funcionar no desporto”.

Sara Marques diz existir um fenómeno no jornalismo desportivo que não encontrava antes. Contou-nos que “no desporto não posso telefonar a um jogador de

futebol de um grande clube, por exemplo. Não há essa proximidade. Os clubes escondem muito os profissionais”, o que obriga a recorrer a outras fontes:

“Na maior parte das vezes, temos que andar, ou a reboque dos canais oficiais dos clubes, sejam os sites, televisões, jornais ou revistas dos clubes, ou temos que andar a ‘furar’ e o trabalho torna-se mais complicado e é um desafio”.

A jornalista critica ainda o “ímpeto de ser os primeiros a noticiar”, recordando uma frase que sempre lhe disseram: “não interessa seres a primeira, se a notícia não é verdadeira”.

A perceção que as entrevistadas têm do jornalismo desportivo em Portugal, dá-nos a entender que não passa por um bom momento.

Algumas jornalistas que participaram neste estudo, revelam a sua preocupação com a precariedade dos trabalhadores com salários baixos e com recurso a jornalistas sem contrato de trabalho efetivo e a desempenhar múltiplas funções. Este foi mesmo o fator que levou Inês Mota Antunes a abandonar o jornal Record.

Os desafios constantes que uma crise económica traz para qualquer modelo de negócio fazem-se sentir em todos os setores da sociedade, e os *media* acusam também a pressão. Ainda assim, e segundo Cláudia Marques, o jornalismo desportivo consegue superar as dificuldades.

Alguns desafios desvendados pelas entrevistadas passam pelo imediatismo que a profissão exige, particularmente com as plataformas *online*, e ainda a quase inexistente proximidade com os intervenientes desportivos, nomeadamente jogadores de futebol para entrevistas ou reportagens.

No jornalismo desportivo em Portugal, há ainda chefias que não querem mulheres nas redações, garantia dada por Neuza Campina Padrão. Em relação ao género, as jornalistas entrevistadas revelam ter a perceção que as mulheres têm que trabalhar mais do que os homens para chegar ao mesmo patamar.

Ainda assim, a opinião é que uma ‘cara bonita’ nem sempre é sinónimo de credibilidade e seriedade, interessando apenas o profissionalismo enquanto jornalista.

5.4. A QUESTÃO DO GÉNERO NO JORNALISMO DESPORTIVO: O DOMÍNIO DOS HOMENS NA REDACÇÃO

Apesar de, historicamente, os homens dominarem as secções de desporto, pretende saber-se com este estudo como é, na atualidade, a situação nas redações em que estão integradas as jornalistas que são o *corpus* da nossa investigação.

Ana Carolina Sequeira revelou que na redacção d' A Bola TV, “já houve mais mulheres do que homens, o que não deixa de ser engraçado”. Flipa Santos Sousa não sabe quantificar quantos trabalham na redacção, “não sei mesmo”, mas diz que “apesar de haver mais homens”, a verdade é que encontrou “mais mulheres do que estava à espera”, e Cátia Colaço referiu ainda que “o número de mulheres tem vindo a aumentar”.

Num outro jornal desportivo, o Record, “não há muitas mulheres”, conta Inês Mota Antunes, e em termos de números diz haver “10 no máximo na redacção a escrever para o jornal, havendo depois mais mas na parte gráfica e design. Depois, o resto é tudo homens, devem ser mais de 50”. Entre homens e mulheres, a diferença “é alguma, é óbvio”, mas a maioria das mulheres “ocupa esses cargos [de chefia]”. Em termos de modalidades, e se destacarmos o futebol, por ser o desporto que os jornais dão mais atenção, as mulheres são, segundo Cláudia Marques, “poucas”. “Somos duas mulheres e posso dizer que quando cheguei ao jornal, éramos bastantes mais. Éramos 5 ou 6 na minha secção, futebol”, disse.

Ainda na imprensa, no semanário Expresso, a secção de desporto é também fácil de quantificar. De acordo com Mariana Cabral, são apenas dois, ou seja, ela própria e o “colega que é coordenador”.

Cláudia Martins da Antena 1 é um caso único na rádio em Portugal. Revela no entanto que “começa a haver mais mulheres, de facto, mas continuam os homens a ser a maioria”.

Em sentido contrário, parece ir a CMTV. Segundo Neuza Campina Padrão:

“O desporto na CMTV é quase todo feito por mulheres, por mais incrível que isso pareça, e no papel é quase tudo feito por homens, com uma excepção: no Correio da Manhã há uma subeditora mulher, no Record há uma editora mulher”.

Na televisão e nos casos da TVI24 e RTP, temos os testemunhos de Cláudia Lopes e Inês Gonçalves. Cláudia Lopes considera que ao longo dos tempos e na generalidade, “as mulheres foram entrando lentamente e foram ganhando o seu espaço”. Já Inês Gonçalves é a única mulher a integrar a “equipa de desporto da RTP, quer no Porto quer em Lisboa”.

Interessante também a nota de Cláudia Lopes, que alerta para o facto de haver “tão poucas mulheres maduras a continuar no jornalismo desportivo”.

Confirma-se assim, segundo estes testemunhos, que os homens continuam, de facto, a dominar as redações, pelo menos naquelas que integram estas onze jornalistas. De acordo com a percepção das entrevistadas, há no entanto cada vez mais abertura para o exercício da profissão em secções de desporto em Portugal.

Mas porque permanece ainda este domínio masculino no jornalismo desportivo e porque é que a integração de mulheres acontece tão lentamente?

Será uma opção das mulheres, que se afastam deste tema, ou será devido a fatores externos à própria escolha das mulheres? Depois de se perceber através das entrevistadas, que as mulheres permanecem em minoria, procurou saber-se a que se deve essa situação.

Questionámos as onze jornalistas que colaboraram neste estudo em termos da sua percepção sobre o tema.

Ana Carolina Sequeira diz que é difícil chegar a uma conclusão, já que poderão haver fatores distintos a comprometer a entrada das mulheres no meio:

“Por um lado, acredito que as mulheres tanto podem continuar em minoria nas redações porque não são contratadas em detrimento dos homens (sendo aí uma opção do empregador por querer contratar apenas o sexo masculino) como, por outro, podem estar em minoria simplesmente por uma questão de opção delas próprias”.

Ou seja, para Ana Carolina Sequeira, apesar de serem mais as mulheres a concluir cursos de jornalismo ou similares, “não significa que essas mesmas mulheres queiram seguir áreas ligadas ao desporto”, e acredita que:

“As mulheres até poderão continuar em minoria nas redacções desportivas, por causa desse eventual estigma de que o desporto é para homens. Algo que leva os empregadores a optar por contratar homens para as vagas a preencher, mesmo que sejam mais as mulheres a concluir o curso”.

A jornalista acredita que esse ‘estigma’ tem vindo a mudar, já que é ao que assiste no seu local de trabalho, onde, “fazendo contas por alto”, a contratação de homens e mulheres está “bastante equilibrada”.

Outro fator que, para Ana Carolina Sequeira mantêm os homens em maioria nas redacções, poderá ser também o seguinte:

“Penso que não haverá tantas mulheres, simplesmente porque não se está a contratar. Não há uma renovação de redacções. Assim sendo, é natural que essas redacções estejam compostas mais por homens, precisamente porque havia esse estigma de que o desporto não é para as mulheres”.

Cátia Colaço entende que “o número de mulheres tem vindo a aumentar, no caso d’ A Bola, pelo menos”. No diário desportivo, “não ligam muito ao género, eu por exemplo não noto”, revela Cátia Colaço.

A jornalista garante que tanto ela como as colegas de trabalho seguiram a área “porque gostavam de desporto”, ao contrário da maioria, de acordo com a sua perceção:

“A maioria das mulheres no país não deve gostar ou estar por dentro do tema do desporto, ao ponto de irem trabalhar para um jornal desportivo. Se calhar, preferem outras coisas. Mas acho que o gosto pelo desporto está a aumentar”.

Questionada acerca do motivo que leva as mulheres a estar em inferioridade nas secções de desporto nas redacções, Cláudia Lopes responde de forma directa: “Porque

não se interessam pelo fenómeno”, ou seja, segundo a jornalista da RTP, “uma coisa é a pessoa perceber enquanto jornalista e outra é ter apetência para o fenómeno desportivo”.

Cláudia Lopes dá o seu exemplo, ao referir que gosta de desporto e de acompanhar os principais eventos desportivos desde pequena. “As pessoas não podem querer ser jornalistas desportivos e não gostar do fenómeno” é a explicação que encontra para que a integração de mulheres nas redacções seja lenta:

“O que eu acho é que continua a haver menos mulheres porque, de formação, as pessoas são mais avessas ao desporto. Não sabem, nunca se interessaram, não ouviram, não gostam de modalidades, não gostam de ver. A diferença aqui é que, além de ser jornalista desportiva, eu gosto”.

Cláudia Marques não encontra apenas uma razão para a existência de uma minoria de mulheres nas redacções de desporto.

“Penso que seja porque não escolhem a área”, disse-nos a jornalista. Cláudia Marques revela ainda:

“Não sei até que ponto o mercado ia aceitar. Não se vê nos jornais desportivos uma mulher a escrever uma crónica de um jogo do Benfica, do Sporting ou do Porto. Aliás, de jogos da Primeira Liga ou da Selecção Nacional não se vê, ou é uma raridade. Fazem reportagem, podem fazer muito raramente a análise individual aos jogadores, mas não se vê uma mulher a fazer crónica de futebol, o que não quer dizer que não seja capaz”.

“Sinceramente”, continua Cláudia Marques, “não sei se parte do jornal ou se o mercado aceita, ou se até foi opção delas”.

A jornalista da Antena 1, Cláudia Martins, considera que pode ser “um bocadinho de tudo”, desde a “cultura do país” a “caraterísticas pessoais”:

“É claro que também tem a ver com o próprio interesse, e as pessoas têm que perceber do que é que gostam, e a verdade é que no nosso país, em termos culturais o desporto foi sempre um bocadinho mais distante das mulheres, portanto o interesse também tem a ver com a proximidade com os temas e mesmo em termos de prática desportiva as mulheres estão sempre mais distantes, principalmente do futebol, porque eu conheço várias colegas mulheres jornalistas que trabalham no desporto mas, e isto não é uma regra, diria que a maior parte trabalha mais na área das modalidades do que no futebol e tem a ver também com o risco e interesse. Se calhar, as mulheres estão mais próximas das modalidades do que do futebol”.

Cláudia Martins acredita também que “em termos de chefias, tenha que existir alguma coragem” de tomar esta decisão, já que “se falhar um homem, ele enganou-se. Se falhar uma mulher, ela não percebe nada de bola”.

Filipa Santos Sousa não duvida que “é falta de interesse”, e dá o exemplo de quando estava ainda a estudar:

“Só a título de exemplo, quando andava a estudar, no meu ano e no meu curso, só eu e outra colega minha é que queríamos jornalismo desportivo, e mesmo rapazes era só um e isto numa turma de 30. Nunca me cruzei com muita gente que se interessasse por jornalismo desportivo para trabalhar na área, sobretudo raparigas, para além de mim só conheci duas, talvez”.

Para Inês Mota Antunes, a razão principal será o facto de “as mulheres não gostarem tanto de desporto como os homens”:

Acho que as mulheres acabam, na sua grande maioria, por cair ao acaso nas redações desportivas, depois mostram que se se envolverem no trabalho são tão boas, ou melhores, do que os homens... mas quase sempre não é essa a vertente que inicialmente mais as atrai”.

As mulheres surgem, “naturalmente como rosto” de programas dedicados ao desporto no geral e ao futebol em particular na televisão, para “captar o telespectador masculino, que é o que mais vê esses programas”.

Inês Gonçalves era, segundo nos conta, uma “exceção na faculdade”, por querer seguir desporto, ao invés das colegas, que preferiam outras áreas.

A jornalista da RTP tem a percepção que o reduzido número de mulheres nas redacções de desporto “tem a ver com as próprias mulheres. Não acho que seja, por exemplo, por causa de discriminação”.

Uma vez que se associa muito o desporto ao futebol em Portugal, Inês Gonçalves é da opinião que “a maior parte não fica, nem quer ficar sentada, a ver um jogo de futebol e nem sabe o que significa um 4-4-2 e nem gosta dessa linguagem sequer”.

Com uma infância em que o futebol fazia parte do programa familiar, o gosto pela área foi-se desenvolvendo, ao contrário do de outras mulheres:

“A maior parte das meninas, quando são novinhas não querem isso, têm outros programas, não querem ver um jogo de futebol e também não querem ser jornalistas de desporto, porque também não querem estar a ver futebol e ler jornais de desporto. Eu acho que funciona mais por este lado do que ao contrário, as mulheres quererem e haver uma discriminação que depois as afaste”.

A percepção de Mariana Cabral é de “que já há mais mulheres. Se ainda há machismo ou não na escolha dos jornalistas para os cargos, é possível”. E dá um exemplo:

“No início, quando estava no Expresso, pediram-me para fazer um trabalho muito grande para a revista sobre o Mundial de 2010, apesar de ainda não estar na secção de desporto. Era um trabalho muito grande, com cerca de 20 páginas, a descrever os grupos todos, as seleções todas, quem era o jogador mais importante de todas as seleções, e essas coisas, e também teve uma infografia na internet. Depois do trabalho ter saído, toda a gente gostou muito e elogiaram muito, e depois na altura, a editora veio-me dizer que um dos diretores na altura, quando lhe disseram que era eu que ia fazer aquilo, questionou se uma miúda ia conseguir fazer aquilo sobre futebol. É um preconceito completo”.

Ainda assim, Mariana Cabral considera que essa ideia subsiste, mas apenas nas gerações mais antigas.

Para Neuza Campino Padrão, “não estamos num país em que as mulheres sejam muito ligadas ao desporto”, havendo uma discriminação cultural de acordo com o seu entendimento:

“É uma discriminação cultural, tanto das mulheres como dos homens. Eu vejo muitas colegas que quando chegam ao desporto estão preocupadíssimas, porque dizem que não têm clube de futebol, nunca ligaram ao desporto. Isso não quer dizer que não possam ser excelentes jornalistas de desporto, porque eu posso nunca ter sido política, mas vingar na área. Vai-se aprendendo. Podem levar mais tempo, porque nem se sabe o que é um fora-de-jogo, mas tudo se aprende”.

A jornalista revela que esta profissão é muito exigente e em que não há horas para sair do trabalho, e deixa uma crítica:

“Sem querer menosprezar ninguém, mas conheço muita gente a tirar o curso de Jornalismo, porque querem ser apresentadores de televisão. Querem ser pivôs, não querem ser jornalistas, não querem chegar a casa às 11 da noite, à meia-noite, à uma da manhã”.

Neuza Padrão aborda a questão dos horários a que os jornalistas estão sujeitos perante a existência de notícia:

“Esta é uma profissão com uma elevada taxa de divórcio. É suposto estares em casa e não estás. (...) O Benfica é campeão, os festejos vão até às 2 da manhã, e tens que estar lá. É uma mulher que vai trabalhar até às 2 da manhã, não era suposto, tens que ir pra casa [ironia]”.

Para a jornalista Sara Marques, ainda haverá um espaço temporal a percorrer até haver um equilíbrio entre homens e mulheres nas redacções:

“Penso que, como há uns anos era uma área quase exclusivamente preenchida por homens, a entrada vai sendo feita progressivamente, por isso os números ainda não estão equilibrados”.

Foram identificados pelas jornalistas que colaboraram nesta investigação, vários motivos que, segundo elas, afastam as mulheres do jornalismo desportivo e as mantêm em minoria nas redacções.

Na generalidade, e tendo por base a sua perceção, a questão é cultural e pessoal. O afastamento das crianças e jovens do desporto leva a que não tenham interesse pelo tema em adultas, levando, posteriormente, a que não seja uma área que escolham seguir para fazer carreira no jornalismo desportivo. As que o fazem, e segundo alguns testemunhos recolhidos, preferem seguir para as modalidades que não o futebol, se tiverem oportunidade de escolha.

Considerando a perceção destas jornalistas, não é por discriminação dentro das próprias redacções por parte das chefias, que as mulheres não vingam nesta área, havendo no entanto relato de algumas situações de ‘preconceito’, como referiu Mariana Cabral. A aposta nas mulheres em áreas específicas requer “coragem” por parte das chefias, revela Cláudia Martins. Já Cláudia Marques considera que na imprensa, em concreto, as mulheres estão em minoria, já que “não se sabe até que ponto o mercado vai aceitar” ler peças sobre futebol escritas por mulheres.

Após a análise das respostas, torna-se assim claro que, para estas jornalistas, a entrada nesta secção tem por base, sobretudo, o gosto pela área. Segundo a perceção

geral das entrevistadas, as mulheres continuam afastadas do desporto por questões culturais, e não propriamente por algum tipo de bloqueio à chegada das redacções.

5.5. DISCRIMINAÇÃO POSITIVA, NEGATIVA OU AMBAS, DENTRO OU FORA DAS REDAÇÕES

Apesar de, uma forma geral, as jornalistas que foram entrevistadas para este estudo não terem sofrido qualquer tipo de discriminação evidente ao integrar a redacção, poderá ter ocorrido algum tipo de evento que as tenha marcado pela negativa ou pela positiva, dentro ou fora do local de trabalho.

Ana Carolina Sequeira nunca se sentiu discriminada, mas sente que por vezes tem mais a provar:

“Muitas vezes, temos mais a provar por sermos mulheres. Quem nos ouve, vê, está sempre de pé atrás, vendo que é uma mulher. Aquela teoria de que uma mulher bonita e toda jeitosa não percebe nada do que está a fazer ou a dizer”.

A jornalista revela que por vezes se sente incomodada com esta situação e sente que tem que se “esforçar se calhar o dobro ou o triplo, para provar que não somos apenas uma cara bonita. Que percebemos do que estamos a fazer e o que estamos a dizer”.

Cátia Colaço nunca notou qualquer situação “de discriminação, nem positiva nem negativa”. No entanto, contou-nos uma história curiosa:

“Quando vim estagiar, vim com um colega rapaz. Entrámos os dois no mesmo dia, estagiámos três meses, terminámos no mesmo dia e por acaso tive a sorte de depois ser chamada e ele não. Não creio que tenha sido discriminada pela positiva, ‘naquela’ de dar a hipótese à mulher. É só uma curiosidade”.

Para Cláudia Lopes, “ao fim destes anos todos, nós continuamos a ser alvo de discriminação positiva, no sentido de que é mais fácil para nós. (...) Às vezes, um

sorriso de uma mulher, se pedirmos com educação, ajuda mais a ‘acalmar a coisa’”, especificou a jornalista. Na opinião de Cláudia Lopes, este é um meio de homens:

“É um meio de homens, onde os homens estão habituados a trabalhar as mulheres que os rodeiam de uma forma pouco abonatória, e portanto eles têm uma relação com as mulheres um bocadinho de objetos e se não nos soubermos dar ao respeito, podemos correr riscos, se é que me faço entender, e o nosso nome, a nossa reputação é aquilo que nós temos”.

Cláudia Marques também nunca sentiu qualquer tipo de discriminação no posto de trabalho, mas considera que as reservas vêm da parte dos leitores:

“O mercado não está preparado para ter mulheres a escrever sobre futebol. (...) Eu acho que se calhar há algumas reservas quanto ao facto de haver mulheres a escrever sobre futebol. Acredito que isso venha da parte dos leitores, mas não há dúvida que tem de partir dos jornais o primeiro passo. Mas infelizmente, ainda há algumas reservas em relação a essa área, sobretudo, que é a área mais importante do jornal”.

Cláudia Martins nunca sentiu discriminação dentro da redação, mas sim desconfiança por parte de colegas mais velhos. No entanto, conta-nos passagens de discriminação no desempenho de funções por parte do público nos estádios:

“Nem sempre as pessoas pensam com a razão toda quando estamos a falar do seu clube, do seu amor. Aí sim, senti discriminação. Mandarem-me ir lavar a louça, dizerem que não percebia nada de bola, ou para ir para casa tomar conta dos filhos, eram coisas que no início ouvia muito. Hoje, ouço menos porque também já são alguns anos e as pessoas já me reconhecem, de alguma forma”.

A jornalista da Antena 1 já notou também que, por ser mulher, as respostas às suas perguntas são “mais polidas” por parte de jogadores, treinadores e presidentes:

Para Inês Mota Antunes, a discriminação “existe, mas é inconsciente por parte das pessoas que mandam”. Recorda como ato discriminatório o facto de ter sido colocada na secção cor-de-rosa do jornal, assim que integrou a redacção, “uma secção completamente feminina”.

Inês Gonçalves não tem histórias em concreto, mas considera que por vezes há discriminação positiva: “Às vezes tem a ver com o cuidado com que os colegas nos tratam”.

Mariana Cabral nunca foi alvo de discriminação, mas já lhe aconteceram situações caricatas:

“Os homens riem-se sempre quando me veem chegar, porque ainda por cima tenho 27 anos, não sou assim muito velha, e quando as pessoas me veem chegar, há sempre aquele sorriso ao perceber que é uma miúda. Há aquela reacção de surpresa, como se fosse muito estranho uma mulher em Portugal saber alguma coisa de futebol ou interessar-se por desporto. Não é assim tão estranho, é uma coisa normal hoje em dia, acho eu. Mas nunca tive nenhuma história má, só esse tipo de reacção de surpresa”.

Recorda no entanto um trabalho de 20 páginas que ficou encarregue de fazer, por altura do Mundial de 2010. A editora contou-lhe que um dos diretores da altura questionou “se uma miúda ia conseguir fazer aquilo sobre futebol. Um preconceito completo”.

Por ser mulher, Neuza Campino Padrão habituou-se desde cedo a ouvir que nunca “vai haver ninguém a pôr-te a fazer-te desporto, não vai haver ninguém a pôr-te a fazer um relato”. E depois, tem o caso exactamente oposto, já que começou no Desporto na Hora precisamente porque era mulher, já que “eles queriam uma voz feminina”.

Sara Marques nunca notou nada, “nem favorecimento nem desfavorecimento. Não sei se é normal, mas eu nunca notei nada disso”.

Algumas das jornalistas que colaboraram nesta investigação revelam situações de discriminação positiva. No entanto, há ainda relatos de situações de discriminação negativa, não só nas redacções, como por parte do público.

Entendem as entrevistadas que os intervenientes desportivos têm mais cuidado a falar com jornalistas mulheres e mostram-se mais disponíveis.

No reverso da medalha, situações relatadas mostram que ainda há desconfiança perante o trabalho desempenhado pelas jornalistas na área.

6. CONCLUSÃO

Nesta dissertação, pretende-se contribuir para uma reflexão acerca da presença das mulheres no jornalismo desportivo português.

Esta área concreta do jornalismo surgiu da necessidade de segmentar o jornalismo de acordo com as preferências do público. “Não é tanto a produção em massa que conta, mas a fabricação de produtos especializados a serem consumidos por mercados exigentes e segmentados” (Ortiz, 1996: 148-149).

Em Portugal, o jornalismo desportivo vive essencialmente do futebol. Esta é a modalidade que reúne mais adeptos, mais praticantes e é a mais acompanhada por órgãos de comunicação social no país.

Apesar do alcance que tem, o jornalismo desportivo, é ainda pouco estudado:

“Não deixa de ser paradoxal que uma área que suscita tanto interesse do público, e que reúne um indiscutível interesse do público, como o jornalismo desportivo, seja tão pouco estudada e, até mesmo, tenha alguma dificuldade em entrar na academia, como se estivéssemos perante um jornalismo menor”.

(Lopes e Pereira, 2006)

De referir ainda, que desde 1995 o país tem três jornais desportivos diários nas bancas, e que têm sido criados canais temáticos de desporto na televisão, não só por parte dos meios de comunicação social, como também da parte dos próprios clubes, os chamados ‘três grandes’ em Portugal.

Seja na imprensa, na rádio, televisão ou *online*, é para o futebol que as atenções estão viradas.

E se não foram encontrados muitos estudos sobre jornalismo desportivo, se falarmos de mulheres no jornalismo desportivo, a quantidade de estudos diminui. Isto porque no século XX por exemplo, “era uma imprensa de homens, escrita por homens, feita para homens, e em que eles eram os únicos intervenientes e a única origem dos temas” (Pinheiro, 2003).

Estes estereótipos têm permanecido:

“O jornalismo desportivo tem sido uma área em que a conquista da equidade de género ainda está distante de ser alcançada. Há poucas mulheres nas redacções desportivas e há poucas mulheres protagonistas do noticiário desportivo, principalmente na mídia impressa, berço histórico dessa área do jornalismo”.

(John, 2014)

Desde o final do século XIX, que as mulheres procuram afirmar-se nos diversos setores de atividade e ter os mesmos direitos que os homens, o que levou à criação, no século XX, de múltiplas organizações feministas em todo o mundo. Portugal acompanhou a tendência mundial, e ao longo das décadas a situação das mulheres sofreu alterações, ainda que irrisórias e muito lentamente.

A década de 70 do século XX marcou um ponto de viragem no que diz respeito aos estudos e direitos das mulheres, claramente marcados por desníveis sociais, também instituídos pelos *media*, que promoviam o “aniquilamento simbólico” da mulher (Tuchman, 2004).

1975 ficou marcado como o Ano Internacional da Mulher, numa altura em que foi também instituído o Dia Internacional da Mulher pela ONU, ficando ainda marcado na história portuguesa a publicação de um Decreto-Lei na década de 80, que previa a “igualdade de oportunidades no trabalho e no emprego” (Pimentel & Melo, 2015).

Em Portugal, várias décadas depois foi publicado o V Plano Nacional para a Igualdade de Género, Cidadania e Não Discriminação, que tinha em vista os mesmos ideais de promoção de igualdade entre homens e mulheres, em diversas áreas de ação e que apresentavam “invariavelmente as mulheres na base da pirâmide social” (Diário da República, 1ª Série – Nº 253 – 31 de dezembro de 2013).

Também os dados da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, entre 2006 e 2009, revelam que a feminização da profissão se materializava unicamente na categoria de redatores repórteres, sendo que nas restantes categorias profissionais se mantinha uma clara prevalência do género masculino.

Estando as mulheres em maioria nos cursos superiores de jornalismo ou similares, porque estão em minoria nas redacções, mais concretamente no jornalismo desportivo?

Tornou-se assim fulcral perceber qual a perceção que as jornalistas na área do desporto têm face ao jornalismo desportivo em Portugal.

Foram apresentadas à partida diversas hipóteses de estudo: o jornalismo desportivo em Portugal é, na segunda década do século XXI, um território de, e para os homens; as mulheres vêm o acesso às redacções/secções de desporto condicionado por questões de género; chegadas a estas redacções, integram facilmente a equipa e adaptam-se nas rotinas e modos de produção; as mulheres lidam com todo o tipo de informação nas redacções, independentemente da modalidade desportiva; e as jornalistas são discriminadas no exercício de funções.

A primeira hipótese de estudo descrevia o jornalismo como um território de, e para os homens na segunda década do século XXI. Verifica-se que os homens continuam a estar em maioria nas redacções, mas ainda assim, e de acordo com os testemunhos das jornalistas entrevistadas, o número de mulheres tem vindo a crescer nas redacções, e em alguns casos superaram em alguma fase os homens, como nos disse Ana Carolina Sequeira, em relação ao canal A Bola TV, e também no caso da CMTV, como referiu Neuza Campina Padrão.

Apesar de estar em inferioridade, há algumas mulheres que lideram editorias, como contou Inês Mota Antunes e Neuza Padrão, em relação ao Record.

Todas as entrevistadas consideram que esta continua a ser uma área dominada pelos homens, mas que cada vez interessa mais às mulheres, apesar de muito lentamente.

Foi considerada para esta dissertação a hipótese de as mulheres verem o acesso às redacções e secções de desporto condicionado por questões de género. Com o nosso *corpus*, chegou-se à conclusão que em alguns casos se verificou exactamente o oposto. Cláudia Lopes, Cláudia Martins, Inês Mota Antunes, Mariana Cabral foram convidadas para integrar precisamente a equipa de desporto ou *media* ligados a esta área. As restantes começaram através de estágios ou com o envio de currículo e posterior contratação, sem passar por qualquer tipo de constrangimento ou bloqueio no acesso.

Chegadas a estas redacções, integram facilmente a equipa e adaptam-se nas rotinas e modos de produção. Esta era outra das hipóteses de estudo e que foi abordada às jornalistas entrevistadas. A maioria considera que foi bem recebida e que a integração correu bem. Cláudia Martins recorda a chegada à redacção da Antena 1, em que notou que por parte dos colegas mais velhos havia uma certa desconfiança por ser rapariga e ainda muito nova, mas nada que tenha interferido no trabalho desenvolvido. A adaptação às rotinas e modos de produção fazem também parte da aprendizagem. Filipa Santos Sousa recordou o nervosismo inicial, e no caso de Inês Mota Antunes, “o início foi um bocadinho complicado”. Ainda assim, a integração, de uma forma geral correu

bem a todas elas, que conseguiram, em alguns casos, permanecer após períodos de estágio.

Outra das hipóteses de estudo prendia-se com o tratamento de todo o tipo de informação, independentemente da modalidade desportiva, por parte das jornalistas. A maioria revelou que as tarefas são distribuídas de acordo com as agendas, disponibilidade e especialização em cada área, e não por questões de género.

A última hipótese deste estudo aborda a discriminação durante o exercício de funções. Seja de um ponto de vista positivo ou negativo, há alguns eventos dignos de registo. Cláudia Martins tem, entre todas, a história de discriminação negativa mais evidente, já que chegaram a dizer-lhe, num estádio de futebol, para ir para casa lavar a louça, ou tomar conta dos filhos, por não perceber nada de bola. Também Mariana Cabral contou uma história de ‘preconceito’, quando um diretor lhe perguntou se ela, por ser ‘miúda’, conseguiria escrever um artigo sobre futebol. Não sendo uma questão de discriminação, mas algo que Neuza Campino Padrão começou a ouvir desde cedo, é o facto de que nunca iria ter oportunidade de trabalhar em desporto por ser mulher. De resto, a maioria considera que até já passou por situações de discriminação positiva.

As nossas entrevistadas revelaram ter todas gosto pelo desporto, a maioria delas desde pequenas. Por influência do pai ou outros familiares, prática desportiva em diversas modalidades ou meramente gosto pessoal, o certo é que nenhuma delas admitiu não ser uma área pela qual não nutra simpatia.

Conclui-se assim que as portas do jornalismo desportivo não estão fechadas para as mulheres, e os editores não têm qualquer problema em confiar diversas matérias às suas jornalistas, interessando apenas as capacidades enquanto profissionais, independentemente da área. Esta é pelo menos a perceção das jornalistas que integraram o nosso *corpus*, que revelam ainda que há, no entanto, poucas interessadas na matéria.

Curiosamente, e de acordo com as entrevistadas, a desconfiança surge maioritariamente de fora da redacção.

Podemos assim considerar que as limitações das entrevistas se deveram essencialmente à falta de disponibilidade de ambas as partes para a participação neste estudo, em parte devido às características desta profissão, que é imprevisível.

O contacto foi estabelecido com diversas jornalistas de desporto, anunciando o tema e o objetivo da entrevista. No entanto, não houve resposta por parte de algumas delas, e nem todas mostraram disponibilidade. Com as jornalistas que aceitaram participar nesta investigação, o problema prendeu-se com a questão da disponibilidade de tempo para a

realização da entrevista, mesmo sendo por telefone. Grande parte das entrevistas tiveram de ser adiadas várias vezes, devido a trabalhos de última hora da sua parte, o que mostra a imprevisibilidade desta profissão. Dentro do espaço temporal definido para o efeito, onze jornalistas aceitaram o desafio de participar nesta investigação e falar sobre a sua profissão.

Este estudo tem todas as condições para ser aprofundado, idealmente através da observação directa e com um número mais alargado de jornalistas.

BIBLIOGRAFIA

Publicações impressas:

Bonixe, L. (2012). *A informação radiofónica: rotinas e valores-notícia da reprodução da realidade na rádio portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão seguido de A influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Lda.

Bourdieu, P. (2013). *A dominação masculina*. Lisboa: Relógio de Água, pp. 108-116.

Borba, E. Z. (2008). *Cibermarketing no futebol português*. Dissertação de Mestrado. Universidade Fernando Pessoa (Mestrado em Ciências da Comunicação, com especialização em Comunicação Estratégica e Marketing). Porto.

Cassiani, S. H. de B. & Zanetti, M. L.; Pelá, N. T. R. (1992). *Entrevista por telefone: estratégia metodológica para coletar informações da população*. Revista Paulista de Enfermagem. vol. 11, nº 1, pp. 30-34.

Coelho, J. N. (2004). *Vestir a camisola – jornalismo desportivo e a selecção nacional de futebol*. in *Media & Jornalismo* nº 4, pp. 27-39.

Coelho, P. V. (2003). *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto.

Correia, F. (1997). *Os jornalistas e as notícias*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho.

Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. Los Angeles: Sage.

Eco, U. (2007). *Como se faz uma tese em ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

Gallego, J. (2004). *Produção informativa e transmissão de estereótipos de género* in Silveirinha, M. J. (2004). *As Mulheres e os Media*. Lisboa: Livros Horizonte, pp 55-67.

Garcia, J. L. (2009). *Estudos sobre os jornalistas portugueses: metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI*. Lisboa: ICS, pp. 93-95.

Godoy, A. S. (1995). *Pesquisa Qualitativa - Tipos Fundamentais*. RAE-Revista de Administração de Empresas, vol. 35. nº 3. pp.20-29.

Goode, W. J. & Hatt, P. K. (1969). *Métodos em Pesquisa Social*. 3ªed., São Paulo: Cia Editora Nacional.

Lopes, F. & Pereira, S. (coord.) (2006). *A TV do Futebol*. Porto: Campo das Letras. pp. 77-87.

Marconi, M. A. & Lkatos, E. M. (2002). *Técnicas de pesquisa*. 5ª ed. São Paulo: Atlas.

Mendes, Â. (2012). *Novos modelos de negócio para a imprensa online: o modelo freemium no Publico.pt, no Elpais.com e no NYTimes.com*. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Portalegre (Mestrado de Jornalismo, Comunicação e Cultura). Portalegre.

Neves, J. & Domingos, N. (2011). *Uma história do desporto em Portugal*. Vila do Conde: Quidnovi.

Ortiz, R. (1996). *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense.

Padilha, S. (2008). *A cibercultura manifesta na prática do webjornalismo*. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo. PósCom-Metodista, nº 50. pp.103-120.

Pimentel, I. F. & Melo, H. P. (2015). *Mulheres portuguesas*. Lisboa: Clube do Autor.

Pinheiro, F. (2003). *A ideia de Europa na imprensa desportiva portuguesa (1893-1945)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora (Mestrado em Estudos Históricos Europeus). Évora. in *Faces de Eva* nº 14. Lisboa: Edições Colibri / Universidade Nova de Lisboa. pp. 41-49.

Pinheiro, F. (2009). *História da imprensa periódica desportiva portuguesa*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Universidade de Évora (Doutoramento em História). Évora.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rebelo, J. (coord.) (2011). *Ser jornalista em Portugal – perfis sociológicos*. Lisboa: Gradiva.

Silva, D. B. (2008). *As rádio locais: o que mudou desde 1989?*. Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior (Mestrado em Jornalismo). Covilhã.

Silva, R. T. (1982). *Feminismo em Portugal na voz das mulheres escritoras do início do século XX*, Lisboa: Comissão da Condição Feminina.

Silveirinha, M. J. (2004). *As Mulheres e os Media*. Lisboa: Livros Horizonte.

Subtil, F. (2009). *Anotações sobre o processo de feminização da profissão de jornalista na década de 1990* in Garcia, J. L. (org.) (2009). *Estudos sobre os jornalistas*

portugueses - Metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI. 1ª ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. pp. 93-108.

Tengarrinha, J. (1965). *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Portugália.

Torres, E. C. (2011). *A televisão e o serviço público*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

Tuchman, G. (2004). *O aniquilamento simbólico das mulheres pelos meios de comunicação de massas*. in Silveirinha, M. J. *As Mulheres e os Média*. Lisboa: Livros Horizonte. pp. 139-153.

Ventura, I. (2007). *A emergência das mulheres repórteres nas décadas de 60 e 70*. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta (Mestrado em Estudos sobre mulheres).

Ventura, I. (2009). *As primeiras mulheres repórteres – Portugal nos anos 60 e 70*. Lisboa: Tinta da China. pp. 159-164.

Viseu, J. (2006). *O desporto da tv ou a tv do desporto* in Lopes, F. & Pereira, S. (coord.). *A TV do Futebol (2006)*. Porto: Campo das Letras, pp. 89-94.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planeamento e métodos*. Tradução de Daniel Grassi. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman.

Publicações online:

Aguiar, S. (2007). *Redes sociais na Internet: desafios à pesquisa*. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1108-1.pdf>, [consultado em 28-04-2015].

Alexandrino, V. A. (2011). *A mulher no jornalismo esportivo: análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro*. Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000951.pdf> [consultado em 21-05-2015].

Alves, R. C. (2006). *Jornalismo digital: Dez anos de web...e a revolução continua*. Disponível em <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/viewFile/1157/1100> [consultado em 15-02-2015].

Bonixe, L. (2010). *A migração das rádios locais portuguesas para o digital – desafios e potencialidades*. Disponível em

<http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2057/1/A%20migra%C3%A7%C3%A3o%20das%20r%C3%A1dios....pdf> [consultado em 15-09-2015].

Canavilhas, J. (2013). *Jornalismo móvel e realidade aumentada: o contexto na palma da mão*. Disponível em <http://labcom-ifp.ubi.pt/publicacoes/201304282129-realidadeaumentada.pdf> [consultado em 15-02-2015].

Cerqueira, C. (2007). *As políticas da UNESCO para a igualdade de género nos media: 1977-2007*. Disponível em <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/download/64/65> [consultado em 15-01-2015].

Dalfovo, M. S. & Lana, R. A.; Silveira, A. (2008). *Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico*. Disponível em <http://rica.unibes.com.br/index.php/rica/article/view/243/234>. [consultado em 27-09-2015].

Dooley, L. M. (2002). *Case Study Research and Theory Building - Advances in Developing Human Resources*. Disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.418.668&rep=rep1&type=pdf> [consultado em 13-09-2015].

Godoy, A. S. (1995). *A pesquisa qualitativa e sua utilização em Administração de Empresas*. pp. 65-71. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-759019950004000008&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0034-759019950004000008. [consultado em 27-07-2015].

John, V. M. (2014). *Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012*. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p498/28241> [consultado em 22-08-2015].

Abiahy, A. C. (2000). *Jornalismo especializado na sociedade da informação*. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/abiahy-ana-jornalismo-especializado.pdf> [consultado em 03-03-2015].

Ferin, I. et al (2002) *Media e discriminação: Um estudo exploratório do caso português*. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7058.pdf> [consultado em 01-03-2015].

Júnior, A. & Júnior, N. (2011). Disponível em <https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact>

=8&ved=0CB4QFjAAahUKEwiFpOKr9prJAhXFPxoKHfD8BAs&url=http%3A%2F%2Fwww.uniaraxa.edu.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fevidencia%2Farticle%2Fdownload%2F200%2F186&usg=AFQjCNEQSW34oHQnzcxTd07SzVT38hxmMw&sig2=1GIZGw9NZ2is9ZsuMMY5rQ&bvm=bv.107763241.d.bGQ [consultado em 01-09-2015].

Mota, I. M. (2013). *Jornalismo esportivo de saia – a participação feminina no jornalismo esportivo*. Disponível em <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/4004/1/20942932.pdf> [consultado em 07-03-2015].

Neves, J. L. (1996). *Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades*. Disponível em http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf [consultado em 07-09-2015].

Pereira, P. M. (2013). *Marketing Desportivo Digital: A importância do marketing digital para os clubes desportivos – Estudo de caso F. C. Porto*. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/28437/1/Pedro%20Miguel%20Dias%20de%20Carvalho%20Sardo%20Pereira.pdf> [consultado em 08-05-2015].

Rosen, C. (2007). *Virtual friendship and the new narcissism*. Disponível em <http://www.thenewatlantis.com/publications/virtual-friendship-and-the-new-narcissism> [consultado em 27-04-2015].

Santos, C. A. (2012). *Jornalismo Desportivo: A notícia em televisão e as fontes de informação dos jornalistas*. Relatório de estágio na TVI. Universidade Nova de Lisboa (Mestrado em Jornalismo). Disponível em <http://run.unl.pt/bitstream/10362/9162/1/Relat%C3%B3rio%20de%20Est%C3%A1dio%20-%20TVI%20-%20Mestrado%20em%20Jornalismo.pdf> [consultado em 06-04-2015].

Subtil, F. (2000). *As mulheres jornalistas*. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/subtil-filipa-mulheres-jornalistas.html> [consultado em 13-03-2015].

Tiesler, N. C. & Coelho, J. N. (2006). *O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica*. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0003-25732006000200001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt [consultado em 17-02-2015].

Zamith, F. (2008). *O subaproveitamento das potencialidades da Internet pelos ciberjornais portugueses*. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26179/2/000106351.pdf> [consultado em 11-02-2015].

Zamith, F. (2011). *A contextualização no ciberjornalismo*. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57280/2/zamith000148443.pdf> [consultado em 11-02-2015].

Sites institucionais:

A Bola TV - <http://www.abola.pt/abolatv/>

Benfica TV - <http://www.slbenfica.pt/btv.aspx>

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência - <http://www.dgeec.mec.pt/np4/home>

Fédération Internationale de Football Association - <http://www.fifa.com/>

Instituto Português do Desporto e Juventude - <http://www.ipdj.pt/>

Porto Canal - <http://portocanal.sapo.pt/>

Sporting Clube de Portugal - <http://www.sporting.pt/>

Wikipedia - <https://pt.wikipedia.org>

Artigos e outras publicações:

Deloitte – Commercial breaks: Football Money League. Disponível em <http://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/uk/Documents/sports-business-group/deloitte-football-money-league-2015.PDF> [consultado em 03-03-2015].

Facebook completa 10 anos. Disponível em <http://www.lyderis.com.br/dicas-e-negocios-hidden/mercado/2807-facebook-completa-10-anos-e-registra-83-milhoes-de-usuarios-ativos-por-mes-somente-no-brasil> [consultado em 01-06-2014].

Portugal: global media monitoring project 2010 – National report (2010). Disponível em http://cdn.agilitycms.com/who-makes-the-news/Imported/reports_2010/national/Portugal.pdf [consultado em 16-01-2015].

Praticantes desportivos federados: total e por todas as federações desportivas. Disponível em

<http://www.pordata.pt/Portugal/Praticantes+desportivos+federados+total+e+por+todas+as+modalidades-2227> [consultado em 29-03-2015].

Relatório intercalar 3º trimestre 2013/2014 – Sport Lisboa e Benfica.
Disponível em
<http://www.slbenfica.pt/Portals/0/Documentos/Relatorio3TrimBenficaSAD20132014.pdf> [consultado em 29-03-2015].

Relatório sobre diferenciações salariais por ramos de actividade. Disponível em <http://www.dgeec.mec.pt/np4/home> [consultado em 21-02-2015].

Anexos

ENTREVISTAS

Ana Carolina Sequeira

Quando surgiu o gosto pelo jornalismo?

- O gosto pelo jornalismo? Eu acho que estava cá desde sempre, mas nem sempre me apercebi dele. Lembro-me de adorar ler e escrever, desde nova. Mas isso não chega, fui para a Universidade e ingressei em Direito. Direito por me sentir meio perdida, sem saber muito bem o que queria. Odiei e ao fim de um ano mudei. Mas para o quê? Do nada, surgiu-me a resposta: Jornalismo. Deve ter sido a melhor escolha que já fiz. O gosto pelo jornalismo está cá todos os dias e agora, ao fim de alguns anos, percebo que sempre cá estive.

E em relação ao percurso profissional?

- Tirei Jornalismo, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Durante a faculdade, estive um ano na Rádio Universidade de Coimbra e num verão fiz um estágio no jornal Alto Alentejo, em Portalegre. Depois do curso, na área, estagiei no jornal Metro, em Lisboa, e agora A Bola TV.

Porquê o desporto?

- O desporto porque adoro desporto. Desde pequena que sou grande 'consumidora' de desporto. O meu pai sempre teve uma vida muito ligada ao desporto e, desde muito nova, que em casa via e seguia qualquer tipo de modalidade. Desde pequena que também pratiquei sempre desporto. Logo, essa ligação desde muito cedo. O desporto, a nível profissional, acabou por surgir um pouco por mero acaso, mas é isto que gosto de fazer.

Foi difícil ingressar no meio?

- Acabou por não ser difícil. Estava em Lisboa a tirar Mestrado. Como não tinha nada a perder, soube que A Bola TV ia arrancar, enviei currículo e cá estou eu.

E que funções desempenha atualmente?

- Faço parte da redação d' A Bola TV. Sou jornalista e pivô.

Que tipo de reportagem mais gosta de fazer?

- *Qualquer tipo de reportagem. Sair em reportagem é talvez das melhores coisas que há. O desconhecido, o contacto com as pessoas, o querer descobrir e explorar a notícia. Qualquer reportagem.*

E na redação, como são distribuídas as notícias? Há algum tipo de divisão na escolha dos temas?

- *Não, nunca senti que haja distinção na escolha dos temas. Por exemplo, todos fazemos futebol (que acaba por estar mais associado aos homens).*

Na redação d' A Bola TV, há mais mulheres ou mais homens?

- *Já houve mais mulheres do que homens, o que não deixa de ser engraçado.*

Acha que o desporto continua a ser visto como um tema de, e para homens?

- *Não sei se as coisas são assim tão lineares. Ou melhor, acredito que não são assim tão lineares. Sinto é que, muitas vezes, temos mais a provar por sermos mulheres. Quem nos ouve, vê, está sempre de pé atrás, vendo que é uma mulher. Aquela teoria de que uma mulher bonita e toda jeitosa não percebe nada do que está a fazer ou a dizer. Acaba por ser 'incómodo' (não sei se é a melhor palavra) termos de nos esforçar, se calhar o dobro ou o triplo, para provar que não somos apenas uma cara bonita.*

Que percebemos do que estamos a fazer e o que estamos a dizer. Mas depois sabe muito bem mostrar que sabemos. E que, sendo mulheres, somos tão ou mais competentes a nível desportivo. Não interessa o género. Não interessa o tema. Interessa a competência. Interessa o profissionalismo.

Sendo mais as mulheres a concluir cursos de jornalismo ou similares, porque continuam a estar ainda em minoria nas redações de *media* ligados ao desporto?

- *Penso que é difícil chegar a uma conclusão e acredito que haja alguns pontos distintos.*

Por um lado, acredito que as mulheres tanto podem continuar em minoria nas redações porque não são contratadas em detrimento dos homens (sendo aí uma opção do empregador, por querer contratar apenas o sexo masculino) como, por outro lado, podem estar em minoria simplesmente por uma questão de opção delas próprias. Ou

seja, apesar de serem mais as mulheres a concluir cursos de jornalismo ou similares, não significa que essas mesmas mulheres queiram seguir áreas ligadas ao desporto.

Acredito que as mulheres até poderão continuar em minoria nas redações desportivas por causa desse eventual estigma, de que o desporto é para homens. Algo que leva os empregadores a optar por contratar homens para as vagas a preencher, mesmo que sejam mais as mulheres a concluir o curso.

Mas acredito também que esse estigma tem vindo a mudar. Pela experiência que tenho no meu local de trabalho, é ao que assisto. Desde que aqui trabalho, já foram contratadas inúmeras pessoas e, fazendo algumas contas por alto, acredito que esteja bastante equilibrado no que diz respeito a contratação de homens ou de mulheres.

Penso mesmo que esse estigma tem vindo a mudar, mas também sabemos que tudo leva tempo. As mentalidades não se mudam de um dia para o outro e, em redações mais antigas (quero dizer dos jornais desportivos de referência ou de canais mais antigos, tudo isto comparando com a Bola TV), penso que não haverá tantas mulheres simplesmente porque não se está a contratar. Ou seja, não há uma renovação de redações. Assim sendo, é natural que essas redações estejam compostas mais por homens, precisamente porque havia esse estigma de que o desporto não é para as mulheres.

O que pensa da informação desportiva em Portugal?

- A informação desportiva em Portugal? Pergunta difícil de responder. A primeira coisa que me vem à cabeça é que poderia ser, sem dúvida, melhor. Penso que, muitas vezes, focam-se no que vende ou no preencher páginas e não só na notícia em si. Mas, ao mesmo tempo, vemos que as pessoas gostam deste 'modelo'.

Há três jornais especificamente desportivos em Portugal e continuam a ter mercado. Isto falando em jornais. Quanto a televisões ou rádios, penso que fazem um bom trabalho, no que diz respeito ao tratamento da informação desportiva. Penso que todos ganham, no que toca aos comentários e comentadores desportivos. Há sempre algo a melhorar, mas isso é como em tudo.

Cátia Colaço

Como foi o percurso até chegar onde está agora?

- Acabei a licenciatura e por acaso, no curso, não tive grande experiência em escrever sobre desporto, só uma ou duas vezes no atelier de rádio, mas pouca coisa. Ainda assim, foi aí que comecei a tomar o gosto, mesmo tendo sido pouca a experiência.

Entretanto, entrei no Mestrado e aí já fiz no 1º ano dois trabalhos. Foram duas reportagens sobre as celebridades desportivas, como o Cristiano Ronaldo, o Mourinho, etc. No último ano do Mestrado, tentei o estágio no jornal A Bola, um estágio de três meses, e entretanto fiquei lá a trabalhar até hoje.

Que funções desempenha atualmente?

- Neste momento, estou só no online e escrevo um pouco sobre tudo. Escrevo sobre nacional, todos os clubes do nacional e internacional também. Não tenho saído para fazer reportagem, por estar só no online e recebo informações dos correspondentes que vão às conferências de imprensa dos clubes, etc., e recebemos informações por mail. O que chega à redação eu coloco no site do jornal.

Quais são as grandes dificuldades nesta área, para quem está no online?

- É o imediatismo. Corremos contra o tempo, tentar ao máximo ser os primeiros a dar a notícia, assim que há uma notícia de última hora colocar logo, temos que estar muito atentos aos sites oficiais dos clubes, principalmente dos três grandes, a ver se há algum comunicado ou se é oficializada alguma contratação. Estamos também sempre atentos à hora das conferências, quando dão na televisão, por exemplo. Tentamos sempre ser os primeiros em tudo.

E no online, trabalha apenas no futebol ou em todas as modalidades?

- Não, é em tudo. Mas é claro que o futebol ocupa aí para 80 ou 90% de um dia de trabalho, mas tratamos todas as modalidades, sobretudo ténis, futsal, andebol.

Na altura em que chegou à redação, como foi a integração?

- Foram todos muito simpáticos. Quando cheguei, pensava que ia para um meio com muitos mais homens, mas não. Acho que esta área está a apostar em mais

mulheres, o que acho bem. Era um pouco machismo se assim não fosse. E dá para perceber que as mulheres hoje em dia são muito profissionais e estão muito por dentro do desporto, principalmente do futebol, coisa que muita gente pode pensar que não, mas a verdade é essa. Somos bem recebidas e somos tratadas de igual forma. Não há qualquer diferença entre homens e mulheres.

O que interessa é mesmo o desempenho, é isso?

- Sim, precisamente.

Ainda assim, estão em menor número. A que acha que isso se deve?

- Bem, realmente o número de mulheres tem vindo a aumentar, mas no caso d' A Bola, pelo menos, já que não sei como funciona nas redações de outros jornais, mas das que trabalham comigo, percebi que decidiram seguir a área porque gostavam de desporto, tal como eu. Eu pedi para fazer lá o estágio porque gostava de desporto e pedi para ficar.

O mesmo terá acontecido com as minhas colegas que lá estão, também gostavam e tentaram e ficaram. Mas a maioria das mulheres no país não deve gostar ou estar por dentro do tema do desporto, ao ponto de irem trabalhar para um jornal desportivo. Se calhar, preferem outras coisas. Mas acho que o gosto pelo desporto está a aumentar. No caso d' A Bola, não ligam muito ao género, eu por exemplo não noto.

E como vê o jornalismo em Portugal, nomeadamente o jornalismo desportivo?

- Bem, eu acho que o desporto ganha cada vez mais importância, porque se formos a olhar mesmo para os jornais generalistas, encontra-se uma peça na primeira página, os telejornais cada vez ocupam mais espaço a falar de desporto, as rádios também têm noticiários apenas sobre desporto, como a "Bola Branca", na Renascença só para dar um exemplo.

Os canais de televisão, tipo TVI 24, SIC Notícias, etc., também dedicam muito tempo ao desporto, sobretudo ao futebol, como sempre, por isso acho que o desporto no jornalismo em Portugal tem ganho cada vez mais espaço. Os portugueses dão muita importância ao desporto, ao futebol, e é claro que os meios de comunicação social apostam nisso. Querem audiências e para isso têm que apostar naquilo que o público quer.

E no seu caso? Como surgiu o gosto pelo desporto?

- Desde nova, sempre tive um gostinho. A minha família também sempre foi muito ligada ao futebol, somos todos do mesmo clube, sempre houve muito aquela união. Na escola, também sempre pratiquei e aos poucos e poucos esse gosto veio mais ao de cima e quando me decidi pelo jornalismo, percebi que podia juntar o gosto pela comunicação e o desporto, e felizmente estou a trabalhar nessa área.

Já me disse há pouco que não sentiu discriminação negativa. E positiva?

- Não, penso que também não. Tanto negativa como positiva, não notei nada. Como disse, a minha experiência é pouca. Estagiei três meses e comecei a trabalhar há três semanas, portanto até agora não senti qualquer tipo de descriminação, nem positiva nem negativa.

Mas por acaso, quando vim estagiar, vim com um colega rapaz. Entrámos os dois no mesmo dia, estagiámos três meses, terminámos no mesmo dia e por acaso tive a sorte de depois ser chamada e ele não. Não creio que tenha sido discriminada pela positiva, 'naquela' de dar a hipótese à mulher. É só uma curiosidade.

Mas é a prova que as mulheres também podem vingar neste meio.

- Sim, não quer dizer que se o escolhessem a ele, seria por discriminação negativa. Demos os dois o nosso melhor e escolheram-me a mim.

Cláudia Lopes

Qual foi o seu percurso académico?

- *A minha licenciatura é em Marketing e Comunicação. Sou licenciada pelo Instituto Superior de Comunicação Empresarial, em Comunicação Empresarial.*

Acabei a licenciatura em 1996 e como uma das componentes muito fortes era a área de assessoria de imprensa, ainda durante o curso senti e achei que fazia sentido perceber como funcionava uma redação. Não podia nunca achar que me podia limitar ao envio de 'press releases' e então fiz isso.

Na altura, tinha professores na faculdade que estavam na RTP e havia uma boa relação em termos de protocolos de estágios, e então decidi pedir para fazer um estágio na RTP. No curso, tínhamos estágios obrigatórios no 2º, 3º e 4º ano, e então no 4º ano fui para a RTP e era um estágio de 6 meses a tempo inteiro. Essa foi a minha primeira relação com o jornalismo e digamos que depois nunca mais voltei ao início.

E como foi depois desse estágio?

- *Do estágio na RTP em 1995 fiz um prolongamento. Na altura, gostaram do meu trabalho e eu fiz um prolongamento de estágio de mais uns meses, mas isso era uma situação que contratualmente não estava resolvida, porque é uma empresa muito grande e ainda por cima uma empresa pública e obedece a que as coisas sejam muito 'preto no branco', e na altura fiz então só o prolongamento do estágio e mais ou menos no final do ano, a coisa ficou por aí. Continuei o meu percurso na área em que me tinha licenciado, mas em 1996, logo no ano a seguir, chamaram-me com um contrato e fiquei até 2006. Nunca mais saí da RTP.*

Mas ficou na área de desporto já na altura?

- *Para o desporto fui em 98.*

Por opção própria?

- *Não. Eu tinha entrado com um contrato a prazo. Ao fim de um ou dois anos, juntamente com outra pessoa, o Pedro Pinto, que é agora meu colega na TVI, estávamos com situações precárias e eles resolveram fazer uma espécie de curso interno e abrir também um concurso externo para resolver a questão das pessoas que estavam contratadas. No âmbito desse curso, tinha que haver uma avaliação para*

decidir quem ficava, quem entrava para os quadros, uma coisa mais ou menos complexa. No âmbito desse curso, tínhamos uma parte teórica e uma parte prática, e eles resolveram que nós fizéssemos uma espécie de estágios internos e rodámos por várias editorias.

A última editoria onde estive foi no desporto. Fiz uma espécie de um mês de estágio de desporto. Na altura, o Miguel Prates, que está agora na SportTV era o chefe de departamento de desporto na RTP, gostou muito do meu trabalho e desafiou-me para ficar. Eu percebia 'zero' da coisa. Eu acho que foi mais pela atitude, do que propriamente na altura pelo conhecimento e acabei por ficar desde 98 até hoje, no desporto.

E em que altura se dá a mudança para a TVI?

- Em 2009. Eu saí da RTP em 2006 e estive três anos sem fazer jornalismo, por opção própria, mas uma pessoa que tem amigos, e está na área, conhece as pessoas, e no final de 2008, o Sousa Martins, com quem trabalhei anos e anos a fio na RTP e agora na TVI, lançou-me o desafio a dizer que no início de 2009 iam arrancar com a TVI 24 e «gostávamos muito que viesses para o projeto». Em 2009 juntei-me então à equipa da TVI.

Nessa altura também já no desporto?

- Sim, no desporto. Já não fazia sentido trocar de área. As minhas fontes são no desporto, o meu conhecimento hoje em dia é no desporto e não faria sentido equacionar uma mudança drástica. Entre 95 e 98, fiz muita coisa que não desporto, na área da sociedade, economia e internacional.

Em números redondos, já lá vão 20 anos. Como era na altura haver mulheres nesta área?

- Já não era estranho. Já havia a Pilar de Carvalho, uma pessoa que eu já não conheci, porque faleceu muito cedo e foi uma das primeiras mulheres no desporto da RTP. Já na altura era minha contemporânea a Cecília Carmo, que mudou de vida e deixou o desporto. Na altura, estava também a Laura Santos, e na TVI, por exemplo, já na altura estava a Margarida Pires, no desporto. A SIC teve menos mulheres de início no desporto, e só agora mais recentemente deu espaço a uma 'miúda' como repórter, a

Rosa [de Oliveira Pinto], mais a apresentar, mas nunca foi uma coisa muito do ADN deles ter mulheres no desporto.

E como era visto o existirem mulheres jornalistas no desporto, na altura, não só dentro da redação mas também fora?

- Já não era uma aberração. Nos dias de hoje, as mulheres dominam porque as mulheres licenciam-se mais, portanto há mais mulheres em todas as áreas e por isso também recebemos 'miúdas' que querem vir para o desporto. Já não é assim uma coisa muito 'freak'. Na altura, não era uma aberração, mas continuávamos a ser uma imensa minoria, tanto que eu tenho uma foto de 2002 ou 2003 de um treino do Sporting, na Academia de Alcochete, em que de repente éramos só mulheres.

Dos jornais desportivos, estavam três mulheres pelo Record, A Bola e O Jogo, estava eu pela RTP, a Cláudia Ascensão pela TVI e então tirámos uma fotografia e houve alguém que até fez uma breve num jornal, a dizer que as mulheres já dominavam.

As mulheres foram entrando lentamente e foram ganhando o seu espaço. Não são ainda as figuras máximas e acho que temos que trabalhar sempre mais do que os homens para conquistar o mesmo espaço, mas nunca as figuras máximas. Temos que trabalhar sempre mais que os homens para conquistar o mesmo espaço, mas desde o início nunca senti que fosse mal tratada.

Somos alvos mais fáceis de adeptos em situações complicadas. É mais fácil insultar uma mulher, porque quando se insulta um homem têm-se sempre mais medo que ele volte para trás e 'enfie duas peras', perdoe-me a expressão. São os alvos mais apetecíveis e sim, acho que temos que trabalhar mais para adquirir o mesmo terreno.

Porque continuam então a estar em minoria?

- Porque não se interessam pelo fenómeno. Quando cheguei à RTP em 98, ao estágio no departamento de desporto, o fenómeno desportivo não me era estranho. Eu ainda hoje faço desporto, tenho gosto pela atividade física, no liceu fiz a opção de desporto até ao 11º ano, o meu irmão era licenciado em Educação Física, e portanto o fenómeno de desporto em si, era uma coisa que me era familiar, era atleta, tinha formação de base de regras de modalidade e dessas coisas todas, mas quando cheguei ao jornalismo desportivo fazia lá ideia na altura quem era o plantel do União de Leiria.

Isso era outra coisa, agora gostar do fenómeno desportivo gostava, e via com o meu irmão a F1 e lembro-me perfeitamente de ver e ficou gravada na minha memória,

a morte do Ayrton Senna e era miúda. Ou seja, uma coisa é a pessoa perceber enquanto jornalista e outra é ter apetência para o fenómeno desportivo. Eu lembro-me de ver os grandes torneios de Grand Slam de ténis, que na altura davam na RTP2 nas férias, em miúdos, e víamos Wimbledon, o que fosse, não perdia os Jogos Olímpicos, ginástica desportiva, até porque a RTP na altura, no segundo canal, tinha uma programação fortíssima ao nível do desporto. Eu lembro-me perfeitamente do Campeonato do Mundo de Espanha de 82. Eu era muito miúda, mas lembro-me perfeitamente, porque se comprou uma televisão a cores para ver o Campeonato do Mundo.

O que eu acho, é que continua a haver menos mulheres porque, de formação, as pessoas são mais avessas ao desporto. Não sabem, nunca se interessaram, não ouviram, não gostam de modalidades, não gostam de ver. A diferença aqui é que eu, além de ser jornalista desportiva, eu gosto.

Eu estive no ano passado de baixa muito tempo, por causa de uma gravidez de risco, e nessa altura nada me dava mais prazer do que assistir aos jogos da Liga Inglesa em casa, porque eu gosto de ver. As pessoas não podem querer ser jornalistas desportivos e não gostar do fenómeno. Uma coisa é termos modalidades que gostamos mais ou menos, mas temos que nos identificar. Talvez seja a explicação que encontro para as mulheres não dominarem nas redações de desporto.

Portanto, não haverá propriamente um bloqueio no acesso às redações, é isso?

- Eu acho que não há qualquer tipo de preconceito, as pessoas é que se sentem mais confortáveis noutros temas que não no desporto.

E ao longo destes anos, há alguma situação de discriminação positiva, negativa ou ambas?

- Eu acho que ao fim destes anos todos, nós continuamos a ser alvo de discriminação positiva, no sentido de que é mais fácil para nós um direto, e já me aconteceu no 'flash interview', por exemplo' num final do jogo, se estivermos num intervalo de publicidade e temos que dizer às pessoas que têm que esperar. Ora, normalmente quem perdeu não tem muita paciência e tem vontade de tudo menos de falar para a televisão. Eu sempre tive um chefe que costumava dizer: «Se tivesses pelos nas pernas eles não esperavam tanto tempo».

Às vezes. Um sorriso de uma mulher, se pedirmos com educação, ajuda mais a 'acalmar a coisa'. Quebra mais barreiras e é um desbloqueador, às vezes, se

soubemos utilizar isso com parcimónia e inteligência, porque no meio desportivo corremos um risco muito sério e grave. É um meio de homens, onde os homens estão habituados a trabalhar as mulheres que os rodeiam de uma forma pouco abonatória, e portanto eles têm uma relação com as mulheres um bocadinho de objetos, e se não nos soubermos dar ao respeito, podemos correr riscos, se é que me faço entender, e o nosso nome, a nossa reputação é aquilo que nós temos. Eu acho que nós temos que saber muito bem o terreno que pisamos e ser muito seguras nos passos que damos.

Acho que as mulheres no jornalismo desportivo nunca se devem afirmar porque são uma cara bonita, porque a cara bonita passa com a idade, e a qualidade é que fica. E acho que as pessoas têm que perceber isso. Temos que nos afirmar pela nossa credibilidade, pela nossa seriedade, pela nossa forma de estar e por isso é que também acho que muitas mulheres já passaram pelo jornalismo desportivo e nem todas ficaram.

Como vê o jornalismo em Portugal, nomeadamente aquele dedicado ao desporto?

- Eu acho que o jornalismo já teve melhores dias, sinceramente. Os tempos que vivemos preocupam-me, porque é tudo muito rápido. Houve uma notícia de um migrante em Inglaterra e de que havia um migrante que estava a por coisas no Instagram e toda a gente foi atrás disso e era mentira. As pessoas dão-se pouco ao trabalho e têm pouco tempo para confirmar fontes.

Há uma grande pressão de publicar por causa dos sites, hoje em dia. Todos os meios de comunicação têm sites, têm Twitter, têm redes sociais, e há ganância quase de se ser o primeiro em busca do clique, porque os cliques dão dinheiro. Têm que fazer pela vida e têm pouco tempo para digerir o que publicam. Acho que isso é perigoso, mais ainda, paga-se mal e quando se paga mal em qualquer área de negócio não se pode ter os melhores trabalhadores, nem a melhor qualidade no produto final, porque se paga mal. É uma área em que há muita precariedade.

Vivemos muito de 'miúdos', de estagiários, gente que sai de faculdades, gente que não sabe dizer 'pão' quase, como eu costumo dizer. São muito miúdos, acho que saem da faculdade com muito pouca idade, com muito pouca maturidade, com muito pouca história de vida e um jornalista também é isso. Um jornalista tem que ter mundo, tem que ler, tem que viajar, tem que ir ao cinema, tem que fazer outras coisas. Não chega sair da faculdade com brilhantes notas. Tem que ter massa crítica, porque eu não acredito na isenção. A isenção não existe.

É um objetivo, mas não existe. Todos nós vemos o mundo pelos nossos filtros e os filtros são os nossos valores, a nossa educação e os nossos princípios, e portanto, quanto mais transparentes forem esses filtros, quanto mais amadurecidos estiverem os nossos princípios, melhor será o nosso desempenho profissional e melhor nós seremos veículos da realidade. Acho que é preciso fazer essa aposta, mas não acredito que venha a ser feita e por isso acho que os tempos que se vivem, no jornalismo, são muito preocupantes.

Ainda por cima, numa área em que uma só modalidade domina quase a totalidade informativa, neste caso, o futebol.

- Em Portugal isso acontece, é verdade. Noutros países, outras modalidades têm mais peso, porque aquilo que domina na informação é sempre aquilo que o público quer ler. Nós vendemos produtos, seja em papel, na televisão ou na internet, e se nós passássemos a abrir o “Jornal das 8” com badminton, com todo o respeito, até pelo percurso que têm feito alguns atletas do badminton em Portugal, não ‘dava audiência’, porque as pessoas não têm interesse.

Há uma modalidade que domina, porque a maioria das pessoas têm interesse. Não há como contornar isso. Não podemos viver numa esquizofrenia e dizer «vamos ser elitistas e abrir novos horizontes e vamos ter uma página de desporto no “Jornal das 8” com todas as modalidades». Não, isso era o fim.

E em termos de informação, a abordagem aos temas é feita de forma a direcionar para os homens?

- Pessoalmente, isso não me passa pela cabeça. Tenho que ter cuidado com quem é o meu público. Quando faço uma peça para a televisão, não estou a escrever para um jornal desportivo. Na televisão, há um público generalista e poucas pessoas se sentam no sofá para ouvir as notícias, como se fazia antigamente. Hoje as pessoas estão a fazer o jantar, ou o almoço, enquanto veem a televisão. Já não me lembro de ninguém que se sente no sofá a dizer «agora vou ouvir as notícias».

As pessoas têm imensos ‘inputs’, mais os telefones, os tablets, e portanto temos que passar uma informação simples, perceptível, já digerida, e têm que se perceber do que estamos a falar. Não posso, numa peça que vá para o “Jornal das 8”, ter uma linguagem de 4-3-3, pressão alta e linhas juntas, como tenho num programa de desporto.

Tenho que perceber que quem me vê, pode ser a minha mãe, que não faz ideia o que é um 4-3-3 e tenho que saber direccionar a informação para os meus públicos e não tenho a mesma linguagem que tenho no “Mais Futebol”, que posso ter numa peça do “Jornal das 8” ou como tinha também, no ano passado, no programa da Liga dos Campeões, que essa então é mesmo uma audiência como eu chamava, de ‘maluquinhos da bola’, ‘malta’ que conhece as equipas estrangeiras, que sabe e está por dentro. Tem que se perceber quem são os nossos públicos.

E esta temporada, o que vamos ver a Cláudia Lopes a fazer na TVI?

- Vou continuar no “Mais Futebol”. O mundo acabava se acabasse o “Mais Futebol”. Esta ainda não é uma época em que volto a 100%, devido às limitações de ter uma criança muito, muito pequena e ainda estou dividida.

Essa é uma das dificuldades no jornalismo desportivo e ser mulher. O jornalismo desportivo vive dos fins-de-semana e vive dos horários noturnos, que é quando são os jogos e quando se é mãe, isso é uma complicação. Por isso, é que se calhar há tão poucas mulheres maduras a continuar no jornalismo desportivo. A Cecília Carmo, por exemplo, depois deixou, não é? Quando se tem filhos, é complicado gerir.

Os jogos são quase todos à noite e o campeonato é todo ao fim-de-semana. Ponto. Não há colégios e é sempre à noite.

Cláudia Marques

Como surgiu o gosto pelo jornalismo?

- Surgiu em criança, era muito pequenina quando comecei a dizer que queria ser jornalista e prossegui os estudos. Tenho a licenciatura em Comunicação Social e Cultural, e surgiu a oportunidade de ir para o Record, que é a área que eu queria, e estou lá há 12 anos e meio.

Como surgiu essa oportunidade?

- Essa oportunidade surgiu numa espécie de estágio de verão. Foi um verão em que havia muitos acontecimentos e estavam a colocar pessoas só a fazer os 2 meses do verão e fui ficando, ficando, ficando. Ainda estava a concluir a minha licenciatura.

Esse gosto pela vertente do desporto tem a ver com a prática de desporto em alguma fase da vida ou é mesmo pela vertente notícia?

- Tem a ver com a notícia. Eu cresci numa casa com um pai completamente apaixonado pelo futebol, com um pai leitor dos desportivos e então fui naturalmente ganhando esse gosto, essa paixão. Também pratiquei desporto, obviamente, na escola, mas foi mais através do meu pai.

Tudo surgiu com essa oportunidade e foi ficando. Então ingressar no meio não foi difícil?

- Sim, e era mesmo a área que eu queria. Acredito que há pessoas que vão para a área do desporto, porque é a área que surge, mas no meu caso, era mesmo a área que eu queria. Por isso é que aceitei começar a trabalhar quando ainda estava a estudar, e em dada altura mantive as duas coisas. Tinha aulas na universidade de manhã e à tarde ia trabalhar.

Portanto, uma rapariga ainda nova a chegar à redação. Como foi?

- Foi fácil, talvez também pelo facto de ser uma miúda na altura, de ser muito novinha. Fui muito bem recebida, quase como uma irmã mais nova daquela gente toda. Não foi difícil. Foi a primeira vez que eu trabalhei, foi a primeira vez que ingressei no mercado de trabalho, por isso também não notei que tivesse sido recebida de forma

diferente. Na altura não senti que estava a ser recebida de forma diferente por ser mulher, e se foi até foi pela positiva.

O pai era apaixonado pelo futebol. E a filha, é nessa área que trabalha no jornal?

- Eu trabalho na secção futebol, mas aquilo em que sou especializada é no futsal. Faço futebol, mas sobretudo futsal. Foi a área em que me especializei nos últimos anos.

Nacional?

- Nós não acompanhamos futsal internacional, portanto acabo por ser eu a acompanhar todo o futsal e quando há uma coisa internacionalmente importante, também me calha a mim. Daqui a duas semanas, vou para o estrangeiro fazer uma competição internacional de futsal.

Apesar de já haver mais mulheres no meio, principalmente na área do desporto, continua a haver algum tipo de discriminação, não digo concretamente no Record, mas eventualmente noutras redações que tenha conhecimento ou vá verificando?

- Discriminação no posto de trabalho, sentir que nos tratam de forma diferente, não sinto. Sinto é que o mercado não está preparado para ter mulheres a escrever sobre futebol. No Record, somos duas mulheres a trabalhar no futebol: estou eu na secção futebol nacional e temos uma editora no Benfica. De resto, as outras mulheres estão nas modalidades ou estão no online, por isso eu acho que se calhar há algumas reservas quanto ao facto de haver mulheres a escrever sobre futebol.

Acredito que isso venha da parte dos leitores, mas não há dúvida que tem que partir dos jornais o primeiro passo. Mas infelizmente, ainda há algumas reservas sobretudo em relação a essa área, que é a área mais importante do jornal. É a área que 'faz vender' o jornal'. No trabalho não sinto isso. Não sinto que o meu chefe me discrimine em termos do trabalho e coloque antes homens a fazer. A minha colega é a editora do Benfica e é um cargo importante. A questão é que somos poucas. Somos duas mulheres e posso dizer que quando cheguei ao jornal, eramos bastantes mais. Éramos 5 ou 6 na minha secção, futebol. Neste momento, sou a única mulher.

Qual será o motivo?

- Não sei explicar isso, nem quero especular. Não sei se as minhas colegas não mostraram interesse em escrever antes noutras modalidades. O que é certo, é que não

sei até que ponto o mercado ia aceitar. Não se vê nos jornais desportivos uma mulher a escrever uma crónica de um jogo do Benfica, do Sporting ou do Porto. Aliás, de jogos da Primeira Liga ou da Seleção Nacional não se vê, ou é uma raridade.

Fazem reportagem, podem fazer muito raramente a análise individual aos jogadores, mas não se vê a fazer uma mulher a fazer crónica de futebol, o que não quer dizer que não seja capaz. Sinceramente, não sei se parte do jornal ou se é o que o mercado aceita ou se até foi opção delas. O certo é que há funções que não são dadas às mulheres, hoje em dia. Volto a dizer, as crónicas do futebol.

Na redação, quando escrevem as notícias, escrevem-nas objetivamente para um público masculino?

- Não, não, não, de todo. Eu pelo menos nunca senti isso. Nas secções de desporto, não.

Na generalidade, o que pensa da informação desportiva em Portugal?

- A imprensa nacional está a passar uma crise, como o mercado. A imprensa desportiva, mesmo assim, tem sobrevivido mais, porque toca na paixão nacional, sobretudo o futebol. Os portugueses são apaixonados pelo futebol. Pode acontecer uma catástrofe natural, mas joga o Benfica, o Benfica ganha e pronto...Então acho que os desportivos têm maior capacidade de sobrevivência.

Cláudia Martins

Qual foi o seu percurso académico até aqui?

- *Eu fiz Comunicação Social em Coimbra, na Escola Superior de Educação. Na altura, optei por fazer o curso no Politécnico de Coimbra, porque era um curso mais técnico, mais prático, e por isso achei que me ia preparar melhor para o futuro. Depois de fazer Comunicação Social, vim para o Porto e comecei a trabalhar no Primeiro de Janeiro, e passados uns dois anos, creio, acabei por fazer uma Pós-Graduação em Comunicação e Desporto, já mais de acordo com o que estava a fazer na Antena 1, na altura, que foi o primeiro contacto com o jornalismo de desporto.*

E na altura, o jornalismo desportivo foi uma imposição ou uma escolha?

- *Foi um acaso, totalmente. Não foi uma escolha, mas também não foi uma imposição. Na altura, tinha um estágio de fim de licenciatura em Coimbra e era eu que escolhia a área e o sítio em que queria fazer. Eu queria fazer em rádio e por isso escolhi a Antena 1 e escolhi fazer cá no Porto, porque como era uma redação mais pequena, as indicações que tinha é de que seria mais bem acompanhada e o ritmo era diferente de, por exemplo, a redação da Antena 1 em Lisboa.*

Na altura, foi uma escolha fazer na redação geral. Como o Porto era uma redação pequena, não tinha divisões temáticas, tirando o desporto e portanto achei que seria mais sensato fazer na redação geral, porque iria passar por todos os temas. Como era um estágio curricular, a intenção era aprender o mais que pudesse. O desporto acabou por surgir um ano depois de eu fazer o estágio lá na Antena 1, devido a uma rede social que às vezes nos abre portas, e não a rede social como a conhecemos hoje, mas aquela coisa de conhecermos as pessoas e de elas se lembrarem de nós por determinados motivos.

Eu almoçava sempre ao mesmo tempo dos colegas do desporto na Antena 1 no Porto, na altura ainda no edifício junto à Torre dos Clérigos, um edifício antigo da antiga Emissora Nacional, e para além de bonito tinha um bar muito pequenino e partilhávamos mesa e o balcão, se tivesse que ser. Eu ia almoçar sempre à mesma hora que eles, porque era depois do noticiário de desporto do meio-dia e meia. Eu sempre gostei bastante de desporto e o futebol é sempre um bom desbloqueador de conversa e nas horas de almoço, acabámos por criar uma boa relação, porque almoçávamos muitas vezes juntos. Passado um ano do estágio, o coordenador do desporto no Porto, o

Fernando Eurico, contactou-me a dizer que a Antena 1 queria alargar a quantidade de informação de desporto que cobria e para isso precisava de mais gente, e disse que me ligou porque se lembrou de mim. Tive muito boa nota de estágio na Antena 1, tive muita autonomia, porque já tinha experiência de rádio anterior. Acabei por fazer um estágio com alguma autonomia, com alguma liberdade, com alguma confiança por parte das pessoas que mandavam, digamos assim, devido à experiência anterior.

Como tinha feito um bom estágio, como tinha tido boa nota e como tinha ficado com boa relação com eles, acabaram por se lembrar de mim. Paralelamente, houve ali um desejo pessoal das duas pessoas que mandavam, o Fernando Eurico no Porto e o Paulo Sérgio em Lisboa, no sentido de deixarem a sua marca na rádio pública, de terem a primeira mulher a fazer isto.

Gostavam de deixar esse legado, gostavam de um dia serem lembrados por terem feito essa aposta. O Fernando Eurico falou com o Paulo Sérgio, falou da minha existência, porque ele não me conhecia porque estava em Lisboa e ele achou que a ideia era boa e acabaram por apostar em mim e cá estou.

Mas na altura fazia já reportagem de campo?

- Não, na altura não comecei a fazer reportagem de pista, não indo para a relva. Isso é mais recente, comecei na época passada. Comecei a fazer reportagem, mais inicialmente a 2ª Liga, passando de vez em quando pelas modalidades, a Antena 1 permite-nos isso porque acaba por cobrir muito mais coisas e aos poucos fui sentindo cada vez mais confiança, fui ganhando mais autonomia.

Eu já tinha falado na época anterior em fazer reportagem de pista, porque era uma coisa de que eu gostava e era mais um passo em frente e dado com alguma confiança, porque já tinha experiência e conhecimento suficiente para ser mais levada a sério em termos de futebol, e na época passada houve já essa aposta clara, e portanto a época começou e eu comecei a fazer logo reportagem de pista.

Fui fazendo algumas coisas e este ano é para manter. É uma coisa paulatina, é uma coisa cumulativa e que tem sido claramente evolutiva em termos de presença na rádio, em termos de tarefas e funções tem sido claramente evolutiva e à medida do meu ritmo, da minha confiança e à medida dos desafios que me vão colocando.

Portanto, no fundo foi uma aposta da Antena 1 numa mulher nestas funções, mas aqui também uma aposta da Cláudia no sentido de dar um passo à frente, certo?

- *Sim, sempre. Sempre muito essa vontade. Como disse no início, o desporto foi um acaso, tive sorte de as pessoas terem ficado com boas relações comigo, de ter feito um bom estágio e de ter deixado boa marca, mas eu podia ter feito um bom estágio, mas não ter convivido com as pessoas do desporto, e se lembrarem de mim um ano depois. Foi um acaso, mas daí a fazer disto modo de vida, ao tentar vingar numa área em que eu sou claramente minoritária e em que eu sou claramente o 'peixe fora de água', e aí sim, do acaso, até se tornar nessa aposta clara pessoal, foi um trajeto muito curto também pelas minhas características pessoais em termos de personalidade.*

Percebi muito cedo que me estava a mover em terreno que era um bocadinho desconhecido para a mulher, para uma jornalista de rádio, pela minha idade também. No início, era tudo um pouco estranho e raro. Eu acabei a licenciatura com 21 anos, portanto eu tinha 22, creio, quando comecei a fazer rádio. Era muito nova e eu notava que havia ali por parte de colegas alguma desconfiança porque era muito nova, era mulher, e o facto de não ter estudado no Porto e de não ter estagiado no desporto, fazia com que eu fosse um elemento mais desconhecido ainda.

Havia colegas que podiam ser da minha idade, mas como já tinham estagiado por cá, já conheciam algumas pessoas e eu não tinha passado por isso. Eu estagiei na informação e fiz tudo menos desporto. No início, houve muita gente que me acolheu, recebeu, tratou, orientou muito bem, mas também houve reações de desconfiança, de olhar de lado, como se fosse uma ave rara, ainda por cima em rádio, e portanto facilmente, também devido às minhas características pessoais de personalidade, se tornou uma vontade de vingar neste terreno inóspito.

Mas não era discriminada, certo? Era mesmo por ser nova, e rapariga no desporto?

- *Sim. Dos colegas, e eu estava a falar do meio jornalístico em si, nunca senti discriminação. Senti alguma desconfiança, sobretudo de colegas mais velhos. Há aqui outra coisa que contribui, parece-me, até pela minha própria análise e pelo que fui percebendo, que a Antena 1 no Porto não tinha e não tem muita gente. Isso significa que fazemos um bocadinho de tudo, digamos assim.*

Ou seja, eu dou o meu exemplo, mas posso dar o exemplo do meu coordenador, que é a pessoa em termos hierárquicos que está no topo cá no Porto. Nós podemos hoje estar a fazer hoje um jogo da 2ª Liga e amanhã estarmos a fazer a conferência de

imprensa do Porto, que é o clube mais importante aqui em cima, pelo que aqui será o clube mais importante que nós possamos cobrir. Ao nível dos jornais, sobretudo, isto não se passa assim. Para nós passarmos a fazer cobertura jornalística do Porto, é preciso passar por várias etapas, até se chegar ao clube grande, digamos assim.

Vai-se começando numa divisão inferior, vai-se trilhando algum caminho, vai-se prestando algumas provas, até se chegar à 1ª Liga, e depois na 1ª Liga começa-se a crescer também em importância de clubes, até se chegar ao clube principal. Ou seja, de alguns colegas, o que eu senti, foi um olhar de lado no sentido de «eu tive que trabalhar 10 ou 15 anos para chegar aqui, para cobrir o Porto, tenho x anos de profissão, e esta miúda chega aqui agora...», não sei se me faço entender.

A rádio permite que eu contacte com os temas mais ou menos importantes, mais mediáticos ou menos, pelo número de pessoas que têm a trabalhar cá em cima. Dos colegas não houve discriminação, mas sim desconfiança. Mais discriminação houve sim por parte do público nos estádios, até porque estamos num meio que mexe muito pelas emoções das pessoas e o clubismo.

Nem sempre as pessoas pensam com a razão toda quando estamos a falar do seu clube, do seu amor. Aí sim, senti discriminação. Mandarem-me ir lavar a louça, dizerem que não percebia nada de bola, ou para ir para casa tomar conta dos filhos, eram coisas que no início ouvia muito. Hoje ouço menos, porque também já são alguns anos e as pessoas já me reconhecem de alguma forma.

E isso acontecia também devido ao facto de o desporto em geral, e se calhar o futebol em particular, ser um mundo ainda de homens?

-Sim, há essa questão. É maioritariamente masculino, é um facto, mas as diferenças começam a ser um bocadinho menores. Começa a haver mais mulheres de facto, mas continuam os homens a ser maioria. Há outra questão que notava também, e ainda noto, que tem a ver com a modalidade que estejamos a falar, ou seja, de uma forma geral, todos percebemos de futebol, mas nem todos, de uma forma geral, percebemos de andebol ou basquetebol ou hóquei em patins, ou seja, o comportamento do público comigo, mesmo sendo maioritariamente masculino em termos de modalidades, era diferente se fosse futebol, em que todos somos treinadores portanto todos opinamos, todos sabemos melhor que o treinador que substituição fazer, se foi um lance duvidoso ou não, ao passo que em andebol, basquetebol, ou hóquei em patins, o conhecimento das regras, o conhecimento do jogo, não é o mesmo.

O público é mais 'civilizado' nesse sentido, porque como tem menos conhecimento, arrisca menos a opinar e respeita mais o trabalho do jornalista.

E entretanto, como é que surgiu no meio disto tudo o Zero Zero?

- Por acaso, deixei o Zero Zero na última sexta-feira. Entrei em 2010 e saí na sexta-feira.

No entanto é relevante, foram cinco anos. Como é que aconteceu?

- Na altura eu já estava na Antena 1, e respondi a um anúncio. Eles estavam à procura de uma pessoa, porque queriam iniciar a parte da redação. O Zero Zero já existia, mas com o cariz de base de dados, com o cariz de divulgação de resultados, estatística, fichas de jogo, etc., e queriam desenvolver a parte da redação. Não tinham ninguém, por isso eu fui a primeira jornalista que eles contrataram.

Fui eu que até iniciei o processo de empresa jornalística e toda essa parte burocrática, e a redação formou-se com a minha entrada. Eu na altura já estava na rádio e eles acharam que eu tinha as características que eles entenderam que encaixava no que eles pretendiam, a experiência que me permitia também liderar este projeto e acabaram por aceitar que eu mantivesse a colaboração que tinha com a rádio, e durante estes cinco anos conciliei as duas.

A redação foi crescendo, entretanto foram contratados novos jornalistas, tornou-se uma coisa profissional, séria, com uma estrutura diferente já que quando entrei era só eu, e depois foi crescendo e tornou-se uma redação, ainda que diminuta comparada com outros tipos de redações, mas já com uma estrutura profissional, com agenda, com serviços, com exteriores, não tanto quanto gostaríamos, mas tem a ver com a dimensão da empresa.

Falámos da redação, falámos do público, e em relação aos principais intervenientes desportivos?

- Nunca tive nenhuma situação negativa. Jogadores, treinadores, dirigentes, nunca senti. Já senti positiva, no sentido de, se calhar se um homem fizer a mesma pergunta que eu, a resposta seria menos polida, digamos assim. Inclusive, já aconteceu uma vez no Estádio do Dragão, eu fiz uma pergunta ao Jorge Jesus e ele no fim veio-me cumprimentar e dar-me os parabéns pela pergunta que eu tinha feito e os colegas

brincaram e disseram que ele só fez aquilo «porque eu era mulher, senão nem te respondia».

Não sei se isso é verdade ou não, mas negativa nunca houve. Houve certamente ao início algum clima de estranheza, porque não é habitual e mais ainda em rádio, mas também houve, e faço essa ressalva em relação ao público, situações positivas, de me virem dar os parabéns, de me virem cumprimentar, o facto de olharem para a tribuna de imprensa e saberem que é a única mulher, por isso só pode ser aquela a Cláudia Martins. Isso fazia com que as pessoas me viessem cumprimentar e dizer que sabiam quem eu era.

Aconteceu também várias vezes eu fazer anos e o pivô dizer por exemplo que eu fazia anos e as pessoas virem dar-me os parabéns ao intervalo, por isso também há coisas positivas. Eu posso dizer que neste momento não existe essa reação negativa. No início, mandavam-me lavar a louça muitas vezes, agora já não.

Também o tempo vai passando e as pessoas vão-nos reconhecendo alguma capacidade ou alguma competência. Por parte dos agentes desportivos mesmo, nunca senti qualquer discriminação, mas fui sentindo aqui e ali alguma ação até positiva, pelo menos em educação, se calhar.

Contêm-se mais um bocadinho?

- Sim, se calhar. Em vez de usar determinadas expressões ou em falar mal às vezes, o futebol tem dessas coisas. No futebol, as pessoas respondem às vezes de forma mais brusca quando fazemos perguntas incómodas e eu nunca senti isso de forma negativa. Há pelo menos algum cuidado.

A Cláudia é a única na rádio, o que mostra que continuam a dominar os homens nas redações. Havendo cada vez mais mulheres a concluir o curso de jornalismo, porque será que não há mais? Será que não se interessam pelo desporto ou as redações não estão ainda abertas a essa possibilidade?

- Eu acho que pode ser um bocadinho de tudo. Há aqui questões que têm a ver com a cultura do país, que têm a ver com características pessoais, é preciso ter alguma resiliência e coragem. Não é que esteja aqui a fazer um auto-elogio, mas de facto é preciso saber muito bem o que se quer, para nos mantermos no trilho sabendo que estamos a desbravar caminho.

Da parte das mulheres que estudam jornalismo, pode faltar também essa questão, mas a verdade é que há cada vez menos oportunidades, seja qual for a área. Também acredito que em termos de chefias, tenha que existir alguma coragem, como a que o Fernando Eurico e o Paulo Sérgio no caso tiveram comigo, e que nem sempre possa existir, porque quer queiramos quer não, eles correram um risco, o risco pelo menos de ser diferentes.

Posso falhar eu, pode falhar um homem. Se falhar um homem, ele enganou-se. Se falhar uma mulher, ela não percebe nada de bola. Ainda há este selo e isso exige coragem do outro lado. É claro que também tem a ver com o próprio interesse e as pessoas têm que perceber do que é que gostam e a verdade é que no nosso país, em termos culturais, o desporto foi sempre um bocadinho mais distante das mulheres, portanto o interesse também tem a ver com a proximidade com os temas e mesmo em termos de prática desportiva, as mulheres estão sempre mais distantes, principalmente do futebol, porque eu conheço várias colegas mulheres jornalistas que trabalham no desporto mas, e isto não é uma regra, diria que a maior parte trabalha mais na área das modalidades do que no futebol e tem a ver também com o risco e interesse. Se calhar, as mulheres estão mais próximas das modalidades do que do futebol.

O futebol feminino em Portugal, só nos últimos dois ou três anos é que começa a ser um bocadinho mais falado e tem também a ver com essa questão. Há coisas culturais que precisam de tempo para se tornarem mais normais, digamos assim.

Então e para quando a Cláudia num relato de futebol?

- Fazem-me várias vezes essa pergunta. Eu costumo dizer que ainda não tenho velocidade, e é verdade. Admito que há um bocadinho de medo, precisamente pelo medo de falhar, porque um homem a enganar-se num relato, é muito diferente que uma mulher enganar-se num relato.

Portanto, a fazê-lo, quero fazê-lo com a garantia de que vou cometer os menores erros possíveis, porque erramos sempre, e erraremos sempre, mulheres ou homens, mas eu prefiro dar passos consolidados e se calhar só por isso é que na última época comecei a fazer reportagem de pista e a ideia é consolidar essa parte e pensar nos relatos mais lá para a frente. Não 'dar um passo maior que a perna'. O intuito é esse, mas preciso de velocidade, não estou sequer em condições de experimentar.

Eu sou jornalista. Eu faço tudo, todos os temas que me propuserem, todos os serviços que me marcarem, acompanho jogos em direto e a maior parte do meu trabalho é ouvido nas tardes desportivas, que são 3, 4, 5, 6, 7 horas de emissão em direto dos vários estádios de todo o país.

Acompanho mais jogos da 2ª Liga que da 1ª, apesar desse rácio se ter equilibrado nos últimos anos. Já faço mais 1ª Liga do que no início e isso tem a ver com a tal consolidação, com as tais provas dadas, e por ser uma rádio de serviço público, a atenção que dá às várias modalidades também me permite fazer coisas de modalidades, apesar de não ser tanto como gostaria, nem como a própria empresa gostaria, mas isso tem a ver com a quantidade de recursos, com o facto de o país ligar mais ao futebol do que andebol ou ao basquetebol, ou que qualquer outra e ao fazer opções, o futebol acaba por ganhar.

E é mais rentável.

- Claro. E quer queiramos quer não, é o interesse do público. Mas de uma forma geral, faço tudo. Faço conferências de imprensa, jogos, eventos desportivos, sempre mais como repórter. Dificilmente faço redação. Por norma, estou onde acontecem as coisas.

Filipa Santos Sousa

Qual o seu percurso académico até à data?

- Bem, eu estudei em Vale de Cambra até ao secundário e depois fui para a Universidade do Minho, para tirar a licenciatura em Ciências de Comunicação. Depois, inscrevi-me no Mestrado de Ciências de Comunicação com especialização em Jornalismo, também na Universidade do Minho. Fiz o 1º ano e fui estagiar no 2º ano, mas como não entreguei o relatório de estágio, só tenho a Pós-Graduação concluída. Fui estagiar para A Bola no Porto e tive sorte. Passados dois meses, surgiu a oportunidade de trabalhar com A Bola e eu preferi apostar mais no percurso profissional e deixar o relatório para outra fase.

E porquê o jornal A Bola?

- É uma boa pergunta e não quero que pareça que só estou a dizer isto para parecer bonito. Eu sempre andei dividida entre Jornalismo e História, e quando me inscrevi na Universidade, acabei por optar por Jornalismo e já ia com a ideia de jornalismo de desporto. Eu sempre gostei de desporto, mas nunca gostei de fazer. A Bola sempre foi a minha referência, porque o meu pai é benfiquista e lia o jornal todos os dias e o meu primeiro contacto com o jornalismo e um jornal foi com A Bola.

Acabei por ficar com a ideia. Quando fui para a Universidade, comecei a ler mais atentamente. Realmente, a nível desportivo sempre achei que A Bola era o que mais se distinguia, porque a forma como as pessoas escreviam me chamava a atenção. Criei uma ligação.

Mas havia tradição de prática desportiva na família?

- A única pessoa que praticava desporto ativamente na minha família era o meu primo no ciclismo, chegou a ir à Volta a Portugal e fez a vida toda ligada ao ciclismo. Esse percurso despertou-me o gosto pelo ciclismo, que é uma das áreas que mais gosto em desporto. Também sempre gostei muito de futebol, apesar de não saber jogar e era muito má aluna a educação física. [risos]

Houve então a possibilidade de integrar a redação d' A Bola. Como foi quando lá chegou?

- No primeiro dia de estágio no Porto, estava muito nervosa. Desde o primeiro dia estive na secção “Outros mundos”. A Bola é um desportivo, mas tem outras valências. Dentro do jornal, há sempre duas páginas dedicadas à parte generalista: uma página para nacional e uma página para internacional. Também temos essa valência no site e comecei por aí. No desporto, surgiu a oportunidade de por duas vezes sair com colegas meus que saíram em reportagem. Um dos trabalhos, foi quando o João Moutinho foi apadrinhar uma escola do Salgueiros 08, e eu fui ver como era e fiz um texto para o meu orientador, não era publicado.

Houve no entanto um trabalho que me pediram e não correu muito bem, ainda por cima de ciclismo. Eu estava muito feliz, mas senti-me atrapalhada pelos nervos de principiante e que depois tive que aprender a controlar. Como sabia tanto sobre o tema, e estava na primeira semana de estágio, não me controlei. O texto acabou por não ser publicado. Mas serviu de exemplo, tirei muitas lições daí e depois acabaram por me dar a oportunidade de ir fazer outro trabalho só eu. Foi com a seleção feminina de basquetebol de Angola, que é uma das melhores equipas de África, e elas na altura estavam a fazer um estágio perto da nossa redação, e eu fui falar da preparação delas para o campeonato africano e correu muito bem.

Gostei muito, não houve problema nenhum, e não tive o mesmo problema do início, porque eu tinha ideia de que tudo era importante e não tinha poder de síntese. Levei tudo preparadinho, mas não me deixei levar pelo guião, aprendi a prestar mais atenção ao que o meu entrevistado dizia, ao contexto e correu muito bem. Esse artigo saiu no jornal A Bola de Angola, e acho que foi um dos pontos altos do meu estágio e fiquei satisfeita, porque eu sabia que conseguia fazê-lo e controlar os nervos.

No estágio, ajudava também na receção aos jogos do Campeonato Nacional de Seniores e 2ª Liga, falava com os correspondentes, e foi um período muito bom. Gostei muito, porque eu estava muito motivada para aprender. Quando os meus colegas faziam crónicas e eu ia para ao pé deles escrever também crónicas para mim, para treinar e para o meu orientador ler.

Como foi o processo de ligação entre o estágio no Porto e conseguir um lugar em Lisboa?

- Bem, terminou o estágio e surgiu a oportunidade de vir para Lisboa. Como fiz o estágio na empresa, foi mais fácil. Surgiu uma oportunidade, enviei o currículo e propiciou-se. Foi numa altura boa, porque surgiram algumas vagas e vim em fevereiro de 2014.

Em Lisboa, a redação é muito maior, como é feita a distribuição de notícia? O que faz concretamente?

- Eu estou na redação de futebol nacional e uma das coisas muito boas que encontrei aqui, foi o online, já que a base do site é toda feita cá [em Lisboa]. Eu tanto trabalho no papel como no online e isso é bom, dá-nos mais valências. É-nos permitido desenvolver textos para papel e ganharmos aptidões do online de rapidez, de estar atento a ter.

O online exige que estejamos mais atentos, é isso?

- Exatamente. E eu gosto muito e é um ótimo exercício. Eu sempre gostei de escrever para papel e o online veio-me ajudar também nisso. Para quem está a começar como eu, é ótimo. Não sei números atuais, mas A Bola tem um dos sites de media mais vistos em Portugal. Dá-nos noção do que é o 'perigo', online porque acontece a todos enganar-se num título ou assim, por causa de ser imediato e obrigamos a ser mais cautelosos. É um duplo desafio entre a rapidez e o não errar.

Na redação, como é feita a distribuição de trabalho diariamente?

- Bem, eu só posso falar pela minha experiência. Como estou no futebol nacional, permite-me estar no online. Depende dos dias, depende das folgas das pessoas, mas por norma é do género metade, metade entre online e o papel. Quando há domingos de grande confusão, dou sempre uma ajuda, mesmo que não tenha certos jogos na agenda. Temos que ser solidários.

E na redação, como se organizam? As pessoas estão divididas por modalidades? Como funciona?

- Bem, temos a redação de futebol nacional, temos o online, temos vários editores, temos um departamento para modalidades, que também tem os seus editores. Temos o

futebol internacional e temos um grupo de jornalistas que se dedicam mais ativamente aos grandes clubes. A minha secção é a de futebol nacional, que trata de todos os outros clubes da 1ª Liga - Zona Sul, Campeonato Nacional de Seniores - Zona Sul, 2ª Liga - Zona Sul, muita coisa.

E em relação à quantidade de jornalistas na redação, há mais homens ou mais mulheres?

- Não faço ideia quantos somos na redação, não sei mesmo. Apesar de haver mais homens, a verdade é que encontrei mais mulheres do que estava à espera.

Salvo erro, são 4 mulheres, pelo menos no futebol nacional, no futebol internacional há uma rapariga, no online são fixas pelo menos duas, no Benfica temos a Elsa Bicho, que é um dos grandes nomes do nosso jornal, nas modalidades temos várias também. A maioria masculina prevalece e não é equitativo, mas até há um número aceitável de mulheres.

Essa diferença terá a ver com o facto de as mulheres não terem tanto interesse pelo desporto ou ainda por algum tipo de discriminação?

- Sim, sem dúvida que é falta de interesse. Só a título de exemplo, quando andava a estudar, no meu ano e no meu curso, só eu e outra colega minha é que queríamos jornalismo desportivo, e mesmo rapazes era só um e isto numa turma de 30. Nunca me cruzei com muita gente que se interessasse por jornalismo desportivo para trabalhar na área, sobretudo raparigas, para além de mim só conheci duas, talvez.

Inês Mota Antunes

Como foi o seu percurso até chegar ao Record?

- Tirei Comunicação e Jornalismo, na Lusófona. Antes de terminar o curso, já estava a trabalhar para o Record, porque fui convidada para fazer crónicas durante o Mundial de 2010. Eu terminei em junho/julho o curso e em junho já estava a escrever crónicas para o jornal Record, do Mundial. Escrevi cinco, se não estou em erro, até Portugal sair da competição e depois já não escrevi mais. Foi assim que entrei para o jornal. Depois, estive afastada um tempo e depois fui chamada para começar definitivamente no jornal.

E como surgiu a oportunidade de escrever essas crónicas?

- Estranhamente, foi através do Twitter. O diretor na altura, o Alexandre Pais, conheceu-me através do Twitter, foi vendo o que eu escrevia, aquilo que eu fazia, aquilo que eu colocava no meu blogue na altura, e entretanto o convite surgiu do nada. Fui à minha caixa de mensagens no Twitter e tinha um convite do diretor do jornal Record, para escrever crónicas para o jornal.

Foi um bocadinho surpreendente na altura. Eu, na altura, nem sabia quem ele era, confesso, fui pesquisar, e percebi então que estava a ser convidada para escrever crónicas no Record durante o Mundial e basicamente eram 30 ou 31 cronistas e eu estava entre pessoas como o Artur Agostinho, entre outros, e era a única desconhecida na lista. Convidaram-me para escrever sobre como Torres Vedras, que é onde vivo, estava a viver o Mundial, o que se passava nas ruas, como as pessoas viam o futebol, e como viam a Seleção nessa altura, onde é que iam, o que comiam, o que bebiam e basicamente foi isso que fiz.

Quando estava a tirar o curso, era ambição seguir a área de desporto?

- Eu sempre tive uma ambição quando fui tirar jornalismo, que era fazer rádio, e que não consegui concretizar. Eu sempre gostei muito de desporto e política, e durante o curso comecei a gostar muito de jornalismo económico, ou seja, eu tinha essas três áreas, dentro daquilo que eu desejava fazer no futuro. Surgiu essa oportunidade e obviamente que aceitei, e fui. Confesso que no início foi um bocadinho complicado, porque achamos que entendemos alguma coisa e quando lá chegamos, não percebemos

nada de nada. Houve muito trabalho, mas não me arrependo de nada de ter ido para jornalismo desportivo.

Quanto tempo esteve no Record?

- Eu estive 2 anos e meio, fora as crónicas. Basicamente, entrei em março de 2011 e saí em outubro de 2014.

E que funções desempenhava?

- Eu estive em duas secções, quando estive no Record. Quando entrei, fui para uma secção completamente feminina. Estive nas páginas d' "O jogo da vida" e do "Fora do Campo" (que entretanto foi abolido), que é a parte social do jornal, onde aparecem as mulheres dos jogadores, e esse tipo de questões e era aí que eu trabalhava no início. Mais tarde, senti necessidade de fazer qualquer coisa mais dentro do desporto, e pedi para mudar e ter uma oportunidade, e foi aí que me transferiram para o online.

No online tratavam de todo o tipo de assuntos?

- Sim, aí fazia tudo. Fazia diretos de jogos, fazia tudo e mais alguma coisa. Tudo o que era necessário fazer, eu fazia.

Como eram distribuídas as notícias pelos jornalistas?

- Se quer saber se existe alguma discriminação, aquilo que lhe digo é que existe. Existe, mas é inconsciente. Tu reparas que não é consciente por parte das pessoas que mandam. As notícias normalmente são distribuídas de forma igual por toda a gente, até porque no Record, a maioria das mulheres que lá está ocupa cargos de chefia, portanto não há grande discriminação.

As notícias são distribuídas consoante aquilo que tu mostras que consegues ou não consegues fazer. Há áreas que dominas e outras que não dominas. Se dominas futebol internacional, vão-te dar mais futebol internacional do que nacional, por exemplo, mas isso depende muito daquilo que vais mostrando no teu percurso no Record.

A maioria das mulheres ocupa cargos de chefia, é o que estava a dizer?

- Sim, a maioria delas ocupa esses cargos, mas entre homens e mulheres, a diferença é alguma, é óbvio. Não há muitas mulheres, há 10 no máximo na redação, a

escrever para o jornal, havendo depois mais, mas na parte gráfica e design. Depois, o resto é tudo homens, devem ser mais de 50.

Porque é que as mulheres continuam então a estar ainda em minoria nas redações de desporto?

- Acho que a razão principal é o facto de as mulheres não gostarem tanto de desporto como os homens e acabam sempre por procurar entrar em outras áreas. Agora, com o aparecimento de canais de TV e programas ligados ao jornais desportivos (A Bola TV, CMTV - com Hora Record e Mercado), as mulheres surgiram naturalmente como rosto, porque acaba por ser 'novidade' e captar o telespectador masculino, que é o que mais vê esses programas.

Contudo, acho que as mulheres acabam na sua grande maioria por cair ao acaso nas redações desportivas, depois mostram que se se envolverem no trabalho são tão boas, ou melhores, do que os homens...mas quase sempre não é essa a vertente que inicialmente mais as atrai. Eu, por acaso, sempre gostei de desporto e sempre assisti muito a várias modalidades, mas tenho noção que era uma exceção na minha turma na faculdade, por exemplo, onde todas queriam seguir ou o jornalismo mais cor-de-rosa ou algo 'mais sério'.

Nas redações, as notícias continuam a ser escritas como se fossem escritas de e para homens?

- É uma questão complicada. Eu acho que sim, pessoalmente. Obviamente, o desporto é o terreno dos homens e nós sabemos disso. Ou seja, quando escrevemos uma notícia, nós à partida pressupomos sempre que estamos a falar com alguém que sabe o que está a ler e do que estamos a falar. Mais uma vez, acho que não é consciente isso que fazemos, já que escrevemos para entendidos na matéria, ou seja, por aí sabes que 90% são homens e 10% mulheres. Eu acho que as notícias estão escritas para homens, porque são eles que entendem e se interessam mais por desporto, mas não é feito de forma consciente.

Porque saiu do jornal?

- Foi um acumular de situações. Eu ganhava muito mal e estava a recibos verdes, apesar de assumir algumas responsabilidades e estar a ter algum trabalho que exigia mais de mim. Achei que era muito pouco, foi-me recusado na altura e como foi

recusado, vim-me embora. Isto tudo associado à mudança de diretor em junho/julho deste ano, e essa mudança marcou-me. Eu estava diretamente ligada ao anterior diretor e a outra forma de trabalhar. Depois, não me adaptei bem a toda essa situação.

Inês Gonçalves

Inês, qual foi o seu percurso académico e profissional até aos dias de hoje?

- Bom, eu escolhi a área de Letras na escola e depois tirei o curso de Ciências de Comunicação, a licenciatura de quatro anos. Quando acabei, fui fazer um estágio no Diário de Notícias no último ano da Universidade, e depois do estágio trabalhei na ANJE, a Associação Nacional de Jovens Empresários, durante um ano, e nessa altura entreguei currículo para a N TV, que era a televisão que ia abrir no Porto, e fui selecionada em 2001, e depois em 2003 acabei por ir para a RTP, quando a RTP comprou a N TV.

Tanto na N TV, sempre gostei muito de desporto e fiquei naturalmente na equipa de desporto, porque falava disso e gostava de ver futebol, e quando cheguei à RTP foi uma escolha também natural, e dei continuidade ao que já fazia na N TV.

Ao fim de alguns anos, com certeza há muitas histórias para contar. Alguma delas envolve algum tipo de discriminação negativa ou positiva, ou até ambas?

- Não, por acaso não tenho nenhuma história em concreto. Apesar de ser um mundo de muitos homens, já há muitas mulheres hoje em dia, também, e creio que já não se coloca tanto essa questão, de poder ser estranho ser mulher. Já há muitas mulheres também no desporto e a discriminação positiva às vezes tem a ver com o cuidado com que os colegas nos tratam. Para mim, já é normal, nem me sinto diferente deles.

Ainda assim, e comparando com os homens, as mulheres continuam a ser menos nas redações.

- Sim, muito menos. Na redação do Porto, por exemplo, eu sou a única mulher na equipa de desporto. Aliás, na equipa de desporto da RTP, quer no Porto quer em Lisboa, sou a única mulher.

E a que é que será que isso se deve?

- Eu acho que tem a ver com as próprias mulheres. Não acho que seja por exemplo por causa de discriminação. Associa-se muito o desporto ao futebol e há mulheres que gostam de futebol, mas a maior parte não. A maior parte não fica nem quer ficar sentada a ver um jogo de futebol e nem sabe o que significa um 4-4-2 e nem gosta dessa

linguagem sequer. Eu sempre gostei de ouvir relatos, sempre fui ver futebol com o meu pai, e sempre vi futebol em casa, e sempre li jornais e acho que vem daí, no meu caso, mas a maior parte das meninas, quando são novinhas não querem isso, têm outros programas, não querem ver um jogo de futebol e também não querem ser jornalistas de desporto, porque também não querem estar a ver futebol e ler jornais de desporto. Eu acho que funciona mais por este lado do que ao contrário, as mulheres quererem e haver uma discriminação que depois as afaste.

Todos nós sabemos que o futebol é o desporto-rei em Portugal e abordou isso várias vezes. Não escolhendo as mulheres essa área, estarão elas noutras modalidades?

- Há muito poucas, até porque há muito pouco espaço dedicado pelos órgãos de comunicação social às outras modalidades, é muito, muito, muito pequeno. Por acaso este ano fiz o 11º ano consecutivo de Volta a Portugal em Bicicleta e fiz uma reportagem sobre as mulheres que fazem a Volta a Portugal como jornalistas e a colega do Record, e ela só faz modalidades, o que é uma coisa muito rara. Há muito poucos jornalistas que só fazem modalidades.

Normalmente fazem tudo, sobretudo futebol. Se abrirmos um jornal, e vermos qual é a percentagem de notícias sobre futebol e as outras modalidades, é incomparável. Acho que nunca tinha encontrado um jornalista que só fizesse modalidades. É raro, porque os órgãos de comunicação social não têm dinheiro para investir numa coisa que as pessoas também leem menos, é verdade.

Como vê o jornalismo em Portugal na atualidade, mais concretamente o jornalismo desportivo?

- Vejo o jornalismo do desporto exatamente da mesma forma como vejo o outro. Não vejo de maneira diferente. Vejo exatamente igual e cada vez mais me convenço disso. Temos os nossos contactos, as nossas fontes, e trabalhamos exatamente da mesma maneira. Confirmar notícias, pesquisar, exatamente igual. Há quem ache que há diferenças, mas não. É exatamente igual.

E nesta variante de desporto, há alguma preparação do conteúdo, sabendo que a maioria que vai consumir as notícias são homens?

- Eu acho que não deve ser assim. Na televisão, fala-se para muita gente. Quanto mais abrangente e mais clara, melhor. A linguagem tem que ser o suficientemente

simples para chegar a mais gente, e é isso que faço no meu trabalho todos os dias. Quando escrevo um texto, tento simplificar para o maior número de pessoas perceber. Não é para um nicho de treinadores ou jogadores de futebol, é para o público em geral e portanto a linguagem tem que ser o mais clara possível. Tem que ser o menos futebolês possível. Se for na economia, é a mesma coisa, se for na área de medicina é igual.

E onde podemos ver a Inês nesta época desportiva?

- Nós, na RTP, vamos voltar a ter a Liga dos Campeões e eu vou voltar a apresentar o programa e vou continuar a fazer o que fazia aqui no Porto, que é apresentar os “Jornais de Desporto” e tudo o que seja programação associada, quando há jogos de futebol, debates de futebol, e que sempre fiz, no fundo.

Mariana Cabral

Mariana, qual foi o seu percurso até chegar ao Expresso?

- Eu sou de São Miguel, nos Açores e vim para Lisboa, para a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Nova e tirei Ciências da Comunicação. Porque sempre foi o que eu quis fazer e especialmente da parte desportiva. O meu pai também era, e ainda é, jornalista. E então tirei o curso e no final tínhamos que fazer um estágio. Na altura, fiz o estágio n' A Bola, porque quando era adolescente lia o jornal quase todos os dias e achava que A Bola era espetacular e que ia adorar trabalhar lá.

Afinal não gostei de lá estar. Depois acabou o estágio e na altura um professor meu arranjou-me outro estágio na revista do Expresso e eu fui para lá, mas não para a parte do desporto. Estagiei lá, gostaram bastante de mim e fiquei na parte do multimédia, porque estavam a precisar de uma pessoa. Estive no multimédia 3 ou 4 anos, até um colega que estava no desporto ter saído para outro sítio e abriu uma vaga. Fui eu para o desporto, que é uma coisa que me agrada muito mais.

Há quanto tempo?

- Há cerca de 1 ano e meio.

E esse gosto pelo desporto, deve-se a algum motivo em especial?

- Quando era miúda, o meu pai gostava muito de desporto e levava-me sempre com ele e desde pequena também comecei a jogar futebol e joguei até há pouco tempo. Também joguei ténis, fui federada. Desde miúda que sempre gostei e até hoje. O futebol é o principal, mas gosto de desporto em geral, sim.

Qual é o tipo de trabalho desenvolvido no Expresso?

- Depende muito, porque no Expresso somos só dois, eu e o meu colega que é coordenador. Há semanas em que vamos fazer reportagens, mas mais para a revista, ou assim. Para as páginas do jornal, não saímos tanto. É mais notícias por telefone e tentamos sempre mantermo-nos atuais, mas sempre tentando fazer coisas diferentes sobre a atualidade. Fazemos muitas entrevistas mas tentamos dar interesse às perguntas e fazemos muitos artigos um bocadinho 'fora da caixa'. Tentamos abordar o desporto de uma maneira não tão técnica, mas mais geral, para as aquelas pessoas que

nem sequer sabem muito de futebol consigam ler aquele artigo e achar interessante e gostar.

E em termos de modalidades? Tentam acompanhar todas?

- Sim, tentamos. Damos prioridade ao futebol, porque é o desporto mais falado em Portugal, mas tentamos acompanhar as outras modalidades, sim. Numa semana normal, temos sempre duas páginas de desporto, e normalmente uma delas tem sempre quase só notícias sobre modalidades. Tentamos acompanhar ténis, ciclismo, golf, boxe, atletismo, desde que sejam histórias interessantes nós pegamos nelas, independentemente da modalidade.

Tem alguma história que possas contar de discriminação positiva ou negativa que tenha sentido, sendo este um mundo de homens?

- Bem, isso é verdade. Normalmente, não é gozo, mas os homens riem-se sempre quando me veem chegar, porque ainda por cima tenho 27 anos, não sou assim muito velha, e quando as pessoas me vêem chegar há sempre aquele sorriso ao perceber que é uma miúda. Desde que estou no Expresso, também vou às vezes às edições da manhã da SIC Notícias e também já fui convidada para ir ao “Mais Futebol”, à TVI 24, e sempre que chego lá há aquela reação de surpresa, como se fosse muito estranho uma mulher em Portugal saber alguma coisa de futebol ou interessar-se por desporto.

Não é assim tão estranho, é uma coisa normal hoje em dia, acho eu. Mas nunca tive nenhuma história má, só esse tipo de reação de surpresa, de risota, e mandam piadas machistas às vezes de «és tão gira e gostas de futebol, que mulher perfeita», esse tipo de conversas que não fazem sentido.

Portanto, ainda acham estranho uma mulher num mundo dominado por homens?

- Sim, os homens continuam a dominar largamente. A primeira mulher que me lembro de ver quando era pequena, era a Cecília Carmo, na RTP, no “Domingo Desportivo” e depois não me lembro de muitas mais depois disso. Recentemente, começa a haver mais mulheres, a Cláudia Lopes da TVI, a Andreia Sofia Matos também na TVI, a Inês Gonçalves da RTP, mas essas no papel de jornalistas e pivô.

No papel de comentadoras, que também é um papel importante, há agora a Helena Costa, que não é jornalista mas é comentadora e acho que foi a primeira mulher a comentar futebol em Portugal. Também é um especto importante, começar a haver mais

mulheres, para mostrar que é uma coisa normal. Nos programas desportivos não tem que haver só homens, podem haver mulheres. Não é assim tão estranho, porque as mulheres não são extraterrestres que não sabem nada de futebol, claro que sabem!

Há mais mulheres a terminar o curso de jornalismo ou similares, porque é que será que nas editorias de desporto continua a haver tão poucas?

- É uma boa pergunta, não sei. Pelo que vi n' A Bola e pelo que vejo agora, acho que já há mais mulheres. Se ainda há machismo ou não na escolha dos jornalistas para os cargos, é possível. Não sei se há ou não há, mas é comum, se calhar, um editor olhar para uma mulher e para um homem e depreender que ele é que percebe mais de desporto. Aliás, já me aconteceu, e há pouco perguntaste algumas histórias e nem me lembrei.

No início, quando estava no Expresso, pediram-me para fazer um trabalho muito grande para a revista sobre o Mundial de 2010, apesar de ainda não estar na secção de desporto. Era um trabalho muito grande, com cerca de 20 páginas, a descrever os grupos todos, as seleções todas, quem era o jogador mais importante de todas as seleções, e essas coisas, e também teve uma infografia na internet.

Depois do trabalho ter saído, toda a gente gostou muito e elogiaram muito, e depois na altura, a editora veio-me dizer que um dos diretores na altura, quando lhe disseram que era eu que ia fazer aquilo, questionou se uma miúda ia conseguir fazer aquilo sobre futebol. É um preconceito completo. Ainda subsiste essa ideia nas gerações mais antigas, mas nas gerações mais novas acho que nem tanto, pelo que me vou apercebendo nas redes sociais, pelos comentários que fazem no Twitter aos artigos e as gerações mais novas já não têm tanto esse preconceito e espero que não tenham.

Quando abriu essa vaga para a secção de desporto no Expresso, foi um concurso interno? Foi escolhida?

- Foi concurso interno, sim. Como eu estava no multimédia e já fazia algumas coisas de desporto no multimédia e na revista por exemplo, foi o Ricardo Costa na altura que achava que eu era a pessoa indicada para o lugar, perguntou-me se eu queria e eu disse que queria, claro que sim.

Neste caso, então até foi um superior a sugerir.

- *Sim, foi exatamente isso que aconteceu. Ele sugeriu e eu fiquei muito grata, é claro.*

E como é que vê o jornalismo de uma forma generalizada em Portugal, concretamente o de desporto?

- *É um bocadinho complicado, mas acho que o jornalismo no geral já teve melhores dias. Agora, é mais difícil sair das redações, os orçamentos são mais reduzidos, é tudo muito mais apertado, as notícias têm que ser imediatas no online, seja o que for. No desporto, acho que há uma grande diferença entre os jornais desportivos propriamente ditos e os outros jornais que fazem desporto. Os três jornais desportivos, não quero dizer que são todos iguais, mas são muito parecidos e regem-se muito pela atualidade, pelo jogador que vai jogar amanhã, pelo que vêm não se de onde, e fazem coisas que não têm muita profundidade.*

No desporto dos outros jornais ou no online, também como no “Mais Futebol”, por exemplo, há a preocupação de aprofundar mais os temas, ter mais entrevistas, mais reportagem, mais histórias um bocadinho desconhecidas, mais ‘fora da caixa’, de outras modalidades, de atletas que não conhecemos, mas mesmo tentando fazer isso também sentimos naturalmente a pressão da atualidade, que agora é muito mais premente. No Expresso, por exemplo, do ano passado para agora sentimos alguma diferença, porque tínhamos o papel claro, tínhamos o site e agora temos o diário que todos os dias sai às 6 da tarde para iPad e para computador.

Ou seja, temos três meios diferentes para onde escrever e portanto temos de trabalhar mais, claro, temos menos tempo e temos que arranjar ângulos diferentes para histórias que às vezes são as mesmas. É um trabalho difícil, mas tentamos fazer o melhor.

É um desafio.

- *Sim, um grande desafio.*

Neuza Campina Padrão

Qual foi o seu percurso académico até aqui?

- É um pouco complicado. Eu fiz o secundário em Artes para ir para Arquitetura. O meu sonho sempre foi ser jornalista, mas como havia problemáticas de emprego, eu ia para Arquitetura. Acabei por não seguir esse caminho e fui trabalhar. Fui vendedora durante muitos anos e quando cheguei a Lisboa ouvia muito a TSF e sempre quis fazer alguma coisa ligada ao futebol.

A TSF começou a chamar-me a atenção para a rádio e para fazer alguma coisa em rádio. Eu já gostava de ouvir e comecei a querer fazer isso. Ser jornalista para mim era um sonho, mas nunca pensei fazer. Entretanto, resolvi voltar à faculdade e já que ia tirar um curso universitário, que fosse jornalismo que era aquilo que eu queria fazer. Surgiu a oportunidade de fazer estágio no início do 2º semestre e deixei o trabalho e comecei a fazer estágios. Sempre disse que queria fazer relatos e toda a gente me dizia para não me meter nisso, que isso ia ser impossível, porque não há mulheres a fazer relatos.

E então fiz o curso todo e durante o curso fiz relatos. Estive no Sol e fiz desporto, estive na TSF na continuidade e fazia tudo, mas eu gostava mesmo era de desporto. Quando fui para o Correio da Manhã, comecei no online e depois passaram-me para o desporto.

Eu cresci ligada ao futebol, o meu pai jogava futebol e quando era miúda queria ser apanha bolas, mas não havia nada para as mulheres fazerem e eu nunca tive jeito para desporto.

Consegui então no Correio da Manhã ficar na secção de desporto, tanto no Correio da Manhã como na CMTV. Agora, faço também o “Desporto na Hora”, que é uma produtora de conteúdos desportivos que depois vende para várias rádios e eu faço reportagem de campo, reportagem de apoio ao relato.

Esta escolha pelo desporto foi então devido ao gosto pela área?

- Sim, de todo. Devo ser das poucas mulheres, eu sei, mas sim, é por gosto.

Como foi então chegar à redação e dizer “eu quero é fazer desporto”?

- Ficam a olhar para ti porque não estavam à espera. E quando me mudaram de secção, os meus colegas até ficaram contentes porque é o que me apaixona. O

jornalismo desportivo é um trabalho, portanto eu consigo juntar tudo. Às vezes, publico no Facebook fotografias de serviços e as pessoas acham que não trabalho, porque aquele era o sonho de qualquer pessoa, estar ao pé dos atletas, ver jogos, e consigo trabalhar naquilo que eu mais gosto de fazer. Se eu não trabalhasse dentro de um estádio, eu ia ao estádio na mesma, fosse ver que clube fosse. Independente do meu clube, eu gosto mesmo é do desporto em si e de cada vez mais desportos porque a trabalhar tens a possibilidade de conhecer outros, para além do futebol.

Eu chegar e dizer que gosto de desporto não é estranho. É estranho eu todos os dias trabalhar em desporto. É estranho eu telefonar a um jogador de futebol ou um presidente ou um empresário. Eles estão habituados a ser contactados por homens, e aí é que a ligação é diferente, porque nunca vais ser igual. Nunca vais deixar de ser mulher a fazer de desporto e há homens que acham que as mulheres não percebem nada de futebol e não falam com mulheres sobre futebol. Acontece-me. Eu trabalho como jornalista de desporto há três anos e tenho pessoas a dizerem-me que não discutem futebol com mulheres.

Mas isto não acontece no trabalho, mas às vezes naquelas discussões de café. Sentes que não tens um impacto tão direto quando estás a trabalhar, mas que as pessoas estranham, estranham. Quando dás voz ao trabalho, mais estranho é. Todos estamos habituados aos resumos e relatos feitos por homens. Há muita coisa por fazer ainda, não é? Tens que tentar ser diferente e não fazer o mesmo que os homens, porque nunca vais ser igual a eles. Nunca te vão aceitar.

Tens que ser uma mais-valia por algum motivo. Já houve editores de desporto que me disseram que gostavam de apostar mais em mulheres porque têm uma maneira diferente de ver o futebol. No fundo, acabam por te aceitar bem. Não têm outra hipótese. Vais trabalhar e fazer exatamente o mesmo que eles.

O jornalismo desportivo não é fácil, sejas homem ou mulher. Sendo mulher, é mais difícil ainda.

Mas há abertura ou não?

- Há abertura, cada vez há mais, mas há redações que não querem mulheres, por exemplo. Eu sei mas não vou dizer quais são. Há editores, que eu tive a sorte de não ter, que acham que as mulheres não vão funcionar no desporto. Ou porque são mulheres e os jogadores não vão falar como falaria com um homem, ou porque eles próprios não conseguem olhar para as mulheres como pessoas entendidas em futebol,

ou porque uma voz feminina fica esquisito. Já me disseram que não valia a pena continuar a sonhar em fazer um relato porque sou mulher.

O desporto continua então a ser de homens e para homens?

- É, claro. E se reparares, tens cada vez mais mulheres a apresentar programas de desporto na televisão e porquê? Porque são mais os homens que veem. Por todo o mérito que elas tenham, porque não há nenhuma que diga que só está ali porque é uma cara bonita, até porque se fosse assim também deixavam de ver. Mas a imagem da mulher chama sempre a atenção, isso chama.

E nas redações, porque é que há poucas mulheres? Será que as redações não as aceitam ou elas não se identificam com esta área?

- No ano passado, fui a uma conferência sobre jornalismo desportivo e fiz essa pergunta. Eu acho que é as duas coisas. Não estamos num país em que as mulheres sejam muito ligadas ao desporto, e depois porque se abrir uma vaga em desporto, se aparecer um rapaz põem-no lá e se for uma rapariga, ela vai ter que dizer que ela quer ir. É cultural e não por discriminação. Ou melhor, é uma discriminação cultural tanto das mulheres como dos homens.

Eu vejo muitas colegas, que quando chegam ao desporto estão preocupadíssimas porque dizem que não têm clube de futebol, nunca ligaram ao desporto. Isso não quer dizer que não possam ser excelentes jornalistas de desporto, porque eu posso nunca ter sido política mas vingar na área. Vais aprendendo. Podem levar mais tempo, porque nem sabes o que é um fora-de-jogo, mas tudo se aprende.

Eu acho que a discriminação está nos dois lados. A mim, nunca me disseram «Neuza, tu não podes fazer desporto». Agora, se eu for concorrer com um rapaz, se não nos perguntarem, e se houver uma vaga no desporto e outra na sociedade, se calhar ele vai para o desporto e a rapariga para a sociedade.

Têm que mostrar interesse, é isso?

- Sim, porque à partida as mulheres não querem fazer desporto. Vou dar-te um exemplo. O desporto na CMTV é quase todo feito por mulheres, por mais incrível que isso pareça, e no papel é quase tudo feito por homens, com uma exceção: no Correio da Manhã tens uma subeditora mulher, no Record tens uma editora mulher. Não quer dizer que quando chegaram ao jornal queriam fazer desporto. Provavelmente, não

queriam, mas tens a capacidade de aprender como em qualquer outra secção. Mas há um pouco essa discriminação, à partida. Não vais por uma mulher a fazer desporto, porque provavelmente nem gosta de desporto, vais estar a queimá-la, vais já metê-la numa coisa que ela não quer?

E então colocam-nas em outras secções?

- É porque é mais fácil, porque elas poderão gostar mais. Sabes a Eva, massagista do Chelsea?

Sim.

- É uma mulher. Se não fosse mulher, não estávamos a falar dela agora, é porque é uma coisa rara.

Tens que lidar com muitos homens, porque tens que ir trabalhar para fora e vais tentar falar com jogadores de futebol. Se partes atrás por ser mulher? Não partes, muito pelo contrário. Se calhar, por seres mulher, ele vai responder mais depressa. É verdade! Ou seja, tens que olhar e ver: «Eu não sou homem, sou mulher, por isso vou tirar partido da situação». Tirar partido, no sentido de analisar as situações do ponto de vista feminino. Por exemplo, se olhar para um jogo de futebol ou para uma bancada, reparo em pormenores que se calhar um homem não repararia, mas porque isso faz parte da forma como nós somos formatados.

Ninguém te nega o espaço do desporto. A mim, nunca. Mas há colegas minhas que só de pensar que vão para o desporto, nem dormem. Por outro lado, quando chegas, vão-te tentar ensinar tudo, porque à partida não vais saber nada. Se calhar, até sabes, mas partem do pressuposto que não vês futebol ou hóquei em patins ou ténis de mesa, ou andebol, seja o que for, porque és mulher. A discriminação é social e cultural e não do jornalismo.

Por falar em modalidades. Que modalidades acompanha?

- O Correio da Manhã é generalista, por isso acompanho tudo. A minha paixão é o futebol, mas tenho aprendido a gostar de outras coisas, como futebol americano e jiu-jitsu. Já tive que fazer trabalhos sobre futebol americano e jiu-jitsu não conhecia minimamente, e como tive que investigar, comecei a acompanhar. Segui o Campeonato Europeu em Portugal de ténis de mesa, e acabei por simpatizar. Mas o futebol, e não só

no Correio da Manhã, o futebol é o que mais vende, é o que as massas mais consomem em Portugal.

E no Correio da Manhã, está em que plataforma? Papel e TV?

- Sim, e online. Sou a verdadeira multiplataformas.

Sou jornalista no Correio da Manhã e CMTV e no “Desporto na Hora” sou repórter de campo.

Mas sempre na área do desporto?

- Por norma, sim. Faço alguns trabalhos que não são na área do desporto. O Correio da Manhã, sendo um jornal generalista, se tiver uma história de outra área qualquer, ou se tiver que fazer outra coisa, também se faz. Sinto-me mais em casa se estiver a fazer desporto, do que se estiver a fazer política, mas se for preciso também faço.

Tem alguma história de discriminação negativa, positiva ou até ambas, que possa contar?

- Sim, tenho. A primeira foi um colega ter dito «miúda, gosto muito de ti, mas esquece, não vai haver ninguém a pôr-te a fazer-te desporto, não vai haver ninguém a pôr-te a fazer um relato». E depois tenho exatamente o oposto. Eu comecei no “Desporto na Hora” porque era mulher e porque eles queriam uma voz feminina.

É como te digo, no Correio da Manhã somos muitas mulheres. No programa “Mercado”, a equipa é quase toda feminina. Só há um rapaz, mais os editores.

Eu noto por exemplo que nas chefias há muito mais homens que mulheres. Mesmo nas redações, há mais homens que mulheres. O jornalismo é uma profissão muito masculina. São profissões muito complicadas.

No entanto, saem das faculdades cada vez mais mulheres jornalistas...

- Pois, porque as mulheres não vão à procura do jornalismo puro. Sem querer menosprezar ninguém, mas conheço muita gente a tirar o curso de jornalismo porque quer ser apresentador de televisão. Querem ser pivôs, não querem ser jornalistas, não querem chegar a casa às 11 da noite, à meia-noite, à uma da manhã. Repara, eu não tenho filhos, mas acontecendo alguma coisa de desporto por exemplo, o Jorge Jesus vai do Benfica para o Sporting, é trabalho, muito trabalho. São muitas horas seguidas e

sais muito tarde. O Benfica é campeão, os festejos vão até às 2 da manhã, e tens que estar lá. É uma mulher que vai trabalhar até às 2 da manhã, não era suposto, tens que ir pra casa. [ironia]

Esta é uma profissão com uma taxa elevada de divórcio. É suposto estares em casa e não estás. Combinas jantar para as 8 da noite e tu chegas às 11.

Neste momento, os meus avós estão à minha espera para ir jantar e a minha avó faz o comer que lhe pedi e agora começava ali um incêndio. Eu ligava para a redação, largava tudo e apesar de ser de desporto, eu sou jornalista e ia a correr. É complicado lidares com isso.

Eu até já disse na brincadeira que a partir de agora só arranjo amigos que trabalhem por turnos, não quero amigos que trabalhem de 2^a a 6^a das 9 às 5.

Tu casas com a profissão.

Há horas para entrar, mas não há horas para sair.

- Sim é isso, e não tens fins-de-semana. E porque o jogo acabou tarde e ainda tens que escrever. Tens um filho em casa para ir deitar e não vais. É como os médicos. Vês alguém a ter um 'tareco' à tua frente não vais deixá-lo morrer porque estás a jantar.

Eu sou um bocadinho bruta. Se vais com um ar muito menina, tens que fazer um esforço maior. A discriminação às vezes é o choque inicial, depois fazes o mesmo que qualquer um. Vais a uma conferência de imprensa e perguntas o que quiseses, mas depois volta o choque: «foi uma mulher que fez esta pergunta?». Não há discriminação que limite o trabalho, mas é mais difícil ser jornalista mulher do que homem.

A Cláudia Martins da Antena 1 fez no ano passado uma reportagem de campo do Rio Ave, para as competições europeias e publicou uma fotografia no Facebook. Os comentários eram todos do género, «olha uma mulher na Antena 1 a fazer uma reportagem de campo». Os 'likes' e os comentários não eram a dizer «bom trabalho». Eram: olha uma mulher, na Antena 1, na estação pública! Isto é discriminação!

Quantas mulheres há dentro de um estádio? Quantas mulheres perdem um domingo para ir ver um jogo? Quantas mulheres sabem o que é a “Bola Branca” ou o “Domingo Desportivo2?”

Lembro-me de uma vez ter perguntado por que uma mulher era do Benfica. Ela respondeu-me que era porque o Porto e o Sporting não prestam. Perguntei-lhe o nome de cinco jogadores do Benfica...Eu própria discrimino, porque se, por exemplo, sair só com raparigas sinto-me excluída, porque se começar a falar de bola, começa toda a

gente a olhar para mim. Não é um tema recorrente numa saída de miúdas. Eu acho que é cultural, não é uma discriminação pura.

Sara Marques

Qual o seu percurso académico até chegar onde está agora?

- *Eu sou licenciada em Jornalismo e Ciências da Comunicação, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Terminei em 2004, numa altura pré-Bolonha e ainda não havia Mestrado integrado e tenho simplesmente licenciatura.*

E depois como foi o percurso a partir daí?

- *Eu depois fiz um estágio ainda curricular numa publicação que já não existe, que era o Portugal Diário, que era um site de informação generalista da Media Capital e que depois terminou, quando começou o TVI24 e deu origem ao site do canal. Quem estava no Portugal Diário transitou para o site da TVI24.*

E qual era o trabalho desempenhado nessa altura? Já era ligado ao desporto?

- *Não. Já existia o “Mais Futebol”, onde eu hoje trabalho e que era o site de desporto da Media Capital, havia um site de economia separado também e nós fazíamos o resto entre sociedade, política, internacional, música, cinema, etc. Não fazia desporto. Eu estou em desporto só há 3 anos.*

E como se deu esta transição?

- *Foi sobretudo por questões geográficas, porque eu na altura estava a trabalhar em Lisboa e queria regressar ao Porto e havia esta possibilidade de mudar dentro da empresa e fazer esta transição do site generalista para o site só de desporto e pronto, mudei.*

E como foi a adaptação? Receberam-na bem?

- *Receberam. Eu até já tinha uma colega no site da TVI que me dizia, «a jornalista é jornalista apesar do tema». Apesar de pensar «este é um tema em que nunca trabalhei», apesar de não ser totalmente desligada do tema, mas mesmo quando cobrimos uma área seja sociedade ou política, há sempre temas que aparecem, com que nunca trabalhámos. Quando eu fazia o parlamento, apareciam às vezes uns decretos-lei, uns temas de que eu nunca tinha ouvido falar e tinha que me informar também, portanto receio não tive, e os colegas, como já trabalhava na mesma empresa, receberam-me bem. Acaba por ser uma transição natural na mesma empresa.*

E qual a função desempenhada nesta altura?

- *Eu sou simplesmente jornalista. Quer dizer, somos todos jornalistas, embora constantemente temos que ter funções de edição do site, mas nem sempre acontece.*

E em termos de trabalho em si, vão muito ao terreno, como é que fazem?

- *Sim, fazemos conferências de imprensa, treinos, jogos, e depois trabalho de redação. Durante a semana, saímos menos e o fim-de-semana é quase todo no exterior.*

E há alguma história que possa contar de discriminação? Seja positiva ou negativa?

- *Não, e voltando um bocadinho atrás: quando trabalhava no site generalista, eu cheguei a fazer várias campanhas eleitorais. Na primeira, eram quase só homens e na última eram quase só mulheres. Portanto, sempre trabalhei num meio em que as coisas iam mudando. Em desporto, nas conferências ou nos jogos acontece eu ser só uma, e outras vezes somos quatro ou cinco. Mas nunca notei nada. Nem favorecimento nem desfavorecimento. Nem no contacto com outras pessoas, nem internamente, nem na marcação de trabalhos, é feita por quem está disponível ou mais por dentro de determinado assunto. Não sei se é normal, mas eu nunca notei nada disso.*

A minha questão tem por base o facto de este ser um mundo ainda ‘deles’, podemos dizer assim.

- *É. Eu acho que é a única coisa que eu poderia dizer, e nem é discriminação. Nestes tipos de coisas, os grupos de jornalistas são restritos, são sempre mais os mesmos a ir ao treino do Porto, a ir às conferências de imprensa, e no início, como havia aquele à vontade entre eles, talvez às vezes tivessem mais cuidado com algumas conversas, porque estava lá uma senhora, diziam eles na brincadeira. Mas depois perceberam que podiam estar perfeitamente à vontade e que não havia qualquer diferença. Podia ser pelo facto de não me conhecerem, mas também podia ser por estar lá uma senhora. É uma questão que tem também a ver a postura que a pessoa tem. Também perceberam que não havia nenhuma anormalidade.*

Apenas uma pessoa a fazer o seu trabalho.

- *Sim, às vezes é mais nos momentos de descontração e em que sai mais uma ‘brejeirice’, mas depois perceberam que podiam falar à vontade, que não havia*

problema nenhum. Estamos todos em pé de igualdade. Uns mais novos, outros mais velhos, homens, mulheres, mas não havia qualquer diferença.

Assim sendo, porque continuam a estar em menor número?

- Penso que, como há uns anos era uma área quase exclusivamente preenchida por homens, a entrada vai sendo feita progressivamente, por isso os números ainda não estão equilibrados.

E como é que vê o jornalismo neste momento em Portugal, mais concretamente o ligado ao desporto?

- Eu sou jornalista há 11 anos e faço desporto há menos tempo. Eu encontro fenómenos no jornalismo de desporto a que não estava habituada. Eu estava habituada a ligar a um deputado, se tivesse o contacto dele e ele decidia se respondia ou não às minhas questões. No desporto, não posso telefonar a um jogador de futebol de um grande clube, por exemplo. Não há essa proximidade. Os clubes escondem muito os profissionais, o que obriga a que o trabalho do jornalista seja diferente.

Infelizmente, na maior parte das vezes, temos que andar, ou a reboque dos canais oficiais dos clubes, sejam os sites, televisões, jornais ou revistas dos clubes, ou temos que andar a 'furar' e o trabalho torna-se mais complicado e é um desafio. Às vezes, sinto que há uma certa injustiça em relação ao trabalho dos jornalistas, quando dizem que vamos todos atrás do mesmo, mas não é fácil quando também nos escondem tudo, quando um simples cumprimento a um jogador num parque de estacionamento causa logo olhares assustados e furiosos, por parte do departamento de comunicação do clube. Estão muito à margem e isso não era assim antes.

Eu ouço as histórias que os meus colegas contam e havia uma maior liberdade, e não estou a falar concretamente de grandes notícias, transferências ou assim, mas às vezes não há facilidade sequer para fazer uma entrevista de carreira a um jogador, um trabalho diferente, não há essa facilidade com um jogador de um grande clube e mesmo alguns pequenos não permitem também. Em termos depois com o que é publicado, como tudo é muito escondido, acho que às vezes há assim um bocadinho de ímpeto de ser os primeiros a noticiar, ouvi dizer isto, vou publicar, e sobretudo numa altura em que todos os jornais têm site, e eu trabalho em online há 11 anos, e sempre me disseram «não interessa seres a primeira se a notícia não é verdadeira».

Temos muitas vezes que pensar bem e não publicar algo que acabei de ouvir sem ter a confirmação, mesmo que não seja a confirmação do clube. Isso ainda se vê muito no jornalismo desportivo, sobretudo nos meses do mercado e se fossemos a contar o número de notícias que depois não se confirmaram, são demasiadas. Culpa de parte a parte.